

Universidade de Passo Fundo

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação
Mestrado em Letras

Fernanda Schneider

**ENUNCIÇÃO E HUMOR:
uma análise linguística de tiras**

Passo Fundo

2011

PPGL
Programa de Pós-Graduação
em Letras **UPF**

Fernanda Schneider

**ENUNCIÇÃO E HUMOR:
uma análise linguística de tiras**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo, como requisito para obtenção do grau de mestre em Letras, sob a orientação da Profª Dr. Claudia Stumpf Toldo.

Passo Fundo

2011

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado o dom da vida e a possibilidade de realização de mais este sonho.

Aos meus pais, João e Elisabet, que me incentivaram, apoiaram e compreenderam a importância da realização deste estudo para minha vida.

Ao namorado, Aécio Fernando Bocolli, pelo incondicional apoio, incentivo e compreensão.

Ao Juliano, à Dileusa, ao Gabriel [e à Emanuely], pelos momentos que deixei de estar com eles para poder me dedicar à realização deste trabalho.

A Catiúcia Carniel Gomes e a Roberta Costella, pelas discussões sobre a teoria, por dividirmos as alegrias e, acima de tudo, por partilharmos as angústias.

Aos professores que ministraram as aulas no mestrado, em especial às professoras Dr. Carmen Regina Schons e Dr. Telisa Furlanetto Graeff, pela oportunidade e privilégio que nos foi dado de podermos compartilhar tamanha experiência e, ao frequentar este curso, perceber a relevância de conceitos que até então não faziam parte de nossa vida profissional.

Aos demais coordenadores, idealizadores e funcionários da UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO.

Por fim, à professora Dr. Claudia Stumpf Toldo, que, além de orientadora, foi incentivadora, permitindo-me partilhar da sua sabedoria. Seu profissionalismo, seus exemplos, seus estudos e sua dedicação, sem dúvida alguma, contribuíram para o desenvolvimento deste estudo e, certamente, tornaram-me uma profissional e uma pessoa melhor.

Bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver.

Émile Benveniste

RESUMO

Neste trabalho, propomo-nos analisar a construção do humor nas tiras de Iotti, à luz da Teoria da Enunciação de Émile Benveniste. Nosso objetivo principal é descrever e analisar como o humor é construído, baseando-nos nos conceitos propostos na teoria que norteia essa pesquisa. Tomamos como ponto de partida para tal investigação as obras de Benveniste intituladas *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II* (1966 – 1974, respectivamente). Segundo a proposta aqui formulada, a enunciação é da ordem do irrepitível, do singular, manifestada a cada vez que alguém diz “eu” a um “tu” em relação a “ele”. Assentados nesse contexto teórico, desenvolvemos a argumentação em torno da ideia de que o humor é fruto de uma construção derivada da situação de enunciação, entendida a partir do que Benveniste considera enunciação: “ato de tornar fala a língua” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 42). Dessa forma, a pesquisa é descritiva, bibliográfica e qualitativa porque tem a finalidade de observar e analisar fatos linguísticos em tiras de humor. Para tanto, partimos da noção de que “a referência é parte integrante da enunciação” (BENVENISTE, 2006c, p. 84) e de que é o locutor que a estabelece no ato de discurso. Como a referência – significação singular e irrepitível da língua – não pode ser prevista nem fixada, a hipótese é a de que o humor se realiza na situação de discurso –, que é definidora da referência, por meio da relação indissociável de forma e sentido (semiótico e semântico). Para que os objetivos propostos fossem alcançados, utilizamos um *corpus* composto por cinco tiras de Iotti (2010), selecionadas do *site* oficial do autor. Após a seleção do *corpus*, realizamos a análise de cada tira em duas etapas: 1) descrição dos elementos textuais da tira, 2) análise enunciativa da tira, considerando a relação *enunciação* e *humor*, com base nos três elementos que, segundo Benveniste (2006c), constituem o quadro formal da enunciação: o *ato* de enunciação; a *situação* em que a enunciação se realiza e os *instrumentos* utilizados no uso da língua nas tiras analisadas. Posteriormente, procedemos à discussão das análises. Por meio deste estudo, percebemos que é pela relação indissociável entre forma e sentido que o humor é construído *na* e *pela* enunciação.

Palavras-chave: Língua. Linguagem. Enunciação. Humor. Forma. Sentido.

ABSTRACT

In this study, we propose to analyze the construction of the humor in the strips of Iotti. Our main objective is to describe and analyze how the humor is built from the study of concepts proposed in the theory that guides this research. We take as a starting point for such research, the theoretical support in the works of Benveniste entitled *Problems in General Linguistics I* and *Problems in General Linguistics II* (1966 - 1974, respectively). Under the proposal made here, the enunciation of the order is unrepeatable, singular, manifested every time someone says "I" to a "you " for "he". From this theoretical context developed an argument in favor of that humor is the result of a construction derived from the situation of enunciation, understood from what Benveniste believes enunciation of "speech act of making the language" (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 42). Thus, research is descriptive and qualitative bibliography because its purpose is to observe and analyze linguistic facts in comic strips. For that, we started with the notion that "the reference is part of the enunciation (BENVENISTE, 2006c, p. 84), is the announcer states that the act of speech. Since the reference - singular and unrepeatable meaning of the language - can not be predicted or determined, the assumption is that the humor is done in the speech situation - that is defining the reference through the inseparable relationship of form and meaning (semiotic and semantic). For the proposed objectives are achieved, we used a corpus consisting of five (5) strips of Iotti (2010), selected from the official website of the author. After selecting the corpus, we conducted an analysis of each strip into two stages: 1) the textual description of the strip, 2) analyzing expository Strip, considering the relationship enunciation and mood, based on three elements that, according to Benveniste (2006c) constitute the formal framework of enunciation: the *act* of enunciation: the *situation* where the announcement is made and the *instruments* used in language use in the strips analyzed. Then we proceeded to discuss the analysis. Through this study, we realized that it is the inseparable relationship between form and meaning that the humor is built *on/and* enunciation.

Keywords: Language. Enunciation. Humor. Form. Meaning.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CLG	Curso de Linguística Geral
DLE	Dicionário de Linguística da Enunciação
PLG I	Problemas de Linguística Geral I
PLG II	Problemas de Linguística Geral II
TAL	Teoria da Argumentação na Língua
TBS	Teoria dos Blocos Semânticos

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 – Níveis de significação: semiótico e semântico	62
Quadro 2 - Tipos textuais e gêneros textuais	66
Figura 1 - Exemplo de tira-piada	71
Figura 2 - Exemplo de tira-episódio	72
Figura 3 - Tira 829	75
Figura 4 - Tira 339	81
Figura 5 - Tira 398	85
Figura 6 - Tira 333	88
Figura 7 - Tira 368	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1 A LINGUÍSTICA DA ENUNCIÇÃO: pressupostos em Émile Benveniste.....	15
1.1 Percepções sobre a enunciação: a contribuição de alguns pesquisadores de linha francesa	16
1.2 A enunciação em Benveniste	25
1.3 Aspectos da enunciação em Benveniste	33
1.3.1 Da subjetividade na linguagem e a noção de sujeito	34
1.3.2 Os níveis de análise linguística.....	36
1.3.3 As categorias de pessoa e de espaço-tempo	40
1.3.4 Forma e sentido na linguagem	42
2 HUMOR: a evocação do risível	50
2.1 Estudos sobre humor	51
2.2 O riso, por Henri Bergson.....	54
2.3 Enunciação e humor.....	60
2.4 Gêneros textuais e tiras de humor: a abordagem dada pela enunciação	63
3 METODOLOGIA E ANÁLISE	68
3.1 Procedimentos metodológicos.....	68
3.2 Seleção e descrição do <i>corpus</i>	69
3.4 De quadro a quadro: algumas características sobre o <i>corpus</i>	70
3.5 Análise enunciativa das tiras	74
3.5.1 Análise da tira 1.....	75
3.5.2 Análise da tira 2.....	81
3.5.3 Análise da tira 3.....	85
3.5.4 Análise da tira 4.....	88

3.5.5 Análise da tira 5.....	92
3.6 Discussão das análises	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	99
REFERÊNCIAS.....	103

INTRODUÇÃO

Neste estudo, propomo-nos descrever e analisar a construção do humor em tiras na perspectiva enunciativa desenvolvida por Émile Benveniste. Buscamos suporte teórico neste autor por ser considerado um dos principais estudiosos da enunciação. Embora Benveniste não apresente uma teoria já desenvolvida para a análise de textos, acreditamos que isso é possível em razão dos princípios teóricos norteadores da construção dos conceitos da teoria enunciativa, por nos permitirem abordar e analisar aspectos fundamentais para realização de nosso trabalho, tanto como pesquisadores quanto como professores.

Com base no quadro saussuriano¹, Émile Benveniste desenvolveu um modelo de análise da língua voltado à enunciação. Por essa razão, é considerado o principal representante da *teoria da enunciação*. Segundo Flores e Teixeira (2008, p. 29), “o lugar desse autor é singular no contexto histórico em que suas reflexões foram produzidas”, porque na época – por volta de 1966 – muitos fenômenos que, até então, eram desconsiderados ganharam espaço nas análises desenvolvidas por Benveniste.

A irrepetibilidade do *aqui e agora* e a subjetividade como objeto da linguística são alguns dos princípios abordados e desenvolvidos por Benveniste. A enunciação possui forte componente contextual, o que levou a que fosse desacreditada por muitos estudiosos, como o dinamarquês Louis Hjelmslev² (1899 – 1965), que em sua teoria estruturalista não considera aquele que enuncia e defende o ideal da repetibilidade.

Hoje, os estudos envolvendo a linguística da enunciação, não mais emudecidos, permitem-nos ler Benveniste “num contexto menos adverso” (FLORES, 2005, p. 129). Mas por que, entre tantas teorias, apoiamos nosso trabalho justamente nesse autor? Porque seu estudo é singular e, sendo singular, não ignora a regularidade, porém também não fica preso a ela. Isso nos é relevante porque acreditamos que, por meio da Teoria da Enunciação na perspectiva de Benveniste, seja possível compreender os diferentes sentidos pela observação das marcas linguísticas presentes em todo enunciado, ultrapassando-as (as marcas). Além disso, a Teoria da Enunciação também nos possibilita ver além do que está posto, pois trabalhamos com a subjetividade de sujeitos (*eu e tu*).

¹ Quando mencionamos o quadro saussureano, referimo-nos a Ferdinand de Saussure (1857 – 1913). Saussure foi um linguista e filósofo suíço cujas elaborações teóricas propiciaram o desenvolvimento da linguística como ciência. O pensamento de Saussure estimulou muitos dos questionamentos que comparecem na linguística do século XX. Saussure enunciou algumas dicotomias, como língua x fala, sincronia x diacronia, sintagma x paradigma, significante x significado.

² Louis Hjelmslev (1899 – 1965): linguista dinamarquês, seguidor de Saussure e fundador da glossemática (estudo e classificação dos glossemas, as menores unidades linguísticas que podem servir de suporte a uma significação). Fundou o Círculo Linguístico de Copenhague (1931).

Diante do exposto e considerando a necessidade de estudos que envolvam as situações de uso da linguagem, analisamos a construção do humor em tiras³ com base nos aspectos teóricos desenvolvidos por Émile Benveniste, principalmente nas obras *Problemas de linguística geral I e Problemas de linguística geral II*⁴ (1966 – 1974, respectivamente). Mais especificamente, detemo-nos nos conceitos desenvolvidos nos textos “Da subjetividade na linguagem” (1958 – PLG I); “Os níveis de análise linguística” (1964 – PLG I), “A forma e o sentido na linguagem” (1966 – PLG II), “Semiologia da língua” (1969 – PLG II) e “O aparelho formal da enunciação” (1970 – PLG II).

Dedicando-nos a uma leitura atenta dos PCNs⁵ (1998), percebemos que esse referencial aponta para uma dimensão enunciativa da linguagem ao enfatizar o tratamento das formas como produtoras de efeitos de sentido no discurso. No entanto, como professores, observamos que ainda se encontra presente nas escolas um ensino que considera a língua numa perspectiva distante de uma concepção enunciativa. Além disso, pelo que constatamos em nossa prática docente, a gramática tradicional, cujo estudo descontextualizado parece predominar nas salas de aula da educação básica, não relaciona forma (que é o modo de significação próprio do signo linguístico) e sentido (modo de significação engendrado pelo discurso, pelo uso da língua).

Assim, inquietam-nos algumas questões: Como se relacionam forma e sentido na linguagem? Como é construído o humor nas tiras, considerando a visão enunciativa? No decorrer deste estudo, abordaremos essas questões tomando por base os referenciais teóricos mencionados. Nossa hipótese é a de que o humor depende da simultânea consideração das relações de dissociação de forma (semiótica) e integração do significado (semântico), determinadas pela referência única e irrepitível da palavra no discurso.

Segundo a proposta aqui formulada, a enunciação é da ordem do irrepitível, do singular, manifestada a cada vez que alguém diz “eu” a um “tu” em relação a “ele”. O

³ O gênero *tiras* será abordado no capítulo 3, seção 3.3 “De quadro a quadro: algumas considerações sobre o *corpus*”.

⁴ As obras *Problemas de linguística geral I e Problemas de linguística geral II* reúnem estudos escritos e publicados em anos diferentes. Cada artigo traz como nota de rodapé a data de sua publicação. O primeiro livro - PLG I - foi publicado em 1966 e o segundo - PLG II -, em 1974. Posterior a esta data, outras edições foram lançadas. Assim, as obras de que nos ocupamos para a realização deste estudo são de datas recentes: o PLG I teve publicada sua quinta edição em 2005 e o PLG II, a segunda edição em 2006. Para nos mantermos fiéis aos textos e para facilitar nosso estudo, utilizaremos as datas destas últimas edições, mas sempre que possível faremos referência à data em que foram originalmente publicadas.

⁵ Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) são referências para o Ensino Fundamental e Médio do país, elaboradas pelo governo federal. O objetivo desse material é propiciar subsídios à elaboração e reelaboração do currículo, tendo em vista um projeto pedagógico que contemple a cidadania do aluno e uma escola em que se aprenda mais e melhor. Quando foram lançados, os PCNs receberam algumas críticas, o que impossibilitou o acesso de muitos professores ao material. Hoje, passados mais de dez anos e melhor analisado seu conteúdo, os PCNs servem como subsídio para a elaboração de currículos, estudo e elaboração de pesquisas.

referencial teórico mobilizado, como já salientamos, é o da linguística da enunciação na versão de Émile Benveniste (1962) – principal representante do que se convencionou chamar de “Teoria da Enunciação” – e os estudos sobre essa teoria realizados por Valdir do Nascimento Flores, Marlene Teixeira, Claudine Normand e Aya Ono, entre outros autores citados e estudados no decorrer desta pesquisa.

Dessa forma, o objetivo principal deste estudo é descrever e analisar a linguagem utilizada em tiras, observando como se constrói o humor na perspectiva enunciativa de Benveniste. Para tanto, propomos alguns objetivos específicos: fazer a descrição textual do *corpus*, apontando características que contribuem para a construção do humor; apresentar a descrição dos elementos enunciativos presentes nas tiras, considerando as categorias de pessoa, tempo e espaço, observando, assim, as marcas da subjetividade; por fim, verificar qual é a relação estabelecida entre a forma e o sentido das palavras ou expressões na construção do humor.

A fim de realizar nosso propósito, escolhemos as tiras de Iotti⁶ como o suporte textual deste estudo. Sabendo que nas tiras o humor se faz presente, são necessários estudos que nos permitam melhor entender a construção do sentido nos textos. Assim, para a análise utilizamos um *corpus* composto por cinco tiras extraídas do *site*⁷ oficial do autor. Nossa pesquisa é descritiva, bibliográfica e qualitativa, pois fazemos um estudo enunciativo do sentido linguístico das palavras, bem como analisamos os efeitos de humor provocados pelas escolhas lexicais.

Para a concretização dos nossos objetivos organizamos este estudo em três capítulos, assim estruturados: no primeiro, dedicamo-nos à teoria escolhida para este estudo, a Teoria da Enunciação na perspectiva de Émile Benveniste. Traçamos, primeiramente, um panorama dos estudos enunciativos de linha francesa, ancorados principalmente nos livros *Introdução à linguística da enunciação*, organizado por Valdir do Nascimento Flores e Marlene Teixeira (2008); *Convite à linguística* (2009), de Claudine Normand; *História do estruturalismo: o campo do signo* (v. 1, 1993) e *História do estruturalismo: o canto do cisne* (v. 2, 2007), de François Dosse. Posteriormente, abordamos os estudos de Benveniste acerca da enunciação, enfocando os elementos necessários para atingir nossos objetivos. Para isso, apresentamos as

⁶ Carlos Henrique Iotti (Caxias do Sul, 27 de fevereiro de 1964) é jornalista e cartunista brasileiro, mais conhecido como o criador do personagem Radicci. Aos dezesseis anos procurou fazer carreira com o desenho e, depois de concluir o curso de Jornalismo na UFRGS, criou os primeiros personagens. Em 1983, no jornal *Pioneiro*, nasceu Radicci, o mais popular de seus personagens.

⁷ IOTTI. *Radicci social club*. Caxias do Sul, 24 ago. 2010. Disponível em: < www.radicci.com.br > Acesso em: 24 ago. 2010.

noções de *sujeito e subjetividade, de pessoa e não-pessoa, de tempo e espaço e de forma e sentido*. A enunciação apresenta organização da qual fazem parte o locutor e o alocutário: o locutor apropria-se da língua e se enuncia instaurado como um “eu” no discurso e instaurando um “tu” (alocutário). Para Benveniste, as palavras somente têm sentido no discurso, e forma e sentido devem ser articuladas juntas. Em nossas análises, verificamos como essa junção entre forma e sentido colabora, e até mesmo é indispensável, para a construção do sentido do humor em tiras.

No segundo capítulo, apresentamos considerações acerca dos estudos sobre o humor à luz da teoria desenvolvida pelo filósofo Henri Bergson (2007). Por fim, relacionamos enunciação e humor ao retomar fundamentos da teoria de Benveniste e apresentar considerações sobre o *corpus* deste trabalho – as tiras de Iotti, caracterizando-as como um gênero, no sentido desenvolvido por Mikhail Bakhtin (2003).

No terceiro e último capítulo, procedemos à análise das tiras. Para isso, traçamos dois procedimentos: descrição dos elementos textuais da tira e respectiva análise enunciativa da tira considerando a relação *enunciação e humor*, segundo os três elementos que, segundo Benveniste (1970), constituem o quadro formal da enunciação: o *ato* de enunciação, a *situação* em que a enunciação se realiza e os *instrumentos* utilizados no uso da língua nas tiras analisadas. Posteriormente a essas duas etapas, apresentamos a discussão das análises e, por fim, conclusões e considerações que a Teoria da Enunciação proporciona à análise do humor em tiras. Como este estudo propõe uma nova forma de pensar a relação língua/linguagem, do signo codificado no sistema (SAUSSURE⁸, 2006) para a expressão do sentido resultante da relação do signo com o contexto (BENVENISTE, 2005), pretendemos com as reflexões realizadas apresentar contribuições para a análise linguística de textos.

Considerando que a enunciação é um tema de muita relevância nos estudos da linguagem e que o humor é um recurso muito utilizado nos mais variados gêneros textuais que circulam em nossa sociedade, pensamos ser possível, e até mesmo necessário, estabelecer e compreender a relação *enunciação e humor*. Além disso, compreendemos que a teoria da enunciação de Benveniste pode contribuir para os estudos envolvendo a linguagem, pois,

8 Esclarecemos que, no decorrer deste estudo, sempre que citarmos Saussure faremos referência ao *Curso de linguística geral* (1916), utilizando a edição de 2006. Como morreu prematuramente em 1913, Saussure não teve nenhuma publicação em vida. Depois de sua morte, seus alunos buscaram estudos do mestre para publicar um livro que apresentasse a doutrina exposta em seus cursos. No entanto, as buscas foram frustradas e nenhuma nota foi encontrada. Por esse motivo, Charles Bally e Albert Sechehaye resolveram compilar e comparar as notas dos alunos feitas durante as aulas. Esse trabalho culminou na obra *Curso de linguística geral (Cours de Linguistique Générale)*, publicada em 1916 e que serve ainda hoje de leitura imprescindível para todos os estudantes e é referência para os pesquisadores em linguística.

partindo da estrutura, estuda-se a língua despojada de preconceitos, de normas e da acepção de falante/escritor ou ouvinte/leitor ideal.

Enfim, trabalhos como o que se propõe nestas páginas justificam-se pela necessidade de se conhecer mais essa importante realização social que é a linguagem. Afinal, existiria o homem/ser social sem a linguagem? Acreditamos que não. Como salienta Benveniste (2005b, p. 285), “não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem”. Então, estudemo-la.

1 A LINGUÍSTICA DA ENUNCIACÃO: pressupostos em Émile Benveniste

É no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem (BENVENISTE, 2005d, p.140).

Neste capítulo enfocamos a Teoria da Enunciação segundo Émile Benveniste⁹, a fim de determinar princípios que possam auxiliar na descrição de como se constrói o humor nas tiras numa perspectiva enunciativa. Baseamo-nos nesse autor por ser o principal representante da Teoria da Enunciação, a qual contempla pressupostos relevantes para a análise que pretendemos realizar.

A consideração da relação entre língua e fala levou a que surgisse um novo modo de ver a linguagem: o da linguística da enunciação. Teixeira e Flores (2008) diferenciam teorias da enunciação (no plural) e linguística da enunciação (no singular) por meio de duas constatações: por um lado, há uma diversidade que possibilita considerar mais de uma teoria da enunciação; por outro, existem traços comuns, elementos, que se assemelham a todas as perspectivas. Exemplo disso é o fato de diversas teorias enunciativas estarem vinculadas aos conceitos saussurianos de relação entre língua e fala.

É preciso, no entanto, esclarecer que, mesmo havendo semelhanças, não há o objetivo, nem mesmo a possibilidade, de unificá-las. Os teóricos aqui abordados reconstróem o pensamento de Saussure para poder dar conta do emprego da língua. Para o presente estudo, enfocamos a Teoria da Enunciação em Benveniste, em razão de fornecer embasamento teórico relevante para os estudos envolvendo a linguagem e o próprio ensino da língua portuguesa.

Para atingir nossos objetivos iniciais, organizamos o capítulo em três seções e quatro subseções. Na primeira seção (1.1), por considerar necessária a compreensão dos estudos que envolvem a enunciação dentro e fora do Brasil, fazemos uma breve apresentação sobre a história dessa teoria, elucidando a contribuição de alguns pesquisadores de linha francesa; na seção seguinte (1.2), situamos a teoria de Émile Benveniste em relação às demais teorias da enunciação, além de nos referirmos à noção de enunciação e aos estudos enunciativos da linguagem; na terceira e última seção (1.3), subdividida em quatro seções, apresentamos aspectos fundamentais da teoria da enunciação desenvolvida por Émile Benveniste. Para tanto, buscamos contribuições nos estudos sobre enunciação desenvolvidos por Valdir do

⁹ Émile Benveniste (1902 – 1976) foi um linguista francês. De origem judia, estudou ao lado de linguistas como Antoine Meillet e foi discípulo de Michel Bréal. Em 1937, Benveniste, que tem nos seus estudos a marca do estruturalismo, ingressou no Collège de France de Paris, onde lecionou linguística estrutural até 1967.

Nascimento Flores, Marlene Teixeira, Claudine Normand, Aya Ono e outros autores, leitores¹⁰ e pesquisadores de Benveniste, para que possamos enriquecer a abordagem a ser realizada sobre as noções desenvolvidas por Benveniste.

1.1 Percepções sobre a enunciação: a contribuição de alguns pesquisadores de linha francesa

A linguística da enunciação, desenvolvida na França a partir da década de 1950, compreende várias teorias, as quais, apesar de surgirem em momentos diferentes, possuem características comuns. Isso porque, de modo geral, as teorias enunciativas vinculam-se aos conceitos de língua e fala saussurianos, mas, diferentemente do que se propôs no CLG (2006), na perspectiva enunciativa a língua aparece relacionada à fala. Exemplo disso é que, mesmo contrariando princípios estruturalistas, as teorias da enunciação apresentam-se filiadas a Saussure. Assim, em razão da necessidade de relacionar as noções de língua e fala, tem-se uma nova forma de ver a linguagem: a enunciação.

Para melhor compreender essas elucidações, abordamos a seguir alguns dos principais representantes dos estudos enunciativos de linha francesa¹¹ – Charles Bally, Roman Jakobson, Mikhail Bakhtin, Oswald Ducrot¹², Jacqueline Authier-Revuz, Antoine Culioli, Catherine Kerbrat-Orecchini, José Luiz Fiorin – e, por último, dedicamo-nos aos estudos de Émile Benveniste. Salientamos que dificilmente esses autores poderiam ser apresentados de forma sucinta, porém, para que possamos atingir nossos objetivos neste trabalho, é inevitável a necessidade de fazer recortes dos estudos e das contribuições de cada linguista, mesmo assim queremos sublinhar alguns desses estudiosos da linguagem, a fim de contemplar apenas um panorama geral – mesmo que genérico – dos estudos que envolvem a enunciação.

Considerado discípulo de Saussure e criador da nova estilística, Charles Bally é o primeiro linguista a formular um pensamento voltado à enunciação (FLORES; TEIXEIRA, 2008). Conhecido também como o primeiro pós-saussuriano, Charles Bally esteve durante boa parte de sua vida vinculado a Saussure, a quem sucedeu na cadeira de Linguística Geral

¹⁰ O termo “leitores” de Benveniste é comumente usado para designar os autores que a partir da leitura dos textos daquele apresentam estudos que colaboram para o entendimento e organização da teoria da enunciação, como percebido na leitura de textos de Flores e Teixeira (2008) e Normand (2009).

¹¹ Esclarecemos que a escolha pelos pesquisadores e o percurso traçado contemplam a linha francesa, em razão da influência que exerceram e ainda exercem esses estudos sobre a linguística no Brasil.

¹² Oswald Ducrot, Jacqueline Authier-Revuz, Antoine Culioli, Catherine Kerbrat-Orecchini e José Luiz Fiorin são autores que continuam a desenvolver estudos. Todos tiveram notoriedade de suas pesquisas a partir das décadas de 1970 e 1980.

na Universidade de Genebra; é um dos organizadores do *Curso de linguística geral* e, ao longo de sua obra, as referências ao pensamento de saussuriano são constantes.

Conforme Sholze (2008, p. 36), ao elaborar *Traité de stylistique française*, em 1909, Bally “propõe que a estilística deixe de ser normativa para ser descritiva. Busca uma estilística da língua, e não apenas da literatura ou dos escritores”. Dessa forma, sugere que a estilística deixe de ser normativa e passe a ser descritiva. Ao desenvolver uma linguística da fala, o pesquisador parte do princípio de que a linguagem pode expressar sentimentos, o que significa dizer que “a linguística deve se preocupar com a presença da enunciação no enunciado e não apenas com o enunciado propriamente dito” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 16). Assim, por meio da investigação da linguística da fala, Bally realizou um estudo da língua em seu uso cotidiano e oral.

De acordo com Flores e Teixeira (2008, p. 17), “sua estilística [de Bally] é inovadora, pois mostra a inadequação do estudo da linguagem baseado em noções como a de ‘certo’ e a de ‘errado’”. O estudioso, influenciado por Saussure, distingue língua/fala, sincronia/diacronia e paradigma/sintagma, conduzindo essas distinções como princípios metodológicos a um estudo da fonética, do uso lexical e da sintaxe, numa abordagem da língua viva e considerando o uso.

Dois conceitos importantes desenvolvidos por Bally são os de *dictum* e *modus*. Segundo Sholze (2008, p. 37), “o *dictum* corresponde à base da oração, o que é dito; e o *modus* é a operação do falante sobre o *dictum*, o modo como se diz”. Dessa forma, de acordo com o autor, toda oração tem essas duas partes: uma que é a representação do conteúdo, o *dictum*, e outra que é a avaliação modal do falante, o *modus*.

Bally considera a língua numa perspectiva semelhante à do CLG, mas de forma ampliada, pois concebe o sujeito falante como a expressão do “eu”. Nesse sentido, Flores e Teixeira (2008, p. 18) afirmam que “a teoria de Bally integra ao estudo da língua o contexto linguístico da linguística textual iniciada pela Escola de Praga”. Há, assim, uma teoria que vai além da simples distinção *dictum/modus*, ou seja, integra ao estudo da língua o contexto linguístico e distingue a presença do sujeito pelo emprego das classes gramaticais do sujeito falante em categorias específicas.

Passando a Roman Jakobson, vemos que, nascido em Moscou em 1896, com mais de seiscentas publicações, estudou diversos temas, como o folclore, a poesia, a fonologia, a crítica literária, a aquisição de linguagem, as línguas do mundo, a patologia de linguagem,

entre outros. Dosse¹³ (1993, p. 75) salienta que “o êxito do estruturalismo na França é, entre outros fatores, o resultado de um encontro particularmente fecundo em 1942, em Nova York, entre Claude Lévi- Strauss¹⁴ e Roman Jakobson”. Levi-Strauss tomou o modelo fonológico iniciado por Jakobson, o qual abriu a linguística para a antropologia.

Jakobson teve importante papel na divulgação de estudos envolvendo a linguística e a poética. Mas por que esses estudos são importantes para a enunciação? Por meio da teoria das funções da linguagem (emotiva, conativa, metalinguística, referencial, fática e poética), o teórico supõe um sujeito capaz de falar e de ter diferentes atitudes em diversos aspectos da mensagem. No entanto, é com o estudo de *shifters* que o pesquisador “sistematiza um trabalho enunciativo da linguagem” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 24). De acordo com Jakobson (1963), os *shifters* são símbolos-índices, pois combinam duas funções: são os elementos do código que remetem à mensagem.

Essa noção é explicada por Jakobson por meio dos pronomes pessoais: no pronome “eu” há aquilo que remete ao código e aquilo que remete à mensagem. Em relação ao código, não pode o signo “eu” representar seu objeto sem estar associado a “ele” por uma regra convencional, em códigos diferentes, como “ego” ou “I”, em que o mesmo sentido é atribuído a sequências diferentes, entre as quais “eu” é apenas um desses símbolos. Para Flores e Teixeira (2008), o que conduz a que a teoria de Jakobson seja enunciativa é a presença do locutor no enunciado, pois, em relação ao índice, o “eu” relacionado ao locutor remete à mensagem, ou seja, está em relação com a enunciação.

Jakobson teve marcante presença nos estudos realizados no Brasil. De acordo com Flores e Teixeira (2008), além de fornecer suporte teórico para a análise da poesia, dialogou com os teóricos brasileiros. Amigo do professor Boris Schnaiderman – tradutor e introdutor dos estudos teóricos russos no país –, esteve no Brasil na década de 1970. Segundo Machado, “difícilmente é possível ignorar as contribuições de Jakobson” (2010, p. 01), visto que o estudioso apresenta noções fundamentais para o estudo da estrutura e da fonologia da língua portuguesa; a unidade na variedade linguística do português brasileiro; a poética sincrônica e os rumos da história textual; as funções da linguagem nas práticas discursivas; a

¹³ François Dosse é professor de História no Instituto Universitário de Formação de Professores de Créteil e no Instituto de Estudos Políticos de Paris. Após consagrar sua tese de doutorado na Ecole des Annales (1983), seguiu suas pesquisas sobre o estruturalismo. Atualmente as linhas de pesquisa de Dosse estão relacionadas à historiografia, à epistemologia das ciências humanas e à história intelectual.

¹⁴ Claude Lévi-Strauss (1908-2009) foi um antropólogo, professor e filósofo francês. É considerado fundador da antropologia estruturalista, em meados da década de 1950, e um dos grandes intelectuais do século XX. Professor honorário do Collège de France, ali ocupou a cátedra de Antropologia Social de 1959 a 1982. Foi também membro da Academia Francesa, o primeiro a atingir os cem anos de idade.

metalinguagem e a dialogia dos signos nas culturas. Além disso, a grande contribuição de Jakobson para o ensino de língua portuguesa – considerando seu funcionamento – está no estudo das funções da linguagem. Para Dosse (1993, p. 76),

Jakobson teve um percurso surpreendente. Verdadeiro *globe-trotter*¹⁵ do estruturalismo, ele deve sua posição central e sua influência a um percurso que o levou de Moscou a Nova York, passando por Praga, Copenhague, Oslo, Estocolmo e Upsala, sem contar com as viagens muito frequentes a Paris. Reconstituir seu itinerário equivale a seguir as voltas e desvios do paradigma estruturalista nascente, em sua escala internacional.

Foi Jakobson quem, em 1915, criou o Círculo Linguístico de Moscou¹⁶ com o objetivo de promover a linguística e a poética. Segundo Dosse (1993, p. 76), “a primeira sessão do Círculo tem lugar na sala de jantar da residência dos pais de Jakobson”. Mais tarde, em 1920, Jakobson conheceria o CLG em Praga. Em 16 de outubro de 1926, agora na Tchecoslováquia, juntamente com os tchecos Vilém Mathesius, Makarovsky e J. Vachek e dos russos Nicolai Troubetzkoy e Serge Karcevski, fundou o Círculo Linguístico de Praga¹⁷, cuja filiação é saussuriana.

Denominado por muitos autores como o “homem das colaborações”, Jakobson não produziu nenhuma obra teórica que apresentasse toda sua doutrina nem seu nome aparece em muitos dos livros e manuais didáticos que apresentam o ensino de língua e literatura. Entretanto, suas descobertas colaboraram – e ainda colaboram muito – para um conhecimento linguístico mais amplo.

Outro importante autor nos estudos da enunciação é Mikhail Bakhtin. Considerado um dos mais conhecidos filólogos russos do século 20, suas ideias, de acordo com Boukharaeva (1997), apreciadas como originais e bem fundamentadas, são consideradas contribuições preciosas para a intelectualidade da humanidade. O protótipo de todo o trabalho intelectual de Bakhtin é o diálogo. Para Boukharaeva (1997, p. 32), o diálogo bakhtiniano é oposição de pessoa a pessoa, como do *eu* ao *outro*, “oposição em prol da oposição”. Assim, não existe

¹⁵ *Globe-trotter* significa pessoa que viaja, que percorre o mundo.

¹⁶ O Círculo Linguístico de Moscou, de acordo com Dosse (1993), foi fundado em 1915, com o objetivo de dar continuidade às pesquisas e sistematizar as descobertas sobre os problemas linguísticos da linguagem prática e poética. Um ano depois, os então estudantes Jakobson, Victor B. Chklóvski (1893-1984), Boris Eikhenbaum (1886-1959), entre outros, iniciaram alguns encontros que definiriam os rumos da Sociedade de Estudos da Linguagem Poética, a Opoiáz (Óbchchestvo po Izutchéniu Poetitcheskovo Iaziká), na Universidade de Petersburgo. A atividade conjunta de críticos e criadores deu origem ao movimento chamado “formalismo russo”.

¹⁷ O Círculo de Praga, segundo Dosse (1993), situa seus estudos na filiação saussuriana e no formalismo russo, de Husserl, da *gestalt*, além de estabelecer vínculos com o Círculo de Viena.

uma hierarquia axiológica – que sintetize o que é mais relevante – nem um último resultado sólido, inerte e inabalável, ou seja, não há uma verdade categórica para todos os dialogandos.

Segundo a visão bakhtiniana, a vida social é definidora na construção dos significados. Nesse sentido, a palavra tem importante papel, pois, para Bakhtin (1979, p. 113), “através da palavra, defino-me em relação ao outro isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e o outro”. Assim, as experiências de vida e tudo o que aprendemos revelam nossa forma de estar no coletivo.

De acordo com essa concepção, a palavra sempre procede de alguém e dirige-se a alguém, carregada de significado, seja ideológico, seja vivencial. Por isso, para Bakhtin, a enunciação é um produto da interação de dois ou mais sujeitos. Nesse sentido, por meio das noções desse autor acerca da linguagem, “como evento, sempre renovado, pelo qual o locutor se institui na interação viva com vozes sociais” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 45), aponta-se para uma linguística que promoverá a enunciação, sendo o centro do sentido dos fenômenos linguísticos.

As noções sobre linguagem debatidas no Círculo de Bakhtin¹⁸ contribuíram para os estudos sobre a enunciação. Para Bakhtin (2003), a enunciação é intrinsecamente dialógica: o “eu” se constitui pelo reconhecimento do “tu”, e o reconhecimento de si se dá pelo reconhecimento do outro. Dessa forma, Bakhtin considera a linguagem não como um sistema absorto, mas como uma criação coletiva, parte de um diálogo entre o *eu* e o *outro*, entre os muitos *eus* e os muitos *outros*.

Consoante as considerações apresentadas, Di Fanti (2003, p. 98) salienta que “o sujeito e os sentidos constroem-se discursivamente nas interações verbais na relação com o outro, em uma determinada esfera de atividade humana”. Essa reflexão contempla um importante aspecto da teoria de Bakhtin: os gêneros do discurso. De acordo com esse autor, “qualquer enunciado considerado isolado é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos de gênero do discurso” (BAKHTIN, 2003, p. 279). Essa noção tem sido frequentemente abordada nos estudos da linguagem.

Diante do exposto, compreendemos que a amplitude das ideias de Bakhtin dificulta a apresentação de sua teoria enunciativa. Seus estudos contemplam desde a semiótica até trabalhos de literatura que enfatizam questões estéticas dos textos literários. No entanto, consideramos necessário elucidar que há um princípio unificador que subjaz a todas as

¹⁸ O Círculo de Bakhtin consistia num grupo interdisciplinar de intelectuais que se reunia regularmente para debater diferentes assuntos.

abordagens e a toda diversidade apresentada: o princípio da intersubjetividade, que consiste na ideia de que o sujeito se constitui frente a outro, num movimento de alteridade.¹⁹

Outro importante autor para a enunciação é Oswald Ducrot, nascido em 1930 e aluno de Benveniste, cujos estudos da linguagem se vinculam ao quadro saussuriano e à enunciação. Ducrot, juntamente com Jean-Claude Anscombre e, mais recentemente, com Marion Carel, desenvolve uma teoria estruturalista em que as noções de signo, de relação e de língua e fala têm relevante função para os estudos da linguagem. Essa teoria foi chamada de “Teoria da Argumentação na Língua” (TAL)²⁰.

Na concepção saussuriana, o signo é elemento da língua, somente se definindo em relação aos outros signos, ao passo que na teoria de Ducrot o signo é a frase – estrutura abstrata, cujo significado é estabelecido pelas possibilidades de relação semântica que apresenta com outras frases. De acordo com Barbisan (2006, p. 29), “a relação entre frases se produz no enunciado, entendido como um segmento de discurso. Enunciado e discurso têm, pois, um lugar e uma data, um produtor e um ou vários ouvintes. É fato empírico, observável e não se repete”. Podemos afirmar, assim, que as noções de signo, relação, língua e frase na TAL encontram-se subjacentes a esses conceitos, entretanto modificadas.

De acordo com essa concepção, a *significação* é o valor semântico da frase e o *sentido* é o valor semântico do enunciado. A significação da frase é de natureza diferente do sentido do enunciado. A cada frase de uma língua atribui-se uma significação, que serve como uma instrução que elucida o sentido de seus enunciados no discurso. Considerando esse ponto de vista, “a significação não preexiste ao uso, ao contrário, é aberta: contém instruções que indicam que tipos de indícios é preciso procurar no contexto linguístico para se chegar ao sentido do enunciado” (BARBISAN, 2006, p. 29). Isso justifica dizer-se que o enunciado não se repete.

A enunciação, segundo Ducrot (1980), é o acontecimento, é aquilo que constitui o aparecimento de um enunciado num determinado tempo e espaço. O autor salienta que “o sentido do enunciado é, para mim, uma descrição, uma representação que ele traz de sua enunciação, uma imagem do acontecimento histórico constituído pelo aparecimento do enunciado” (DUCROT, 1980, p. 34). O enunciado, ao descrever sua enunciação, é produzido por um *locutor* para um *alocutário*.

¹⁹ Este conceito de alteridade é aprofundado em algumas teorias e é um conceito essencial em Bakhtin. Para o autor, quando falamos, temos em nosso horizonte um interlocutor, ou seja, o “outro”, que, por sua vez, faz sua construção e a retorna. Assim, temos nesse processo dialógico alteração dos sujeitos (falante passa a ouvinte/ouvinte passa a falante).

²⁰ Conhecida no Brasil como A Teoria da Argumentação na Língua (TAL), em francês é chamada de *Argumentation dans la langue* (ADL).

Ao longo do desenvolvimento de sua teoria, Ducrot e seus colaboradores vêm questionando e reformulando a Teoria de Argumentação na Língua, que atualmente apresenta três formas: a primeira é denominada a *forma standard* e compreende os trabalhos pertinentes às primeiras noções da teoria; a segunda, conhecida como *forma recente*, apresentada nas conferências de Cali (1988), tem como principal característica a introdução das noções de polifonia e de topos no estudo da argumentação; a terceira versão é tratada como a *teoria dos blocos semânticos* (TBS), pois, de acordo com Graeff (2007, p. 193), propõe “que se atribua como ‘sentido’ a cada palavra um conjunto de encadeamentos argumentativos em DC (portanto) e em PT (mesmo assim)”. Para a TBS, argumentar é constituir blocos semânticos.

A breve apresentação feita da teoria de Ducrot e seus colaboradores parece-nos apontar para o fato de que, embora algumas noções tenham sido modificadas em cada fase, e até mesmo abandonadas, a hipótese inicial de que a *argumentação está na língua* é mantida. A argumentação, nessa concepção, não está nos fatos, mas é fruto da relação entre o *locutor* – que apresenta um ponto de vista argumentativo – e seu *interlocutor*. O locutor deixa suas marcas (chamadas por Ducrot de “enunciadores”) no discurso, razão por que a teoria de Ducrot se opõe à noção de unicidade do sujeito no enunciado.

Nesse sentido, “a enunciação é definida por Ducrot como o surgimento do enunciado, tornando-se este o objeto de suas análises, sem contudo se desvincular, em nenhum momento de sua perspectiva enunciativa” (BARBISAN, 2006, p. 33). Portanto, as relações estabelecem-se, de acordo com o que propõe a TAL, não somente entre palavras ou frases, mas, do mesmo modo, entre discursos.

Aclaradas essas noções, destacamos dois conceitos importantes no sentido de compreender a inclusão de Ducrot neste estudo: o primeiro diz respeito à enunciação e o segundo, à subjetividade. Com sua teoria polifônica, Ducrot (1988) contrapõe-se à noção de unicidade do sujeito e mostra que o autor de um enunciado não se expressa diretamente, ou seja, ao falar/escrever, põe em cena certo número de personagens. Assim, o sentido de um enunciado nasce da confrontação de diferentes sujeitos: o sentido do enunciado não é mais que o resultado das diferentes vozes que nele estão presentes.

Dessa forma, Ducrot construiu *uma teoria polifônica da enunciação*, segundo a qual num mesmo enunciado há vários sujeitos com *status* linguísticos diferentes. O autor mostra que a ideia de sujeito falante remete a várias funções muito diferentes: *sujeito empírico*, *locutor e enunciator*. Cada sujeito tem funções diferentes: o *sujeito empírico* (SE): o ser real, o autor efetivo do enunciado; o *locutor* (L): aquele que fala no texto e a quem se confere a responsabilidade enunciativa; o (s) *enunciador* (E) (*es*): que são os pontos de vistas abstratos,

os quais são apresentados e podem ser identificados com o do locutor. Dos três sujeitos falantes presentes num enunciado, não interessa o SE – , na verdade, o *produtor físico* do enunciado –, que, segundo Ducrot (1988), é mais uma questão a ser discutida pela sociolinguística e pela psicolinguística.

Flores e Teixeira (2008) salientam que a teoria de Ducrot é uma semântica argumentativa voltada às questões de enunciação porque considera na representação do sentido do enunciado a presença de diferentes vozes e a evocação de princípios argumentativos que possibilitam a direção de como determinado enunciado deverá ser interpretado em dada situação.

Assumindo uma posição “neoestruturalista”, os estudos de Jacqueline Authier-Revuz relacionam-se com os de Saussure: “A autora atesta sua filiação a Saussure quando reconhece que o ponto de partida de sua pesquisa é a *língua como ordem própria* (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 73). Authier-Revuz considera que a língua é afetada por elementos “exteriores” a ela, mas discorda de que se deixe perder o objeto da linguística por esses elementos.

Viabilizadora da relação entre língua e enunciação, a teoria de Revuz filia-se à de Benveniste e considera três aspectos fundamentais: a afirmação da propriedade reflexiva da língua, pela qual ela se coloca em posição privilegiada entre os sistemas semióticos; o reconhecimento da língua como ordem própria, sem que o linguista tenha de rejeitar o que é da ordem do discurso, e a indicação de que certas formas da língua, como, por exemplo, os pronomes pessoais, os tempos verbais, os performativos e os delocutivos, são os sinais do que lhe é outro, em outras palavras, a exterioridade excluída no ato de embasamento da linguística.

Em seus estudos, Jacqueline Authier-Revuz dedica-se a identificar, classificar e descrever as formas por meio das quais se realiza o desdobramento metaenunciativo, o que a leva à conclusão de que é inevitável utilizar abordagens estranhas à linguística como tal para descrever os fatos da língua. Dessa forma, evoca a psicanálise freudo-laciana²¹ ao apresentar uma “fala fundamentalmente heterogênea” e um “sujeito dividido”. Assim, “a autora concebe o ‘outro’ não como um objeto exterior de que se fala, mas como condição constitutiva do discurso” (SHOLZE, 2008, p. 40-41). Authier-Revuz vem atraindo a atenção de estudiosos do discurso, pois, ao ancorar seus estudos em Bakhtin e na psicanálise freudo-

²¹ Sigmund Freud foi o criador da psicanálise e Jacques Lacan, o seguidor que mais contribuiu com os estudos de Freud.

lacaniana, apresenta uma descrição linguística que possibilita surpreender no fio do discurso a construção dos objetos discursivos, dos acontecimentos e dos lugares enunciativos.

Assim, realizado esse percurso por algumas teorias da enunciação, buscamos esclarecer que nosso objetivo foi fornecer algumas noções acerca dos estudos enunciativos, como forma de sintetizar alguns princípios que norteiam as pesquisas nessa área. Pudemos perceber com esse percurso que são muitos os estudos que abordam a enunciação, entretanto acreditamos que Benveniste a aborda de um modo singular e único, o que levou a que fosse considerado o “linguista da enunciação” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 29). Destacam-se ainda as posições de Antoine Culioli, linguista francês, Kerbrat-Orecchini e José Luiz Fiorin no campo da enunciação. Para o primeiro, a enunciação é definida como um conjunto de colocizações (*repérage*) de enunciados que exibe a ação simultânea de dois sujeitos, um primitivo e outro designado pelo discurso, cujo objetivo é o de transmitir sentidos (CULIOLI, 1973, p. 86-89). Além disso, Antoine Culioli propõe um sistema de representação *metalinguística* para organizar o que chama de “pacote de relações” presente no enunciado, como podemos verificar na sequência:

E(nunciação) <====> E(nunciado) S <====> S(ujeito do enunciado) C <====> T(empo do enunciado).

Assim, para o autor, a *enunciação* é a constituição de sentido no enunciado, cujas formas remetem à produção de valores referenciais. Outra autora citada anteriormente, Catherine Kerbrat-Orecchioni, que desenvolve estudos sobre análise da conversação, mostra que é impossível descrever o ato da enunciação em si mesmo. Para Kerbrat-Orecchioni (1980), são as unidades linguísticas que viabilizam o funcionamento semântico-referencial, o que implica considerar certos elementos constitutivos da situação de comunicação, como, por exemplo, a função de cada actante²² do enunciado no processo de enunciação e as situações espaçotemporais do locutor e do alocutário. Isso corrobora para o entendimento de que a noção do sujeito como uma entidade não é sustentada pela linguística.

José Luiz Fiorin (2005, p. 22), na obra *As astúcias da enunciação*, salienta que “o primeiro sentido da enunciação é o de ato produtor do enunciado” e afirma que “[...] levar em conta a enunciação significa criar um novo objeto para a linguística ou, ao menos, alargá-lo, estuda-se o mecanismo de enunciação e, principalmente, sua função na discursivização e a maneira como aí opera”. Para o autor, o enunciado carrega em si marcas que nos remetem à instância da enunciação, como pronomes pessoais, demonstrativos, possessivos, adjetivos,

²² De acordo com Flores et al. (2009), no Dicionário de Linguística da Enunciação (DLE), o actante da enunciação são os participantes do ato enunciativo (*eu-tu*).

advérbios, entre outros. Essas marcas fundamentadas no enunciado pela enunciação nos remetem às categorias de pessoa, espaço e tempo instauradas por meio de processos de debreagem e embreagem.²³

O panorama apresentado até aqui nos permite perceber que além de Benveniste, outros tantos trabalharam e se dedicaram ao estudo da linguagem em uma perspectiva enunciativa. Entretanto, Benveniste se destaca, primeiramente, porque foi tido como intérprete e continuador do pensamento de Saussure, servindo de apoio, ainda hoje, para a concepção saussuriana da língua. Além disso, submeteu a enunciação a um aparelho formal e apresentou um sujeito que se apropria da língua para se enunciar, ou seja, um sujeito dono de seu dizer. Assim, dada a importância de Benveniste para os estudos enunciativos, a partir deste ponto dedicamos-nos aos estudos desenvolvidos por esse linguista francês.

Conhecido por seus estudos sobre as línguas indo-europeias e pela ampliação do paradigma estabelecido por Saussure²⁴, Benveniste divulgou e explicou o legado de Saussure, introduzindo proposições novas e suas próprias análises. Atribui-se a ele o título de principal representante da Teoria da Enunciação. De acordo com Normand (2006, p. 14), “Benveniste libertou os linguistas presos à sujeição da teoria saussuriana. Ele lhes deu a subjetividade, o mundo e o discurso que o contém [...]; reencontrou com a virtude do diálogo e da interação. Enfim, uma linguística diferente!”. Ao abordar a questão do sujeito e da enunciação na análise linguística, Benveniste apresenta grande contribuição para os estudos da linguagem. É em suas obras que encontramos um conjunto significativo de textos, alguns deles fundamentais para a realização deste estudo, os quais passamos a apresentar na próxima seção.

1.2 A enunciação em Benveniste

A partir desta seção, apresentamos a concepção de enunciação partindo dos estudos desenvolvidos por Émile Benveniste. Consideramos trivial dizer que este pesquisador é considerado o principal representante do que se convencionou chamar de “Teoria da

²³ Embreagem e debreagem são dois conceitos desenvolvidos por Fiorin (2005). Embreagem é a operação inversa de neutralização dessas categorias e pressupõe uma debreagem anterior, produzindo um efeito de "retorno à enunciação". Já a debreagem pode ser subdividida em dois tipos: a debreagem enunciativa, que instaura no enunciado as pessoas da enunciação (eu-tu), o espaço (aqui) e o tempo (agora) produzindo o efeito de sentido da subjetividade; e a debreagem enunciativa, que instala no enunciado as pessoas (ele), o espaço (lá ou alhures) e o tempo (então) criando, assim, o efeito da objetividade.

²⁴ Benveniste (2005) retoma os estudos da natureza do signo linguístico, proposto por Saussure (2006), problematizando e propondo outro esquema teórico.

Enunciação”, principalmente porque a filiação epistemológica²⁵ de Benveniste é reconhecida. No entanto, parece-nos necessário compreender o que significam esses “rótulos” (FLORES, 2005, p.127), visto que isso significa entender por que muitos leitores de Benveniste consideraram-no o maior linguista do século XX. Na busca por esclarecer essas questões, contextualizamos os estudos desse autor.

Cabe-nos lembrar que, até a década de 1960, as atenções voltaram-se para os trabalhos estruturalistas de Hjelmslev, de linha greimasiana²⁶, cujo princípio desconsiderava o sujeito. Encontramos nesse princípio a principal crítica à linguística da enunciação: “A linguística da enunciação foi por muito tempo emudecida pelo advento de teorias que a criticavam, principalmente quanto à noção de sujeito que acreditavam estar a ela subjacente.” (FLORES, 2005, p. 129). Acreditava-se que, por ter um forte componente contextual, a enunciação estaria dando lugar a fenômenos exteriores ao sistema; logo, não tinha pertinência para um estudo estrutural da língua.

Hoje, os estudos envolvendo a linguística da enunciação, não mais emudecidos, permitem-nos ler Benveniste num contexto menos atribulado. Mas por que estudar Benveniste? Além de o pensamento desse estudioso ser singular, seu raciocínio possibilita abordar questões que envolvem a linguagem, fundamentais para nosso trabalho como pesquisadores e como professores. Poderíamos perguntar: Que linguagem é essa? É “aquela que não pode deixar de ser vista na enunciação” (FLORES, 2005, p. 135). E é exatamente a *enunciação* que possibilita abordar uma topologia da singularidade. Como salienta Flores (2005, p. 137),

a enunciação tem o estatuto da estrutura, com a vantagem de concebê-la topologicamente como um buraco. É aqui que vejo o início do meu trabalho: o de supor uma linguística que nada mais é do que *um ensaio sobre a singularidade do homem na língua* e, por ele, pode abordar a fala daqueles que se instituir. Passarei, a partir de hoje, a fazer barulho, com o silêncio da linguística.

Assim, entre as teorias que envolvem a enunciação, voltadas às relações entre linguagem em uso e sujeito, destacamos a teoria da enunciação desenvolvida por Benveniste,

²⁵ Em 2004, ocorreu em Porto Alegre o 1º Colóquio “Leitura de Émile Benveniste”. As atas desse colóquio encontram-se reunidas no n. 138 da revista *Letras de Hoje*. De acordo com Flores e Teixeira (2008), consta uma série de artigos discutidos no colóquio, material que evidencia a atualidade do pensamento de Benveniste em diferentes assuntos.

²⁶ Algirdas Julius Greimas ou Algirdas Julien Greimas (1917 – 1992) foi um linguista de origem russa. Greimas introduziu o conceito de quadrado semiótico ao observar, por exemplo, o esquema bidirecional das histórias. Nele se situam o Herói, seu Ajudante, seu Adversário e a Sociedade em torno do objetivo a ser alcançado, e por ele elaborou um “quadro” ou “retângulo semiótico.”

por ser excêntrica no contexto histórico em que foi produzida: o auge do estruturalismo.

A teoria de Benveniste é considerada – por alguns estudiosos da linguagem – estruturalista porque tem por base a corrente de pensamento saussuriano. Essa teoria foi formulada no período de vigência dos princípios do estruturalismo na Europa, no entanto Benveniste “ultrapassou”²⁷ Saussure, ou, como estudiosos relacionam, “continuou” as ideias deixadas em aberto por esse teórico. Nesse sentido, são muitas as contribuições deixadas por Benveniste, cujas noções de sujeito e de sentido na linguagem deram um lugar mais amplo às pesquisas da área.

Os estudos da linguagem foram introduzidos por Benveniste por volta do ano de 1946, no seu primeiro artigo “Structure des relations de persone dans le verb”²⁸, que apresenta uma linguística da enunciação enfatizando a questão do sujeito. Essa questão não era relevante na época, o que, provavelmente, tenha contribuído para a falta de um reconhecimento justo desse autor, sendo, inclusive, mais valorizado pela filosofia. Exemplo disso é o artigo “A forma e o sentido na linguagem” (1966), do PLG II, em que o autor apresenta as noções de forma e sentido num congresso de filosofia. Em sua fala inicial comenta: “Encontro, no entanto, algum encorajamento no fato de este congresso ter o programa que tem, de os filósofos terem julgado oportuno debater entre eles problemas da linguagem” (BENVENISTE, 2006a, p. 220). Para o autor, nesse momento a filosofia estaria retornando a uma de suas fontes de maior inspiração e, ao mesmo tempo, os lingüistas, “que se ocupam da linguagem como especialistas” (BENVENISTE, 2006a, p. 220), teriam oportunidade de observar maneiras possivelmente diferentes de pensar sobre a linguagem.

Apesar da importância dos estudos desenvolvidos por Benveniste, de acordo com Flores e Teixeira (2008), ele não teve muito espaço para apresentar suas ideias. Foram poucos os seus alunos, alguns muito notáveis, como Jean Dubois, Paul Ricoeur e Oswald Ducrot, já citado anteriormente. Esses autores reconhecidos apresentam em seus artigos questões sobre a enunciação, mas abordam superficialmente os estudos de Benveniste e muitas vezes nem o citam. Entretanto, mesmo não sendo reconhecido, Benveniste não silenciou suas ideias. Foi autor de algumas publicações na área da filosofia, da psicanálise e da linguística, entre outros, e publicou *Problemas de linguística geral* (1966).

²⁷ Ao usar o termo “ultrapassou” referimo-nos ao fato de Benveniste continuar os estudos de Saussure. Ultrapassar não significa aqui desconsiderar os estudos saussurianos, mas, sim, dar-lhes continuidade, não desconsiderando a relevância do pensamento de Saussure para os estudos linguísticos.

²⁸ “Estrutura das relações de pessoa no verbo”.

Somente na década de 1970, os estudos da enunciação ganharam espaço na linguística. Benveniste publicou na revista *Langages* o artigo “L’appareil formel de l’énonciation”²⁹, considerado fundamental porque nele teria organizado todo o pensamento construído, a fim de apresentar a sua Teoria da Enunciação. Atualmente, algumas noções, como as de signo, de subjetividade, de forma e sentido, categorias – de pessoa, tempo e espaço –, inclusão do falante, da interação e do significado fazem com que Émile Benveniste tenha destaque nos estudos que envolvem a Teoria da Enunciação. As teses de Benveniste e uma série de textos escritos a partir de 1930 encontram-se reunidos nos seus dois livros, *Problemas de linguística geral I e Problemas de linguística geral II* (publicados em 1966 e 1974, respectivamente). Essas obras representam o que há de maior referência quando a proposta é realizar estudos que envolvem esse autor.

Como salientamos ao iniciar esta seção, Benveniste tem base teórica no estruturalismo, através da qual estudou a linguagem. De acordo com Flores e Teixeira (2008, p.29), “talvez seja o primeiro linguista, a partir do quadro saussuriano, a desenvolver um modelo de análise da língua especificamente voltado à enunciação”. Dessa forma, os estudos de Benveniste apresentam uma perspectiva semântica que é mais especificamente abordada nos artigos “Os níveis da análise linguística” (1964), “A forma e o sentido na linguagem” (1967) e “Semiologia da língua” (1969). Segundo Benveniste (2006d, p. 64), a língua tem “dupla significância”, a qual é de fundamental importância para a realização deste trabalho, ou seja, os dois níveis de significação da língua: o semiótico e o semântico. Esses aspectos serão retomados na seção 1.3.4. Apresentado, em linhas gerais, o estudo de Benveniste, consideramos necessário fazer referência à noção de enunciação.

De acordo com Ono (2007), é certo que, em Benveniste, assim como em outros, a noção de enunciação surgiu em meio a reflexões, ao mesmo tempo, linguísticas, semióticas e psicanalíticas. Nesse sentido, faz-se necessário observar atentamente como se forma essa noção dentro da problemática linguística de Benveniste. O termo “enunciação”, conforme o *Dicionário de linguística da enunciação* (DLE, 2009), é definido, na perspectiva benvenistiana, como a colocação da língua em funcionamento por um ato individual. Como nota explicativa, evidencia-se no DLE (2009) que a enunciação, compreendida como o uso da língua, conjectura um quadro enunciativo configurado por sujeitos: *eu – tu/*, que correspondem à noção de *pessoa e o espaço e tempo*, que, por sua vez, corresponde à noção de *situação*.

²⁹ “O aparelho formal da enunciação”.

Constitui-se em um procedimento de colocação dos sujeitos na língua, o que envolve apropriação e atualização.

Antes de delimitar o sentido de enunciação compreendido neste estudo, consideramos necessário esclarecer que estudar a enunciação implica adentrar numa teoria em que alguns temas são muito polêmicos. Um exemplo disso são as noções de sistema e estrutura³⁰. Em alguns dos seus textos, Benveniste critica a confusão corrente na época em relação a essas noções, mas, por outro lado, demonstra grande interesse pelo método estruturalista. Outro exemplo é a própria noção de “enunciação”.

O termo “enunciação” aparece em muitos textos das obras *Problemas de linguística geral I e Problemas de linguística geral II*, mas nem sempre com o mesmo sentido. Assim, poderíamos questionar: O autor apresenta contradições em seu pensamento? Longe de ser uma contradição, a diversidade conceitual decorre do fato de Benveniste construir a noção de enunciação ao longo de quarenta anos de estudo.

No texto datado de 1970, “O aparelho formal da enunciação”, Benveniste remete ao termo “enunciação”, pelo menos, em três sentidos: 1) como realização vocal da língua, em que os sons procedem sempre de atos individuais, no interior da fala; 2) a enunciação como suposição da conversão individual da língua em discurso, passagem em que se dá a semantização da língua; 3) como realização formal da língua: o fato de um enunciador/locutor se apropriar do aparelho formal da língua e se marcar de diferentes formas e supondo um interlocutor, ou seja, enunciando-se.

Assim, para a realização deste estudo consideramos que as publicações possuem uma diacronia que deve ser respeitada; desse modo, não podemos tomar os conceitos isoladamente. Por esse motivo, ao realizar esta pesquisa delimitamos algumas noções e alguns textos, que apresentaremos ainda nesta seção conforme a necessidade e a relevância que têm para nossa reflexão.

Desse modo, de qual sentido de enunciação nos apropriaremos neste trabalho? A enunciação supõe a realização individual da língua em discurso, é única e irrepetível. Para Benveniste (2006c, p.82), “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”. Com essa afirmação, o autor chama atenção para o ato de produzir o enunciado, ou seja, para a condição específica da enunciação, não para o texto do enunciado.

³⁰ Há uma distinção entre *sistema* e *estrutura*. Nos trabalhos de Benveniste, percebe-se que a noção de *sistema* é a que mais interessa ao estudioso. Podermos dizer que “sistema” é um conceito saussureano que traz a ideia de que a língua é um sistema de signos que estão em relação e por isso se pode falar em sistema. Enquanto “estrutura” é uma expressão usada pelos leitores de Saussure que fizeram uma leitura do CLG (2006). “Sistema” está ligado a um conceito teórico e “estrutura” a uma corrente de pensamento.

Assim, cada vez que enunciamos o fazemos de um modo diferente: o ato pode se repetir, mas a enunciação nunca se repete.

Segundo Benveniste (2006c, p. 83-84),

o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação. Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor.

Como realização individual há uma apropriação e uma mobilização da língua que revelam a referência como parte central da enunciação. Poderíamos questionar: Mas a que se faz referência? A referência é feita ao sujeito, não ao seu mundo, excluindo-se, assim, qualquer relação com algo externo.

No artigo “Aparelho formal da enunciação” (1970), Benveniste (2006c, p. 82) apresenta a noção de que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização”, e ao afirmar isso separa o *ato* – que é o objeto de estudo da enunciação – do discurso, ou seja, do *produto*. Segundo Flores e Teixeira (2008, p. 35), “esse ato é o próprio fato de o locutor relacionar-se com a língua com base em determinadas formas linguísticas da enunciação que marcam essa relação”. Dessa forma, enunciar é transformar a língua em discurso, e é nessa passagem que se dá a semantização da língua.

A enunciação, nessa concepção, “é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor que, a partir do aparelho formal da enunciação, tem como parâmetro um locutor e um alocutário. É a alocação que instaura o outro no emprego da língua” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 35). Dessa forma, o processo de referenciação é parte da enunciação, significando que o locutor estabelece relação com o mundo ao mobilizar e se apropriar da língua por meio do discurso de um sujeito. Nesse contexto, o alocutário correferre, afinal, “a condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente” (BENVENISTE, 2006c, p. 84). São essas condições iniciais que regerão os mecanismos de referência na enunciação, instituindo situações muito singulares.

O fato de o locutor estar presente na enunciação leva a que, segundo Benveniste (2006c, p. 84), “cada instância de discurso constitua um centro de referência interno”. Sendo a referência parte integrante da enunciação e considerando que há um jogo de formas específicas que colocam o locutor em relação com sua enunciação, é possível identificar os índices de pessoa: a relação entre o *eu*, que é o indivíduo que enuncia, e o *tu*, que é o

indivíduo que se faz presente como alocutário, e os índices de ostensão, os quais são termos que designam o objeto no momento em que é pronunciado. Como exemplos podemos citar os termos *este* e *aqui*, que chamamos, tradicionalmente, de pronomes pessoais e pronomes demonstrativos, os quais passam a ser chamados de “indivíduos linguísticos”, porque remetem a indivíduos, que podem ser pessoas, momentos, lugares, ao contrário dos termos nominais, que enviam a conceitos.

Outra série de termos referentes à enunciação – e que fazem parte do aparelho (*formal*) necessário – compreende as formas temporais, determinadas em relação ao centro da enunciação: o EGO. A forma dos tempos verbais coincide com o momento da enunciação: o “presente”. De acordo com Benveniste (2006c, p. 85), “o presente formal não faz senão explicitar o presente inerente à enunciação, que se renova a cada produção de discurso”. Nesse sentido, o presente contínuo possibilita a consciência de um sentimento de continuidade, que chamamos de “tempo”.

Para Benveniste (2006c), a enunciação é responsável por agenciar classes de signos à existência. Assim, *eu*, *aqui* e *agora* são elementos constituintes do enunciado; só existem *na* e *pela* enunciação porque são instituídos no momento da enunciação. O sujeito é instaurado na língua por meio da categoria de pessoa: não existe “eu” sem “tu”; pela manifestação da língua estabelece-se a relação com o mundo, via sujeito. O “eu e o “tu” são dois signos vazios que se preenchem quando alguém fala, referindo o sujeito que fala neles ou a situação de enunciação.

Ao colocar a língua em funcionamento, o sujeito (locutor) não se constitui somente a si mesmo, mas “implanta o *outro* diante de si” (BENVENISTE, 2006c, p. 84). Temos definidas, desse modo, a posição do *eu* e a posição do *tu*. Podemos dizer que o “eu” e o “tu” mantêm uma relação de inversibilidade, ou seja, o “eu” pode se transformar em “tu”, do mesmo modo que “tu” pode se transformar em “eu”. O “eu” fala a um “tu” sobre um “ele”, que pode ser alguém ou alguma coisa. Chamamos a este “ele” de não-pessoa porque está na posição de ausente, não toma a palavra, não participa do diálogo. Dessa forma, “pessoa e não-pessoa” são posições enunciativas.

Alguns leitores de Benveniste afirmam que ele foi o primeiro autor a incluir a questão da referência nos estudos linguísticos saussurianos. Essa constatação encontra respaldo no fato de que Benveniste atribui a referência ao *sujeito*, não ao *mundo*. Flores e Teixeira (2008, p.37) afirmam que “a clareza é total: referência à enunciação – ato individual de utilização da língua no qual estão tempo/espaço/pessoa – e não ao mundo”. Certamente, não podemos negar que estabelecemos uma relação com o mundo, mas essa relação é mediada, de acordo com Benveniste, pelo sujeito.

A questão da referência é fundamental para nossa reflexão e teve relevância nas pesquisas de Benveniste, principalmente em relação ao estudo da relação entre o semiótico e o semântico. É pela noção de referência que Benveniste estabelece o valor semântico daquilo que chama de “frase”, e que chamaremos de “enunciado”. Segundo o autor, “se o ‘sentido’ da frase é a ideia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar” (BENVENISTE, 2006a, p.231). Por não poder ser prevista nem fixada, a referência é sempre única a cada instância de discurso.

De acordo com Benveniste, a referência está ausente na forma *semiótica*³¹, ao passo que na forma *semântica* é determinante do sentido – já que este se caracteriza pela relação existente entre as ideias expressas sintagmaticamente e a situação de discurso. Essa observação está presente no texto “A forma e o sentido na linguagem” (1966) quando Benveniste (2006a, p. 231), ao apresentar noções do nível semântico, evidencia que “é necessário introduzir aqui um termo a que foi desnecessário apelar na análise semiótica: aquele do ‘referente’” (2006, p. 231). Esse referente, segundo o autor, é independente do sentido.

O sentido e a referência são apontados por Benveniste (2006) como elementos que, frequentemente, geram confusão. A respeito, Claudine Normand (2009a, p. 168) salienta que “a referência que tal abordagem semântica leva em conta, distinguindo-a do *sentido* (remetido ao sistema), é a da *situação de discurso*, cada vez única”. Sendo *situação de discurso*, a referência existe somente no momento em que é proferida. Em síntese, podemos dizer que, para ultrapassar o estudo das unidades linguísticas e chegar ao estudo da frase/discurso, Benveniste introduziu a questão da referência na enunciação. No artigo de 1970, “O aparelho formal da enunciação”, Benveniste (2006c) aproxima as fronteiras entre língua e fala ao propor elementos que constituem – ao mesmo tempo – as duas ordens (semiótica e semântica); conseqüentemente, a referência tem estatuto enunciativo e é única.

Muitos outros aspectos poderiam ser estudados no contexto da enunciação, mas sabemos que é impossível desenvolver todos no tempo previsto para a conclusão deste estudo. Sendo assim, os termos “forma” e “sentido” – assim como a noção de *referência* –, definidos seguindo objetivos e finalidades de uso, terão posição central. No entanto, alguns conceitos norteadores do trabalho de Benveniste fazem-se necessários, como a noção de

³¹ Ao nos referirmos ao *semiótico* e ao *semântico* abordamos essas noções no decorrer de nossos estudos, sempre na acepção de Benveniste, como noções gêmeas (BENVENISTE, 2006a, p. 221). Para ele, *semiótico* corresponde à forma de uma palavra e *semântico* ao sentido. Nesse sentido, não faremos referência à semiótica desenvolvida por John Locke e por Charles Sanders Peirce.

sujeito e subjetividade e as categorias de *pessoa, tempo e espaço*. Além disso, servirão de base para este estudo, de forma mais específica, os textos “Da subjetividade na linguagem” (1958 – PGL I), “Os níveis de análise linguística” (1962 – PGL I), “A forma e o sentido na linguagem” (1967 – PGL II), “Semiologia da língua” (1969 – PGL II) e “O aparelho formal da enunciação” (1970 – PGL II), por desenvolverem elementos necessários ao estudo aqui proposto. Desse modo, nosso objetivo, a partir da próxima seção, é apresentar esses aspectos da teoria desenvolvida por Benveniste, tratando especificamente dos conceitos de “forma” e “sentido” na linguagem.

1.3 Aspectos da enunciação em Benveniste

Em alguns artigos do *Problemas de linguística geral I* e *Problemas de linguística geral II* (1966 – 1974, respectivamente), de Émile Benveniste, mais especificamente “Níveis da análise linguística” (1962), a “Forma e ao sentido na linguagem” (1966) e “Aparelho formal da enunciação” (1970), podemos verificar questões importantes concernentes a esse modo de ver a linguagem: o da enunciação. A partir de agora, delimitamos os conceitos a serem desenvolvidos tendo como base os textos citados.

É fundamental que, como salientam Valdir do Nascimento Flores e Vera Helena Dentee de Mello (2009, p. 196), ao estudar Benveniste não se tomem na sincronia o que foi construído numa diacronia, ou seja, não se podem ler os textos desse autor como se um fosse contemporâneo ao outro. Por isso, organizamos esta seção em subseções, sempre considerando a época em que o artigo foi escrito e as noções necessárias ao desenvolvimento deste trabalho. Na primeira (1.3.1), intitulada “Da subjetividade na linguagem e a noção de sujeito”, apresentamos a questão da subjetividade, da intersubjetividade e do sujeito. Na segunda (1.3.2), “Os níveis de análise linguística”, são abordados conceitos fundamentais do texto, principalmente para compreendermos as formas a serem analisadas neste estudo: a semiótica e a semântica. Na seção 1.3.3, intitulada “As categorias de pessoa e de espaço-tempo”, desenvolvemos noções acerca das categorias de pessoa: eu, tu e a não-pessoa; e de tempo e lugar: o aqui e agora. Na última seção, 1.3.4, “Forma e sentido na linguagem”, mobilizam-se questões sobre as duas noções que dão título a essa subseção: forma e sentido.

1.3.1 Da subjetividade na linguagem e a noção de sujeito

Ao iniciar seu artigo “Da subjetividade da linguagem” (1958), Benveniste (2005b, p. 284) questiona: “Se a linguagem é como se diz, instrumento de comunicação, a que deve ela essa propriedade?”. Em seguida, complementa dizendo que “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como *sujeito*; porque só a linguagem fundamenta na realidade, na *sua* realidade que é do ser, o conceito de ‘ego’”. (BENVENISTE, 2005b, p. 286). Dessa forma, considerar a linguagem como instrumento seria o mesmo que opô-la ao homem, já que não é confeccionada por ele, porque o homem não existe em sua natureza, separado da linguagem.

De que sujeito e de que subjetividade estamos falando? A subjetividade é a capacidade do locutor de se propor como sujeito. Foi a partir de Benveniste que se procurou redefinir o objeto de estudo da linguística. Para compreender essa redefinição, explicitaremos algumas considerações acerca do sujeito. Excluído do objeto da linguística por Saussure, de acordo com Flores e Teixeira (2008), o sujeito foi reintroduzido pela Linguística da Enunciação. Mas o que significa falar em sujeito num campo como esse?

Quando falamos em sujeito, outros termos são referidos, como “enunciador”, “locutor”, “falante”. Sendo derivados de teorias distintas, não faremos aqui comparações, afinal, cada termo traz sua definição, de acordo com a teoria a que está vinculado. No entanto, procuramos apresentar o que a Linguística da Enunciação tem a dizer sobre o sujeito. Tomamos, inicialmente, a posição apresentada por Flores et al. (2008, p. 24):

A hipótese aqui defendida é que a configuração epistemológica da Linguística da Enunciação não suporta tomar o sujeito como objeto de análise. Em enunciação, não podemos dizer com tranquilidade que fazemos ‘uma análise do sujeito’. Tal hipótese recebe ainda a seguinte formulação: considerar o sujeito no campo da Linguística da Enunciação implica recursos à exterioridade teórica à Linguística, o que, de imediato, exige que sejam explicitados os termos pelos quais a Linguística estará em relação com outras áreas do conhecimento.

Nesse sentido, Normand (2009b) afirma não haver o termo “sujeito da enunciação” na obra de Benveniste. Logo, evidencia-se que não há unanimidade sobre o lugar do sujeito na Teoria da Enunciação benvenistiana. Há dois grupos de pesquisadores: os que defendem que Benveniste desenvolve uma teoria do sujeito e os que recusam a teoria denominada

egocêntrica³², mas reconhecem a dimensão das ideias de Benveniste. Nosso trabalho centra-se na noção defendida por este segundo grupo. É o próprio Benveniste quem afirma que não existe o homem fora da linguagem, já que ela é a própria condição de sua existência, pois “não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a [...]. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem [...]” (BENVENISTE, 2005b, p. 285). Com essa afirmação, Benveniste nega o aspecto instrumental da linguagem e enfatiza seu caráter constitutivo: não há a possibilidade de opor homem e linguagem.

Parece-nos evidente, com base na leitura dos textos de Benveniste e dos estudos desenvolvidos por pesquisadores, como Claudine Normand e Valdir do Nascimento Flores, que não podemos dizer que o sujeito, em sentido estrito, possa ser definido como o objeto de estudo de uma teoria linguística, nem da Linguística da Enunciação. Assim, podemos afirmar, e é de nosso interesse neste estudo, que a Teoria da Enunciação de Benveniste estuda não o sujeito propriamente dito, mas as marcas da enunciação e do sujeito deixadas no enunciado. Nesse sentido, Flores et al. (2008, p. 27) afirmam que “a Linguística não comporta o estudo do sujeito tomado como uma entidade, eis que transcende seu quadro teórico, todavia a tarefa de estudar as marcas da enunciação do sujeito no enunciado é da Linguística da Enunciação”. Ao articular diferentes saberes com o intuito de produzir formas de se abordar o sujeito na linguagem, pode até ser possível que se recorra ao exterior da língua; entretanto, o rigor epistemológico é garantido pela explicitação do procedimento.

Dessa forma, o que se propõe com base nos estudos de Benveniste é uma noção de linguagem que dá ao indivíduo o *status* de sujeito e, sendo o homem um ser de linguagem, não está sozinho, precisa do outro. Assim, é a linguagem que possibilita a existência do eu-tu, numa condição de interação. As formas linguísticas “eu-tu” são constitutivas da pessoa e implicam reciprocidade, ou o que Benveniste (2005b) denomina de polaridade: “tu” só existe em oposição a “eu”. Isso justifica a noção de que a subjetividade abriga a noção de intersubjetividade³³ na interação entre “eu/tu” em oposição a “ele”.

Benveniste (2005b), embasado na sua visão subjetivista da linguagem, aponta elementos linguísticos que se assentam, especificamente, na enunciação. Entre esses elementos destacamos as categorias – elucidadas na seção dedicada à enunciação em Benveniste (1.2) _ de pessoa, espaço e tempo, que serão retomadas na seção 1.3.3.

³² Teoria egocêntrica: ser isolado em seu desenvolvimento; um sujeito fora, externo à linguagem.

³³ Podemos dizer que a intersubjetividade é condição para a subjetividade. É porque existe intersubjetividade, ou seja, a relação eu-tu-ele, que existe subjetividade.

Na próxima seção, abordaremos a questão dos níveis de análise linguística. Os aspectos desenvolvidos no artigo são importantes, sobretudo, para a compreensão da relação a ser desenvolvida neste estudo entre a ordem semiótica e a ordem semântica.

1.3.2 Os níveis de análise linguística

No artigo “Os níveis de análise linguística”, de 1962, Benveniste (2005d, p. 127) salienta:

A grande mudança sobrevinda em linguística está precisamente nisto: reconheceu-se que a linguagem devia ser descrita como uma estrutura formal, mas que essa descrição exigia antes de tudo o estabelecimento de procedimentos e de critérios adequados, e que em suma a realidade do objeto não era separada do método próprio para defini-lo.

Para o autor, é importante a noção de nível para se poder determinar o procedimento de análise, pois é essa noção que permite, “na complexidade das formas, a arquitetura singular das partes e do todo” (BENVENISTE, 2005d, p. 127). Desse modo, propomo-nos estudar com espírito científico a linguagem, pois consideramos essencial compreender e refletir sobre a noção de nível. Para Benveniste (2005d), uma unidade linguística somente é concebida assim se for possível identificá-la em uma unidade superior; do fonema passa-se ao nível do signo, forma livre ou conjunta (morfema).

Para a presente pesquisa restringimos o sentido de signo coincidindo com o de palavra. Para Benveniste (2005d, p. 131),

a palavra tem uma posição funcional intermediária que se prende à sua dupla natureza. Por um lado, decompõem-se em unidades fonemáticas que são de nível inferior; por outro entra, a título de unidade significante e com outras unidades significantes, numa unidade de nível superior.

Considerando-se que a palavra pode se decompor em unidades fonemáticas, faz-se necessário compreender que essa decomposição ocorre mesmo quando a palavra é monofonemática, na qual um significante se realiza num único fonema. Na situação inversa, entre a palavra e a unidade de nível superior, percebemos que essas relações são mais difíceis

de definir e dependem de outra noção: a frase. Cada frase realiza-se em palavras, mas isso não significa que as palavras são somente frações da frase.

Benveniste (2005d, p. 132) elucida que “uma frase constitui um todo que não se reduz à soma das suas partes: o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto dos constituintes”. Portanto, entendemos frase aqui como uma unidade de discurso; é o que permite que o exercício da língua ultrapasse a noção de língua como sistema de signos e entre no campo da língua em uso. De acordo com essa concepção, o sentido da frase decorre da referência que ela faz na situação espaçotemporal que a origina.

Como constituinte da frase, a palavra efetua-lhe a significação. No entanto, nem sempre aparece na frase com o sentido que tem “como unidade autônoma” (BENVENISTE, 2005d, p.132). Para melhor compreender, tomemos um exemplo. A palavra “gambá”, como unidade autônoma, pode significar um animal semelhante à raposa, ou, ainda, homem bêbado. Em determinada situação, um casal está andando, quando o homem vê um animal semelhante a uma raposa e comenta: “Olha um gambá!”. Imediatamente, a mulher diz: ”Onde? Não to vendo nenhum bêbado”. Assim, mesmo a palavra tendo um significado *a priori*, o sentido somente se realiza no enunciado.

As entidades linguísticas admitem a relação distribucional – que acontece entre elementos do mesmo nível, ou integrante – que ocorre entre elementos de nível diferente. Referindo-se à relação entre elementos de nível diferente, Benveniste (2005d, p. 133) explicita que “uma unidade será reconhecida como distintiva num determinado nível se puder identificar-se como ‘parte integrante’ da unidade de nível superior, da qual se torna *integrante*”. Isso é o que Benveniste (2005d) chama de função “integrativa”, que é a integração ente dois níveis.

Para melhor compreender essa noção, apropriamo-nos de um exemplo de Benveniste (2005d): tomemos /s/, que tem *status* de um fonema, pois funciona como integrante de /-al/ em *salle* (sala), de /-o/ em *seau* (balde) e de /-vil/ em *civil*. Podendo-se transpor para o nível superior, /sal/ funciona como integrante “à manger” (sala de jantar); /so/ como integrante de “à charbon” (balde de carvão) e /sivil/ como integrante de “militaire” (civil ou militar), “état” (estado civil) ou “guerre” (guerra civil). Todos – /sal/; /so/ e /sivil/ – são, portanto, signos, pois são integrantes de um nível superior.

Dessa forma, podemos dizer que há um limite de alcance da distinção entre constituinte e integrante. A frase traça o limite superior, que comporta constituintes, mas não pode integrar, segundo Benveniste (2005d), nenhuma unidade mais alta. O merisma, traço distintivo do fonema, é o limite inferior, que não comporta nenhum constituinte de natureza

linguística. Há entre a frase e o merisma um nível intermediário, o dos signos, os quais podem ser palavras ou morfemas e, ao mesmo tempo, contêm constituintes e funcionam como integrantes.

A respeito da função da distinção entre constituinte e integrante, pode-se afirmar que essa distinção é de fundamental importância, especialmente no estudo aqui proposto, por contemplar a relação entre forma e sentido, que é determinada como o princípio fundamental em todas as unidades dos diferentes níveis.

Muitos linguistas tentaram reduzir essa relação à noção única da forma. No entanto, as tentativas foram inúteis, pois, mesmo ignorado, o “sentido” está sempre presente no centro da língua. Nesse sentido, forma e sentido definem-se um pelo outro e influenciam na própria estrutura dos níveis e das funções que representam, de forma constituinte ou integrante.

Quando uma unidade é reduzida aos seus constituintes, é reduzida aos seus elementos formais. Benveniste (2005d, p. 133) apresenta a seguinte definição: “A forma de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de dissociar-se em constituintes de nível inferior”. Em relação ao sentido, (p. 136) salienta que “o *sentido* de uma unidade lingüística define-se como a sua capacidade de integrar uma unidade de nível superior”. Portanto, forma e sentido são inseparáveis no funcionamento da língua. Decorrentes da natureza articulada da linguagem, as relações entre forma e sentido revelam-se na estrutura dos níveis linguísticos.

Uma unidade apresenta sentido se este é significante, “o que equivale a identificá-la pela sua capacidade de exercer uma ‘função proposicional’” (BENVENISTE, 2005d, p. 136). É esta “função” a condição necessária para uma unidade ser significante. Ao dizer que determinado elemento da língua tem um sentido, esse sentido é implícito, inerente ao sistema linguístico e às suas divisões. No entanto, a linguagem também se refere ao mundo dos objetos. Nessa acepção, Benveniste (2005d, p. 137) elucida que:

cada enunciado, e cada termo do enunciado, tem assim um *referendum*, cujo conhecimento está implicado pelo uso nativo da língua. Ora, dizer *qual é o referendum*, descrevê-lo, caracterizá-lo especificamente é uma tarefa distinta, frequentemente difícil.

Não sendo possível apresentar todas as consequências que essa distinção traz, detemo-nos a apresentá-la para delimitar a noção de sentido, diferenciando-a de designação. As duas noções são encontradas como distintas e associadas no nível da frase.

No que diz respeito à *frase*, é possível segmentá-la, mas não se pode integrá-la, ou seja, uma frase não serve como integrante de outro tipo de unidade. A frase é um predicado,

basta um único signo para constituí-lo, além de o “sujeito” ser dispensável. Assim, o predicado não é uma unidade da frase, mas, sim, uma propriedade fundamental.

Sendo o predicado propriedade fundamental da frase, conseqüentemente, não existe frase fora da predicação. Por isso, os tipos de frases reduzem-se todos a um único: a proposição predicativa. A proposição, situada no nível *catagoremático*, é a única forma de enunciado linguístico que esse nível comporta. Não há nível linguístico além do nível *catagoremático* porque, numa relação de seqüência, uma proposição somente precede ou segue outra proposição.

A respeito das diferenças entre os níveis linguísticos, a frase difere naturalmente das outras entidades linguísticas: possui signos e ela mesma *é um signo*. Enquanto os fonemas, os morfemas e as palavras são finitos, podem ser contados, as frases são infinitas e incontáveis. Segundo Benveniste (2005d, p. 139), “a frase, criação indefinida, variedade sem limite, é a própria vida da linguagem em ação”. Assim, de acordo com o autor, deixa-se com a frase o domínio da língua como sistema de signos e passa-se para outro universo: o da língua como instrumento de comunicação, em que a expressão é o discurso.

Nesse sentido, destacamos um ponto-chave para nosso trabalho: os dois universos distintos, mas que têm seus “caminhos” cruzados a todo instante. De um lado, a língua signos formais, combinados em estruturas e em sistemas; de outro, a concretização da língua na comunicação. Como unidade do discurso, temos a frase, que em suas três modalidades, de proposições assertivas, proposições interrogativas e proposições imperativas, reflete comportamentos do homem, o qual age e fala pelo discurso sobre seu interlocutor: transmite conhecimento, procura obter uma informação, ou, ainda, dá uma ordem.

Por ser um segmento de discurso³⁴, a frase é tomada como unidade, uma unidade completa, que possui ao mesmo tempo sentido – porque possui significação e referência –, pois se refere a determinada situação. Benveniste (2005d, p. 140) afirma que “os que se comunicam têm justamente isto em comum, uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como tal não se opera, sendo inteligível o ‘sentido’ mas permanecendo desconhecida a ‘referência’”. E acrescenta: “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura” (p. 140). Em outras palavras, o valor semântico da frase – ou do *enunciado* – é estabelecido, segundo Benveniste (2005b), pela noção de referência (que se configura a cada instância de discurso).

³⁴ Neste estudo discurso e enunciado são tomados como sinônimos.

Feitos esclarecimentos sobre noções como as de enunciação, subjetividade e níveis, salientamos que essa revisão é uma pequena mobilização de sentidos conceituais que serão desenvolvidos ao longo do trabalho. Cada conceito convoca outros conceitos, e trabalhar com cada um implica desenvolver um conjunto de noções que não caberiam numa única pesquisa. Comparamos nosso estudo com a linguagem: não podemos reduzi-lo a si mesmo, afinal, é “um homem falando com outro homem que encontramos no mundo” (BENVENISTE, 2005b, p. 285), num discurso único e irrepetível.

1.3.3 As categorias de pessoa e de espaço-tempo

Estudar a língua numa perspectiva enunciativa significa analisá-la em uso. Por esse motivo, deve ser percebida como um ato singular de utilização. Do ponto de vista enunciativo, o estudo da língua considera a pessoa, o tempo e o espaço, o que chamamos de “categorias da enunciação”.

Tomemos, inicialmente, a categoria de pessoa. Benveniste, em “A natureza dos pronomes” (1956), faz considerações acerca da constatação de que todas as línguas possuem pronomes. Sendo essas formas universais, “o problema do pronome é ao mesmo tempo um problema de linguagem e um problema de línguas” (BENVENISTE, 2005a, p. 277), e por ser um problema de linguagem é que se pode considerar um problema de línguas. Dessa forma, os pronomes podem pertencer à sintaxe da língua (semiótico) ou a “instâncias do discurso” (semântico) – que são os atos em que ocorre a atualização da língua por um locutor em palavras.

Na definição clássica de pronomes encontramos três pessoas: a que fala, a com quem se fala e a de quem se fala. Benveniste (2005a) refuta essa abordagem clássica e apresenta outra noção: a primeira pessoa é tomada como “aquela que fala”; a segunda, como “aquela a quem nos dirigimos”, e a terceira, como “aquela que está ausente” (ou seja, a não-pessoa). Com base nessa noção, o autor opõe a “primeira” e a “segunda” pessoa à “terceira”, porque tanto *eu* quanto *tu* estão implicados no discurso, ao passo que *ele* não participa. Desse modo, a não-pessoa – *ele* – pertence ao semiótico (a linguagem como sistema de signos) e a categoria de pessoa – *eu/tu* – pertence ao semântico (categoria assumida pelo indivíduo no discurso).

É importante termos clareza de que a realidade à qual se referem *eu* ou *tu* é uma realidade de discurso: “*eu* só pode definir-se em termos de ‘locução’, não em termos de

objetos, como um signo nominal” (BENVENISTE, 2005, p. 278). Assim, o *eu* é identificado somente na instância de discurso, podendo ocorrer uma instância de *eu* como referente ou uma instância de *eu* como referido – discurso contendo *eu*. Para Benveniste (2005a, p. 279), *eu* é o “indivíduo que enuncia a presente instância de discurso que contém a instância linguística *eu*”. Introduzida a situação de “alocução”, temos a definição para *tu* como sendo o indivíduo alocutado que tem na instância de discurso a instância linguística *tu*. *Eu/tu* são categorias de linguagem que se relacionam com a sua posição na linguagem.

Nessa constante referência à instância do discurso é que encontramos, além da constituição do traço *eu/tu*, o que Benveniste (2005a) denomina de “indicadores”: pronomes, advérbios ou locuções adverbiais. O pronome demonstrativo situa um ser do discurso no espaço, atualizando-o. Muitos estudiosos apresentam duas funções distintas para os pronomes demonstrativos: uma dêitica (que designa ou mostra) e outra anafórica (que tem a função de “lembrar”). Os advérbios de lugar como “aqui” (espaço do eu), “aí” (espaço do tu) e “ali” (espaço externo à enunciação) delimitam a instância de lugar, ao passo que o advérbio “agora” delimita a instância de tempo. Outros também fazem parte dessa relação, como “hoje”, “ontem” e “amanhã”. No entanto, não nos parece necessário defini-los, pois o essencial é a relação entre o indicador de pessoa, de tempo e de lugar e a presente instância de discurso.

Podemos perceber, dessa forma, que o pronome pessoal não é o único que se constitui em uma realidade de discurso. O pronome demonstrativo “aqui”, a partir de um ponto central e a partir do lugar do “eu”, expressa o espaço – pertencente à cena enunciativa. Outro exemplo é o advérbio “agora”, que expressa o tempo da enunciação. Assim, temos formado o quadro da enunciação, relativo à língua em ação, formalizado em *eu-tu-aqui-agora*.

Segundo Benveniste (2006b, p. 70), existe certa confusão em relação ao tempo, porque muitos entendem o verbo como única categoria capaz de exprimi-lo. Para o autor, “a categoria do verbo pode ser reconhecida como mesmo nas línguas não flexionais, e a expressão do tempo é compatível com todos os tipos de estruturas lingüísticas”. Falamos, então, num tempo linguístico, que tem seu centro no presente do momento da fala. Assim, o “agora” é um tempo em que *eu* toma a palavra e nisso não há confusão: o interlocutor aceita como sua a temporalidade do locutor, mesmo que este não tenha colocado aquele em seu próprio discurso.

No percurso que fizemos nesta subseção, definimos o quadro enunciativo do *eu-tu-aqui-agora*, noções que serão retomadas no terceiro capítulo, nas análises que serão

desenvolvidas. A seguir, centramos nossos estudos nas noções de *forma* e de *sentido* na linguagem.

1.3.4 Forma e sentido na linguagem

Nesta seção temos o objetivo de mobilizar duas noções, *forma* e *sentido*, que são de fundamental importância para a realização deste estudo. Para isso, utilizaremos três artigos de Benveniste que nos parecem esclarecedores: “A forma e o sentido na linguagem” (1967), “Semiologia da língua” (1969) e “O aparelho formal da enunciação” (1970). Respeitaremos a organização cronológica e consideraremos o alocutário, como diria Benveniste, de cada texto³⁵.

“A forma e o sentido na linguagem”, foi uma conferência proferida para filósofos, em que Benveniste salientou que seus sentimentos se dividiam entre a honra que lhe haviam concedido e a preocupação por ser “ignorante em filosofia” (BENVENISTE, 2006a, p. 220). Entretanto, como existe um objetivo que aproxima linguistas e filósofos – debater os problemas da linguagem –, o autor apresenta no encontro o tema que, para ele, uniria linguistas e filósofos: a forma e o sentido na linguagem.

Ao abordar e considerar a questão do sentido, Benveniste (2006a) afirma que, mesmo sendo levantada, ainda persistia desconfiança em relação aos linguistas abordarem este estudo, o que atribuía ao fato de não existirem estudos consistentes envolvendo a semântica. Segundo o autor, “de fato, as manifestações do *sentido* parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da *forma*” (BENVENISTE, 2006a, p. 221). Ao refletir sobre essa questão, aflora o pensamento de que talvez seja também por esse motivo – de a “forma” ser aparentemente mais concreta – que no ensino da língua portuguesa predomina a “forma” e se desconsidera muitas vezes o “sentido”, o que é muito presente ainda nas escolas. Pensamos que com estudos como o que nos propomos desenvolver, podemos contribuir para a reflexão e para os estudos sobre a linguagem.

³⁵ Alguns textos escritos por Benveniste foram proferidos para filósofos, e outros, para linguistas. Apesar de o objeto de estudo ser o mesmo, a linguagem, parece-nos oportuno considerar as diferenças de uma reflexão que se dirige a linguistas e outra que se dirige a filósofos. O próprio autor elucida essa possível diferença no início de seu texto de 1967, *A forma e o sentido na linguagem*: “Sou muito grato pela honra que me concederam ao me convidarem para proferir a conferência inaugural desde Congresso. A este sentimento, mistura-se muito de inquietude face ao fato de que me dirijo aqui, ignorante em filosofia, a um conjunto de filósofos” (BENVENISTE, 2006a, p. 220). Assim, consideramos relevante respeitar essas diferenças.

As noções de “forma” e “sentido”, às quais Benveniste (2006a, p. 221) denomina de “noções gêmeas”, envolvem o domínio dos estudos da linguagem comum, ou seja, a linguagem em uso. Num primeiro momento, temos o “sentido” como um conjunto de procedimentos de comunicação que são similarmente compreendidos por um grupo de locutores, ao passo que a “forma” é a matéria dos elementos linguísticos quando não se considera o sentido, ou é arranjo formal, no nível linguístico relevante, desses elementos. Portanto, é necessário, e até mesmo possível, opor essas noções? Diríamos sim e não ao mesmo tempo. Podemos opor, se isso for feito como uma convenção banal, o que não é nosso objetivo; porém, opor essas noções não será possível caso considerarmos o funcionamento da língua, pois é integrando que “forma” e “sentido” retomam força e necessidade. Assim, essa “oposição” nos remete a um problema: o da significação.

Benveniste (2006a, p. 222), talvez aproveitando o fértil terreno filosófico, apresenta uma interessante relação entre a linguagem e a vida em sociedade:

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são estas funções? Tentemos enumerá-las? Elas são tão diversas e numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades de fala, de pensamento, de ação, todas as realizações individuais e coletivas que estão ligadas ao exercício do discurso: para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver.

Sendo próprio da linguagem “significar”, faz-se necessário que reflitamos um pouco sobre esse conceito. Para isso, Benveniste (2006a) apropria-se da noção de língua do CLG³⁶, no qual se parte do princípio de que é “um sistema de signos distintos correspondentes a ideias distintas” (SAUSSURE, 2006, p. 18). Contudo, Benveniste vai além. Para ele, ao pensar ter dito tudo sobre a natureza da língua, Saussure não evidenciou que ela podia ser ao mesmo tempo outra coisa. Nesse sentido, é preciso ir além da análise da língua como sistema significante.

³⁶ A partir da publicação do *Curso de linguística geral*, apresentamos a definição de língua como objeto da linguística. A linguagem teria duas partes: a língua (*langue*), considerada essencial, e a fala (*parole*), como sendo secundária. A *langue*, de modo geral, refere-se à língua como sistema de signos interiorizado culturalmente pelos sujeitos falantes, ao passo que *parole* se refere ao ato individual de escolha das palavras para a enunciação do que se pretende. Saussure ainda diferenciou os aspectos históricos e evolutivos da língua, denominando-os de diacrônicos; e o estudo dos estados de língua, da relação entre os elementos simultâneos, denominando-os sincrônicos. Para ele, a faculdade de constituir uma língua seria natural ao homem, embora seja ela própria uma convenção (SAUSSURE, 2006, p.18). Nesse sentido, a língua é um sistema de signos linguísticos, no qual, “de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas” (2006, p. 23).

Formula-se, a partir de Saussure (2006), a proposição de que o signo é a unidade semiótica e explicita-se a noção de que o signo é unidade e é dependente da ordem semiótica. A linguagem não se deixa dividir, mas é passível de decomposição; integra como unidade particular o signo, que tem limite inferior: o da significação. Não se desce a um nível inferior ao do signo sem se perder a significação.

Temos, assim, ainda em Saussure o caminho da semiologia da língua:

Tratando do signo linguístico, ele [Saussure] abriu o caminho para uma descrição das unidades semióticas: estas devem ser caracterizadas pelo duplo ponto de vista da forma e do sentido, já que o signo, unidade bilateral por natureza, se apresenta por sua vez como significante e como significado (BENVENISTE, 2006a, p. 225).

Com essa tese, Saussure (2006) descobriu o princípio da semiologia³⁷. De acordo com essa perspectiva, o que o signo significa não é possível de ser definido; assim, para que o signo exista, é preciso ser aceito. Benveniste (2006, p. 227) utiliza um exemplo para explicar essa noção. Poderíamos citar muitos outros, mas nos detemos nas explicações do autor: “Chapéu” existe? Sim. “Chaméu” existe? Não. Quando falamos em significado, falamos em significar e não significar. Desse modo, significar é ter sentido. E “é no uso da língua que um signo tem existência; o que não é usado não é signo; e fora do uso o signo não existe” (BENVENISTE, 2006a, p. 227). Por consequência disso, ou está na língua ou está fora da língua. Podemos dizer, por conseguinte, que o semiótico tem por critério que, se for do seu domínio, é intralinguístico, ou seja, passível de identificação no interior e no uso da língua. Com essas considerações definimos a noção de língua como “semiótica”.

Tomar a língua numa noção “semântica” remete-nos ao domínio da língua em ação: a língua mediadora que propicia ao homem a organização de toda sua vida. Segundo Benveniste (2006, p. 229), “somente o funcionamento semântico da língua permite a integração da sociedade e a adequação ao mundo, e por consequência a normalização do pensamento e o desenvolvimento da consciência”. Da perspectiva *semiótica* para a *semântica*, temos uma grande mudança: a primeira é uma propriedade da língua, ao passo que a segunda decorre de uma atividade do locutor, que coloca a língua em ação.

³⁷ A semiologia estuda o sistema de signos. Nesta mesma seção, abordaremos algumas noções presentes no texto “Semiologia da língua” (1969), de Benveniste.

A unidade da semiótica é o signo, ao passo que a da semântica é a palavra³⁸ – entendida aqui como discurso. Numa acepção semântica, o sentido realiza-se no sintagma³⁹ – na e por uma forma específica; já o semiótico define-se por uma relação de paradigma. Esse sentido é a ideia que o enunciado exprime e que se realiza formalmente na língua por meio das escolhas – ou agenciamento das palavras, pela organização sintática, enfim, tudo é contido pela condição do sintagma. No entanto, como ocorre o processo em que se realiza o sentido em semântica?

Para Benveniste (2006, p. 231), “o sentido de uma frase é sua ideia, o sentido de uma palavra é seu emprego (sempre na acepção semântica)”. Diríamos, assim, que cada palavra tem um sentido *a priori*, mas o que vai determiná-lo é seu uso. Ao enunciar, o locutor agencia palavras que a cada vez terá um “sentido”.

Normand (2009a, p.175) aborda essa questão dizendo que, “para Benveniste, é evidente que uma particularidade formal somente tem valor linguístico se estiver ligada a uma particularidade de sentido; no que ele é saussuriano e realmente vai mais longe já que parece estabelecer uma relação de necessidade entre sentido e forma”. A autora mostra como se introduz em Benveniste a questão, que, segundo ela, é central em semântica: a da referência e de suas relações com a teoria da enunciação. Ao abordar essa questão, Normand (2009a) apresenta, primeiramente, a mudança que se realiza em Benveniste acerca das duas noções: a de significação e a de designação (referência). Segundo Normand (2009a, p. 154), “a consideração da referência (designação), não se impõe a ele [refere-se a Benveniste] senão a partir do momento em a significação lhe aparece como um verdadeiro problema teórico a ser tratado como tal”. Essas duas noções foram formuladas (e reformuladas) por Benveniste a partir de 1964.

Num segundo momento, Normand (2009a, p. 154) apresenta noções de referência e enunciação e expõe “a hipótese de que é a especificidade sui-referencial dos termos da ‘pessoa’ que permite à Benveniste como lingüista tratar da referência, sem reduzir a

³⁸ Em vários textos, Benveniste utiliza o termo “palavra”. No sentido em que o usa, parece-nos se referir a discurso ou a enunciado. Por esse motivo, para este estudo, “palavra” e “discurso” são tidos como sinônimos., como pode ser observado no trecho a seguir: “Viu-se que a unidade semiótica é o signo. Qual será a unidade semântica? – Simplesmente a *palavra*. Depois de tanto debate e de tantas definições sobre a natureza da palavra [...], a *palavra* reencontra assim sua função natural, como unidade mínima da mensagem e como unidade necessária da codificação do pensamento” (BENVENISTE, 2006, p. 230, grifo nosso).

³⁹ Segundo Saussure (2006, p. 142), “o sintagma se compõe sempre de duas ou mais unidade consecutivas”. As relações sintagmáticas (eixo horizontal) baseiam-se no caráter linear do signo linguístico. Isso é o que faz com que na palavra “hoje”, por exemplo, não se pronuncie o “je” antes do “ho”. O paradigma (eixo vertical) é considerado um “banco de reservas”, é “sistema preestabelecido”, ao passo que o sintagma é a atualização do paradigma.

semântica a seu modelo lógico-positivista”⁴⁰. Foi a partir de 1966 que Benveniste situou sua nova linguística – a do discurso ou da semântica; nesse momento a descrição dos enunciados tem a característica “de não mais dissociar sentido e referência” (NORMAND, 2009a, p. 162). Amplia-se, pois, a noção de referência ao conjunto da situação da enunciação.

Desse modo, entendemos que o sentido constitui a ideia que o discurso expressa, ao passo que a referência corresponde à situação a que o discurso se reporta, não sendo possível ser prevista ou fixada. Benveniste (2006a, p. 231) conclui, assim, que “a frase é então cada vez um acontecimento diferente, ela não existe senão no momento em que é proferida e se apaga neste instante”. É exatamente nisso que consiste o princípio da enunciação: o uso da língua é sempre mobilizador de sentidos novos, e o referente é o objeto particular a que a palavra corresponde numa circunstância de uso. Dessa forma, a referência não pode ser prevista, porque é formulada a cada instância do discurso.

Em “Semiologia da língua”, de 1969, Benveniste (2006d) apresenta as noções de “semiótico” e “semântico” como duas modalidades ou domínios de sentido, o que chamou de “dupla significância”. Ao desenvolver essas noções nesse artigo, o autor articula que “o semântico toma necessariamente a seu encargo o *conjunto dos referentes*, enquanto que o semiótico é, por princípio, separado e independente de toda *referência*” (BENVENISTE, 2006d, p. 65-66, grifo nosso). Dessa forma, a semântica relaciona-se ao universo do discurso, ou seja, à enunciação.

Ao iniciar esta seção, nosso objetivo era apresentar os conceitos de “forma” e “sentido” na linguagem. Já apontamos algumas considerações relevantes presentes nas obras de Benveniste. No entanto, respeitando a diacronia dos textos e a necessidade de clareza em relação às noções de “forma” e “sentido” e, até mesmo, de enunciação, não poderíamos deixar de abordar e apresentar o texto “O aparelho formal da enunciação” (1970). Muitos linguistas consideram esse texto fundamental a quem ousa adentrar nos estudos desenvolvidos por Benveniste. Para este estudo, não poderia ser diferente. A partir de agora, ancoramos nossos estudos nesse texto, que evidencia uma oposição entre a linguística das formas e a da enunciação. Segundo Flores e Teixeira (2008, p. 35), “à primeira caberia a descrição da regras responsáveis pela organização sintática da língua, ou seja, nela admite-se um objeto

⁴⁰ De acordo com Dosse (1993), no neopositivismo ou positivismo lógico, surgido em torno do chamado Círculo de Viena (duas primeiras décadas do século XX), os seus membros, convencidos de que muitos dos problemas filosóficos não passavam de consequências da imprecisão das linguagens naturais, empreenderam a elaboração de uma linguagem ideal, isenta de ambiguidade, sobre a qual se pudesse edificar uma teoria semântica de caráter lógico. Desenvolveram um modelo teórico baseado no "princípio de verificabilidade", de acordo com o qual, para que uma proposição tenha significado, é preciso que seja passível das atribuições de "verdadeiro" ou "falso", segundo critérios analíticos (lógicos) ou empíricos (fixados a partir da experiência sensorial).

estruturado, devendo-se descrever as regras imanentes a ele. A segunda pressupõe a anterior e inclui no objeto de estudo a enunciação”.

Benveniste (2006d) introduz a distinção entre o emprego das formas e as condições de emprego da língua. Delimitados como “mundos diferentes”, o emprego das formas é que permite certas representações muito precisas, por meio de técnicas comprovadas; por sua vez, o emprego da língua é um mecanismo total, que contempla a língua inteira. Benveniste separa o objeto de estudo da linguística da enunciação (ato) do discurso (produto) ao afirmar que “a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (2006c, p. 82). A essa definição de enunciação acrescenta-se o conhecimento de que, nessa perspectiva, entende-se enunciação pelo próprio ato de produzir enunciado, tendo-se o cuidado para não confundi-la com o objeto, que é o texto.

O fenômeno geral da enunciação pode ser estudado por diversos aspectos, dos quais Benveniste analisa três. Para o autor, o aspecto mais perceptível se dá pela realização vocal da língua; outro diz respeito ao mecanismo de produção: a conversão individual da língua em discurso; por fim, o estudioso dedica-se a definir a enunciação no quadro formal de sua realização. Interessa-nos o último aspecto, ou seja, os elementos formais da enunciação, que se realiza por meio da manifestação individual que ela atualiza.

De acordo com Benveniste (2006c), o ato individual introduz o locutor, em primeiro lugar, como parâmetro nas condições da enunciação: “Antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade de língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor” (BENVENISTE, 2006c, p. 84). Esse locutor que “emana” seu discurso o faz para um ouvinte, num processo que resulta em uma enunciação de retorno. Sendo individual, a enunciação é definida como um processo de apropriação. Por meio do aparelho formal da língua, o locutor enuncia sua posição, de um lado, por meio de índices específicos (de subjetividade) e, de outro, por meio de procedimentos acessórios (não-pessoa). Ao se declarar locutor, assume a língua e insere o *outro*, instaurando, assim, em toda enunciação um alocutário. Nessa mobilização e apropriação, o locutor tem diante de si a necessidade de referir pelo discurso, enquanto o outro tem a possibilidade de correferir.

Essas constatações, chamadas de “condições iniciais”, criam uma situação única, visto que regem, no processo de enunciação, o mecanismo de referência – cada situação torna-se muito singular. Ao se instaurar na enunciação, a presença do locutor conduz a que cada instância de discurso estabeleça um centro de referência interno, levando o locutor a se colocar em constante relação com sua enunciação.

Benveniste (2006c) retoma dois fenômenos linguísticos: os índices de pessoa (*eu-tu*) e os índices de *ostensão* (*este, aqui etc*). Como abordamos essas noções anteriormente, limitamo-nos a esclarecer que esses “indivíduos linguísticos” são engendrados sempre que uma enunciação é proferida, e sempre que isso ocorre esses índices designam um dado novo.

Em relação aos termos que se referem à enunciação, Benveniste (2006c, p. 85) alude às formas verbais “que se determinam em relação ao EGO, centro da enunciação”. O autor elucida ainda que “os ‘tempos’ verbais, cuja forma axial o ‘presente’ coincide com o momento da enunciação, fazem parte deste aparelho necessário” (2006c, p. 85). Assim como os índices de pessoa e de *ostensão*, a temporalidade é produzida na e pela enunciação; a partir dela temos instaurada a categoria do presente, do qual nasce a categoria do tempo. Por conseguinte, somente pela inserção do discurso no mundo é que o homem pode viver o “agora”, tornando-o atual. Com o presente formal, explicita-se o presente que se renova a cada discurso, ou seja, o da enunciação. Por meio desse presente contínuo, tem-se consciência da continuidade, em outras palavras, do tempo propriamente dito.

Em relação à temporalidade, Benveniste (2006c) apresenta três termos e justifica sua relação com esse aspecto, abordando a disposição de um aparelho de funções: a *interrogação* – que é construída para instigar uma “resposta”; a *intimação* – que são os apelos e as ordens que implicam uma relação imediata do enunciador com o enunciatário numa referência precisa ao tempo da enunciação; e a *asserção* – que pode ser negativa (“não”) ou positiva (“sim”). Em síntese, a enunciação é caracterizada pela “*acentuação da relação discursiva com o parceiro*, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo” (BENVENISTE, 2006c, p. 87, grifo do autor). Ao caracterizar a enunciação, Benveniste instaura um quadro figurativo, o que significa dizer que a enunciação coloca como forma de discurso duas figuras necessárias: uma é o início e a outra é o fim da enunciação. Consequentemente, temos a estrutura do que chamamos de “diálogo”. Nessa estrutura, encontramos um locutor que diz *eu* para um *tu*; ao fazer isso se enuncia, instaurando-se no discurso, no uso da língua.

Em síntese, podemos perceber, por meio do percurso exposto até aqui, que a Teoria da Enunciação não apresenta um modelo de análise propriamente dito; o que Benveniste e seus leitores fazem é uma apresentação de princípios que possibilitam a realização de uma análise. Dessa forma, consideramos necessário, antes de finalizar este capítulo, retomar alguns desses princípios.

Primeiramente, a leitura de Benveniste (1970) remete a uma estrutura enunciativa que nos permite observar: a) o próprio ato; b) as situações em que se realiza e c) os instrumentos de realização. A observação do *ato* envolve a figura do locutor como elemento necessário da

enunciação, que se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição, instaurando nessa apropriação um alocutário, explícito ou implícito. A *situação*, prevista nessa estrutura, estabelece a relação entre a enunciação e o mundo em que existe; para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso e, para o alocutário, a de correferir.

A respeito dos *instrumentos*, destacamos três aspectos abordados por Benveniste (2006c): 1) os *índices de pessoa*, que se produzem na e pela enunciação – o “eu”/”tu” marcando a pessoa e o “ele” marcando a não-pessoa; 2) os *índices de ostensão*, como “este” e “aqui”, que evidenciam a instância do termo, o que Benveniste chama de “indivíduos linguísticos”, opondo-se a termos nominais que remetem a conceitos; 3) as *formas temporais*, que se determinam em relação ao centro da enunciação, já que o “presente” traz o “agora”, que marca a inserção do discurso no mundo.

Dessa forma, a fim de apresentar algumas noções indispensáveis para a realização deste estudo, abordamos alguns pressupostos do estudo de Benveniste que nos parecem fundamentais. Muitos outros aspectos poderiam ser contemplados no contexto da enunciação, no entanto foi necessário delimitá-los, direcionando o trabalho para o alcance dos objetivos propostos neste estudo. No capítulo a seguir, a fim de se buscar o suporte teórico sobre os estudos do humor, propomo-nos a estudá-lo detendo-nos, mais especificamente, no que se refere ao humor numa perspectiva linguística e enunciativa. Além disso, apresentamos algumas considerações necessárias acerca do gênero tiras, *corpus* de nosso estudo.

2 HUMOR: a evocação do risível

Sabe-se que as técnicas humorísticas fundamentais consistem em permitir a descoberta de outro sentido, de preferência inesperado, frequentemente distante daquele que é expresso em primeiro plano e que, até o desfecho da piada [tira], parece ser o único possível (POSSENTI, 2010, p. 61).

O objetivo deste capítulo é apresentar um panorama dos estudos sobre o humor e, especificamente, conjecturar sobre uma possível relação entre enunciação e humor. Para isso, primeiramente nos detemos na abordagem de alguns aspectos do humor à luz, principalmente, da fundamentação teórica de Henri Bergson⁴¹, além de apresentar algumas noções propostas por Sírío Possenti⁴² - pesquisador da área de Letras e Linguística com foco nos estudos do humor e da mídia -, e por “Raskin”, cujas contribuições são importantes para nossas análises. Posteriormente, caracterizamos o gênero textual que compõe o *corpus* de nosso estudo – as tiras de humor. Instiga-nos o fato de um enunciado provocar o riso e outro, mesmo que muito semelhante, não proporcionar o mesmo efeito. O que faz com que um texto evoque o risível? Como o humor é construído considerando uma perspectiva enunciativa da linguagem? Essas e outras questões exigem uma reflexão sobre os mecanismos linguísticos utilizados na produção do humor.

Antes de apresentar o embasamento teórico, esclarecemos que nosso objetivo ao abordar esse tema é o de elaborar um estudo linguístico, pois muitos são os estudos sobre o humor numa perspectiva filosófica, psicológica e sociológica. Encontramos algumas pesquisas nessa área, cujas noções serão empregadas neste trabalho, como os estudos de Aristóteles, em *Arte poética* (1981), e os de Henri Bérgson, em *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade* (2007). No que se refere aos estudos linguísticos, localizamos dissertações e artigos, como o intitulado “O gênero tira de humor e os recursos enunciativos que geram o efeito risível”, de José Ricardo Carvalho da Silva (2010). Além desses trabalhos, destacamos os de Sírío

⁴¹ Henry Bergson (Paris, 1859 – 1941), filósofo e escritor francês. Foi nomeado em 1900 professor no Colégio de França. Membro do Instituto de França desde 1901, ingressou na Academia Francesa em 1914. Em 1928 obteve o Prêmio Nobel de Literatura. Morreu durante a ocupação alemã da França. Em seu livro *O riso, ensaio sobre a significância da comicidade*, de 1989 (utilizamos edição de 2007), Bergson apresenta um estudo aprofundado sobre a comicidade.

⁴² Abordamos, nesse segundo capítulo, os estudos de Possenti, porque ele é um autor de destaque no Brasil, ao que diz respeito aos estudos linguísticos da construção do humor.

Possenti, em seus livros *O humor da língua: análises linguísticas de piadas* (1998) e *Humor, língua e discurso* (2010).

Como professores, percebemos que o humor, tão presente no nosso dia a dia, seja numa piada, seja num anúncio publicitário, ou mesmo numa tira, tem despertado muitas vezes o gosto pela leitura por parte de nossos alunos. Ao abordar o humor, não objetivamos, nem nos seria possível, apresentar uma teoria metódica e fechada em si. Procuramos, apenas, apresentar algumas noções, concepções e contribuições acerca desse assunto na perspectiva enunciativa.

Para isso, organizamos este capítulo em quatro seções: na primeira, “Estudos sobre humor”, traçamos um panorama, que possibilite uma visão, embora sintetizada, dos estudos que envolvem o tema; na segunda seção, “O riso, por Henri Bérghson”, dedicamo-nos ao texto de Henri Bergson, que aprofundou o que até então haviam estudado seus predecessores; na terceira seção, “Enunciação e humor”, estabelecemos uma possível relação, retomando aspectos enunciativos desenvolvidos por Benveniste principalmente em seu texto “O aparelho formal da enunciação”, escrito em 1970. Por fim, na quarta seção, “Gêneros textuais e tiras de humor: a abordagem dada pela enunciação”, caracterizamos, partindo dos estudos bakhtinianos, o gênero tiras, *corpus* de nosso estudo, considerando a perspectiva enunciativa de língua/linguagem.

2.1 Estudos sobre humor

Diante de um estudo como o que nos propomos neste trabalho, parece-nos inevitável questionar sobre a sua relevância. Vemo-nos, então, numa situação semelhante à referida por Sírio Possenti em seu livro *Humores da língua: análises linguísticas de piadas* (1998). Ao contextualizar seu estudo, o autor salienta: “Se você diz a alguém que estuda piadas, o primeiro efeito que produz ainda é o riso. É uma pena que seja assim, porque as piadas são, de fato, um tipo de material altamente interessante, por várias razões” (POSSENTI, 1998, p. 25). No decorrer de nossos estudos, compartilhamos essa observação de Possenti e acrescentamos que, quando se diz a alguém que se estuda o humor, o primeiro efeito que se produz é a desconfiança e o segundo, o riso.

Desde a Antiguidade, o humor tem aparecido nos estudos de grandes pensadores. No trabalho sobre poética, Aristóteles (1981), fazendo uma concisa reflexão sobre a comédia,

afirma que o riso é uma característica particular e singular do ser humano. Apesar dessas reflexões, o riso só encontrou, de fato, uma teoria mais consistente no final do século XX. Bergson (2007) procedeu aos primeiros registros conceituais acerca do humor no sentido que lhe atribuímos em nosso estudo. Para o autor, o riso e o cômico são próprios da inteligência humana, ou seja, são partes dos processos mentais dos homens. Assim, somente a capacidade de entendimento e raciocínio inerente ao homem possibilita a manifestação do risível.

Freud (1974) aborda o humor como algo não resignado, como se fosse uma rebeldia do sujeito diante das adversidades. Desenvolve suas pesquisas sobre chistes (o riso da audiência, do outro), afirmando que para ser chiste tem de haver riso. Supondo que estejamos conversando com alguém e dizemos, por descuido, algo que não queríamos dizer, caso rirmos e esse alguém rir conosco, instala-se um chiste. Freud, em seus estudos, reconhece ser difícil caracterizar um texto como chistoso e cita casos mais comuns, como os que tematizam instituições, personalidades, homens, mulheres, raças, povos. Para Freud (1974), o humor é, ao mesmo tempo, alegre e triste: alegre por provocar o risível e triste em sua lucidez. Podemos dizer que, nessa perspectiva, o humor é tragicômico, pois é uma marca de transgressão de regras que regem o funcionamento social.

Possenti reúne em seus livros *Humores da língua: análises linguísticas de piadas* (1998) e *Humor, língua e discurso* (2010) trabalhos sobre “a leitura, os ingredientes linguísticos da piada, e de novo a leitura e os ingredientes linguísticos da piada” (POSSENTI, 1998, p. 10). O autor apresenta alguns estudos sobre a piada e o humor, como o desenvolvido por Delia Chiaro (1992) e Raskin (1985). De acordo com Possenti, Chiaro estudou o que psicólogos e filólogos estudaram, porque supôs que o funcionamento das piadas é algo óbvio (todos as entendem) e dedicou-se às explicações, às interpretações e ao que as piadas significam. Já Raskin (1985), pressupõe o texto humorístico como composto por dois *scripts*, os quais, mesmo sendo necessariamente diferentes e opostos, são compatíveis. O *script* (ou roteiro) define-se como um grupo de informações sobre determinado assunto ou situação, como rotinas e modos difundidos de realizar atividades, consistindo numa estrutura cognitiva internalizada pelo falante que lhe permite saber como o mundo se organiza e funciona. Tais elementos se apresentam em sequências tipicamente predeterminadas (estereótipos). Além de serem objetos cognitivos, os *scripts* estão intimamente catalogados a itens lexicais e podem ser por eles evocados.

Raskin (1985) estabelece uma distinção entre os *scripts* que dependem de informação puramente linguística e os que dependem de um conhecimento de mundo (informação enciclopédica), mas os apresenta ligados, formando redes por elos de natureza semântica.

Nesse sentido, propõe que, para ser caracterizado como humorístico, um texto deve ter compatibilidade total ou parcial entre os dois *scripts*.

Raskin (1985), revisando sua teoria semântica de *scripts* no humor, passou a chamá-la de *General Theory of Verbal Humor* (Teoria Geral do Humor Verbal). A nova teoria considera outras áreas da linguística, como a linguística textual, a teoria da narratividade e a pragmática, além da semântica. Algumas noções abordadas por Raskin a respeito do texto humorístico são a economia linguística, que faz com que se suscitem duas hipóteses, das quais, ao final, apenas uma será pertinente, e o rompimento do “contrato normal” (que é estabelecido para que haja a comunicação) entre emissor e receptor, que seria uma quebra de expectativa que possibilita ao texto ser considerado humorístico. Para Raskin (1985), é a passagem de um *script* a outro.

Com essa breve apresentação dos estudos sobre o humor, pode-se afirmar que, de modo geral, nos últimos anos tem se registrado um crescente interesse por pesquisas que envolvem esse tema. Sobre isso, Possenti (1998, p. 14) assinala: “acho difícil que se possa acrescentar alguma coisa interessante ao que já foi dito sobre o humor”. No entanto, o autor complementa que, segundo Raskin (1985), cabe à linguística explicar o “como”, não o “porquê” do humor. Assim, nosso objetivo neste estudo não é explicar o que significa o humor nas tiras que iremos analisar, mas, sim, descrever seu funcionamento, ou seja, o que é especificamente linguístico, considerando a subjetividade, as categorias de pessoa, de tempo e espaço e as relações de “forma” e “sentido” na linguagem, desenvolvidas por Benveniste.

Poderíamos, então, dizer que há uma linguística do humor? Para Possenti (1998), não há uma linguística do humor, assim como não há uma linguística da literatura, da escrita, da leitura. E isso ocorre em, pelo menos, três sentidos: primeiro, porque não há uma linguística que tenha se dedicado a analisar textos humorísticos do ponto de vista dos ingredientes lingüísticos; segundo, porque, caso se conclua que o humor não seja de ordem linguística (origem linguística), não há uma linguística que organize os alimentos linguísticos associados para que o humor se produza; por último, não há uma linguística que se dedique a verificar se os mecanismos envolvidos na função humorística são exclusivamente próprios dessa função ou se podem, em outras circunstâncias e em outros gêneros textuais, ser responsáveis pela produção de outro tipo de efeito. Diante dessa constatação, poderíamos propor uma linguística do humor?

Neste estudo, compartilhamos do pensamento de Possenti (1998, p. 21):

Na verdade, não faria sentido uma linguística do humor. Se a linguística, ou alguma linguística, for razoavelmente boa, deve servir para análise de diversos tipos de manifestações da linguagem, e, eventualmente, algumas áreas da linguística podem fornecer instrumentos melhores para clarear determinados aspectos da linguagem da criança, do afásico, do humor.

Portanto, não existe uma linguística do humor. Percebemos que alguns linguistas se aproveitam dos dados encontrados nos textos humorísticos e discutem sintaxe, morfologia, fonologia e outros elementos da língua. Entretanto, tais aspectos não são restritos a esses textos, pois poderiam ser estudados também em textos não humorísticos. Nesse sentido, nosso estudo é mais específico, pois poderíamos aplicá-lo a outro gênero que não fosse “tira”, no entanto somente em textos humorísticos.

Realizadas essas considerações, apresentamos na seção que segue os estudos de Bergson (2007). Tomamos como base esse autor por ter sido um dos primeiros a analisar a fundo as ideias de seus predecessores e por ter elaborado uma crítica rigorosa das teorias sobre o riso.

2.2 O riso, por Henri Bergson

Entre os estudos que envolvem o humor, alguns referidos na seção anterior, tomamos como base para nossa pesquisa os desenvolvidos por Henri Bergson, principalmente as noções abordadas na obra⁴³ *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade* (1899). Nela, Bergson nos traz muitas contribuições, pois analisa a fundo o que desenvolveram seus predecessores e institui uma crítica rigorosa às teorias sobre o humor.

O autor, no primeiro capítulo intitulado, “Da comicidade em geral/a comicidade das formas e a comicidade dos movimentos/força de expansão da comicidade”, questiona a significação do riso e salienta não ter a intenção de “encerrar a invenção cômica numa definição” (BERGSON, 2007, p. 1). Faz três observações que considera fundamentais: em primeiro lugar, refere-se ao fato de que, fora do que é propriamente “humano”, não há comicidade; segundo, o riso é ordinariamente acompanhado pela insensibilidade (afinal, por alguns instantes é preciso esquecer uma possível afeição, pois só rimos do que não nos causa

⁴³ Este livro compreende três artigos sobre o riso, publicados na *Revue de Paris* de 1º e 15 de fevereiro e 1º de março de 1899. No entanto, utilizaremos neste estudo a segunda edição, publicada pela Martins Fontes em 2007. Ao citarmos Bergson, faremos referência a esta última.

iedade). Para produzir efeito pleno, a comicidade deve se dirigir à inteligência pura; logo, o maior inimigo do riso é a emoção. Por último, a inteligência em contato com outras inteligências: “o riso esconde uma segunda intenção de entendimento, eu diria quase de cumplicidade, com outros ridentes, reais ou imaginários” (BERGSON, 2007, p. 5). Assim, o riso não ocorre se nos sentimos ou estamos isolados, ou seja, nosso riso é o riso de um grupo.

Desse modo, essas três observações convergem para o sentido de que a comicidade, ao que parece, nasce quando, em grupo, alguns homens dirigem a atenção para um deles, silenciando a própria sensibilidade e exercendo somente a inteligência. Nesse momento, surgem duas questões: Qual é o ponto em particular para o qual se dirigirá a atenção deles? Em que é empregada a inteligência? Bergson procura responder a essas questões por meio de alguns exemplos.

Inicialmente, Bergson (2007) alude à situação de um homem que, correndo pela rua, tropeça e cai, com o que os transeuntes riem. Podemos supor que não ririam dele caso fosse possível crer que de repente lhe ocorre sentar-se no chão., mas riem porque ele se sentou no chão involuntariamente. Portanto, não é a mudança brusca que provoca o riso, mas o que há de involuntário na mudança, nesse sentido, o humor está no imprevisível, irrepetível, no inusitado, no singular. Alguém pode até cair duas vezes no mesmo lugar, mas nunca será “a mesma coisa”, pois o momento sempre será outro. Poderia haver uma pedra no caminho, mas, não podendo se desviar dela, o sujeito caiu, e disso riem as pessoas que estão por perto. Nesse sentido, o autor afirma que “a comicidade é, portanto, acidental; está, por assim dizer, na superfície da pessoa” (BERGSON, 2007, p. 8). Ela pode, no entanto, penetrar no interior, como no caso do distraído: rimos da distração, e a comicidade centra-se na própria pessoa.

Bergson dedica-se à questão do lado risível da natureza humana e da função comum do riso. Para ele, tanto a vida quanto a sociedade exigem de cada indivíduo uma atenção constante, que lhe dê condições de se adaptar à situação presente. O autor destaca a “tensão” e a “elasticidade” como forças complementares que a vida coloca em jogo, e acrescenta que é possível que estejam faltando em nossa sociedade, pois temos muitos acidentes e doenças, além de problemas psicológicos. Superando esses problemas há o que ele designa como “luta pela vida”, com o que podemos viver em comum com outras pessoas.

Entretanto, existe outro fator que a sociedade exige: não basta viver, é preciso viver bem. Para isso, é preciso equilíbrio e constante adaptação recíproca. Nesse sentido, o riso funcionaria como uma espécie de “gesto social”, porque, pelo medo que inspira, é capaz de nos manter constantemente atentos e em contato recíproco com algumas atividades que correriam o risco de se isolar e desaparecer.

Bergson (2007, p. 15, grifo nosso) enfatiza:

Em suma, se traçarmos um círculo em torno das ações e disposições que comprometem a vida individual ou social e que punem a si mesmas através de suas consequências naturais, fica fora desse terreno de emoção e de luta, numa zona neutra em que o homem serve simplesmente de espetáculo ao homem, numa certa rigidez do corpo, do espírito e do caráter, que a sociedade gostaria ainda de eliminar para obter de seus membros a maior elasticidade e a mais elevada sociabilidade possíveis. Essa rigidez é a *comicidade*, e o *riso* é seu castigo.

Para o autor, a comicidade origina-se no momento em que a sociedade e a pessoa são tratadas como obras de arte. Por esse motivo, “a comicidade se equilibra entre a vida e a arte” (BERGSON, 2007, p. 26). Em relação à arte, certas deformidades podem provocar o riso. Pensemos na caricatura. A arte de um caricaturista consiste no movimento de ampliação ou na realização de desproporções que tornem determinado elemento visível para todos os olhos. Podemos dizer que é uma arte que exagera. No entanto, esse não é o objetivo, pois muitas caricaturas apresentam exagero pouco perceptível. Isso significa que, para ser cômico, não é suficiente o exagero – nem é esse o objetivo na caricatura.

Por meio da leitura do capítulo I do livro *O riso: sobre a significação da comicidade* (1899), de Bergson, podemos perceber que o autor aborda *a comicidade nas formas, nas atitudes e nos movimentos em geral*. Para ele, é necessário buscá-la (a comicidade) também nas ações e situações. Já nos capítulos II e III, os quais passaremos a apresentar, Bergson faz reflexões, respectivamente, sobre “A comicidade de situação e a comicidade de palavras” “A comicidade de caráter”.

Ao se referir ao teatro, o autor salienta que, “embora seja verdade que o teatro é uma imitação grosseira e uma simplificação da vida, a comédia poderá fornecer-nos [...] mais informações do que a vida real” (BERGSON, 2007, p. 49). Complementa que a comédia é uma brincadeira que imita a vida. Ao citar brincadeiras, remete aos personagens de comédia, como, por exemplo, o boneco da “caixa de surpresas”: um brinquedo puramente mecânico, mas que diverte o humano. Outro exemplo envolve uma cena de “*Mariage Force*”, em que Sganarelle e Pancrace, após uma discussão, travam um conflito: toda vez que Sganarelle empurra Pancrace para os bastidores, este retorna; quando, finalmente, Sganarelle consegue fechar Pancrace dentro de uma casa, a cabeça deste reaparece pela janela, que se abre como se fosse uma tampa. Com esses exemplos, o filósofo elucida um dos procedimentos usuais da comédia: a repetição.

Ao tratar desse procedimento, surge a seguinte questão: De onde vem a comicidade da repetição de uma palavra no teatro? A essa pergunta simples, Bergson não vê a possibilidade

de encontrar uma resposta satisfatória, caso se recorra a uma teoria da comicidade. Assim afirma que *“numa repetição cômica de palavras há geralmente dois termos presentes; um sentimento comprimido que se estira como uma mola e uma idéia que se diverte a comprimir de novo o sentimento”* (BERGSON, 2007, p. 54, grifo do autor). Desse modo, por meio da imagem do boneco de mola, podemos dizer que o que a invenção cômica faz é converter um mecanismo material em moral.

Entre outras brincadeiras, Bergson (2007) cita o “fantoche e seus cordões”. Os fantoches parecem seres que agem e falam livremente, mas, no fundo, não passam de um brinquedo nas mãos de uma pessoa, que ao fazer isso diverte aos outros e a si mesma. Assim, para que algo seja transformado em comédia, é preciso imaginar que a liberdade aparente disfarça uma trama de cordões: somos como marionetes e não há cena que não possa ser transformada em comicidade. Assim, uma história de uma pessoa, ou mesmo de um grupo, pode parecer, em certos momentos, como engrenagens, molas ou cordões, e isso pode ser cômico. E por qual motivo? Segundo o autor, o mecanismo rígido surpreendido algumas vezes como um intruso nos acontecimentos do dia a dia tem para os seres humanos um interesse particular: serve como uma distração para a vida. Assim,

a comicidade é esse lado da pessoa pelo qual ela se assemelha a uma coisa, aspecto dos acontecimentos humanos que, em virtude de sua rigidez de um tipo particular, imita o mecanismo puro e simples, o automatismo, enfim, o movimento sem a vida. Exprime, portanto, uma imperfeição individual ou coletiva que exige correção imediata. O riso é essa correção. O riso é certo gesto social que ressalta e reprime certa distração especial dos homens e dos acontecimentos (BERGSON, 2007, p. 65).

Com essa definição, Bergson (2007) encerra o que chama de “combinações mecânicas” nos jogos dos homens e afirma que é preciso ir além: é necessário buscar uma dedução completa. Para isso, o autor estabelece três procedimentos: a repetição, a inversão e a interferência das séries. O primeiro desses procedimentos, a repetição, refere-se à repetição de uma situação, como, por exemplo: alguém caminha pela rua e vê um amigo que não via há muito tempo. Nada há de cômico nisso, mas, se no mesmo dia o encontrar novamente mais duas vezes, acabarão rindo juntos da coincidência.

A “inversão” está relacionada ao primeiro procedimento, ou seja, é o fato em que há uma troca de “papéis”, como, por exemplo, um filho que dá um sermão a um pai, um réu que dá um sermão a um juiz. São situações em que há uma inversão de papéis, quando, ao final,

algo recai sobre quem a criou, como o caso do advogado que indica a um réu uma estratégia para enganar o juiz e, ao final, o réu utiliza esta estratégia para não pagar o advogado.

Por fim, o terceiro procedimento é “a interferência das séries”. Segundo o autor, “uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes” (BERGSON, 2007, p. 71). Para exemplificar, citamos o quiproquó⁴⁴ em que uma situação se apresenta em dois sentidos diferentes: um possível, que é atribuído pelos atores, e outro real, dado pelo público.

Partimos da noção de que “a comicidade dos acontecimentos pode ser definida como uma distração das coisas, assim como a comicidade de um caráter individual sempre tem que ver [...] com certa distração fundamental da pessoa” (BERGSON, 2007, p. 75). Nesse sentido, não nos aprofundamos na apresentação desses três procedimentos porque, independentemente de qual deles ocorra – repetição, inversão ou interferência de séries –, o objetivo será sempre o de obter a mecanização⁴⁵ da vida.

No início do capítulo III, intitulado “A comicidade de caráter”, Bergson (2007) afirma estar convencido de que o riso tem acepção e alcance social e de que a comicidade manifesta certa falta de adaptação do indivíduo à sociedade. Dessa forma, não há comicidade fora do humano, sendo o caráter visado em primeiro lugar. Conforme Bergson (2007, p. 102),

esta (a comicidade) não pertence de todo à arte nem de todo à vida. De um lado as personagens da vida real não nos fariam rir se não fôssemos capazes de assistir a suas atitudes como a um espetáculo que vemos do alto de nosso camarote; elas só nos parecem cômicas porque nos apresentam uma comédia. Mas, por outro lado, mesmo no teatro, o prazer de rir não é um prazer puro, quero dizer um prazer exclusivamente estético, absolutamente desinteressado. A ele se mistura uma segunda intenção que a sociedade tem em relação a nós quando nós mesmos não temos [...]. Por isso a comédia está bem mais perto da vida real que o drama.

Apesar de muitos assegurarem que os defeitos *leves* de nossos semelhantes são os que nos fazem rir, não podemos dizer que essa afirmação seja totalmente verdadeira, porque a comicidade nem sempre é indício de defeito, ou seja, podemos rir de uma qualidade de nosso semelhante. Exemplo disso são os programas humorísticos que abordam a questão da

⁴⁴ Também conhecido como comédia de erros, quiproquó, em latim, significa “isto por aquilo” ou “uma coisa pela outra”.

⁴⁵ Para Bérqson (2007), o riso advém da “mecanização da vida”, ou seja, ri-se do outro quando parece que esse se mecanizou, se automatizou. A comicidade assim entendida decorre de três processos: repetição, inversão e interferência de séries.

sinceridade, fazem o ouvinte rir de situações em que os personagens são sinceros. Certamente, há certo exagero nessa sinceridade, mas não podemos negar que é uma qualidade. Assim, a personagem estaria agindo de acordo com a moral, no entanto falta-lhe estar de acordo com a sociedade.

Segundo Bergson (2007, p. 104), grande parte da comicidade ocorre numa situação de isolamento: “assim se explica por que a comicidade é tão frequentemente relativa aos costumes, às ideias – aos preconceitos de uma sociedade, para darmos nomes às coisas”. O autor acrescenta que ideal social e ideal moral não são noções opostas, sendo possível admitir que são os defeitos alheios que nos fazem rir, mas decorrente de sua insociabilidade, não da sua imoralidade.

Assim, que defeitos podem se tornar cômicos? Como já salientamos, a comicidade pertence à inteligência pura e não ocorre numa situação que envolve emoção. O defeito pode ser o mais leve possível, mas, se despertar empatia, medo ou piedade, certamente não provocará o riso; ao contrário, diante da insensibilidade de um grave defeito, ele poderá se tornar cômico. Assim, se algo não comover e não despertar a sensibilidade no ser humano, poderá se tornar cômico; a comicidade residirá na razão direta da parcela de rigidez que nela se revelar.

Ao longo de seu estudo, Bergson (2007) apresenta duas conclusões: a primeira é a de que uma pessoa somente é ridícula por uma disposição que se assemelha a uma distração: pode ser observada de fora e pode ser corrigida; a segunda diz respeito ao fato de essa correção ser vista ao mesmo tempo pelo maior número possível de pessoas. No entanto, ao abordar o absurdo cômico, exemplificado por meio da obra *Dom Quixote de La Mancha*⁴⁶, de Miguel de Cervantes, Bergson (2007) comenta que, se encarada a comicidade como e é apresentada na obra, apareceria com uma forma um pouco diferente daquela atribuída até então, pois não mais seria um meio de correção.

⁴⁶ *Dom Quixote de La Mancha* foi escrito por Miguel de Cervantes y Saavedra (1547-1616). Publicada em Madrid no ano de 1605, a obra é composta por 126 capítulos, divididos em duas partes: a primeira surgida em 1605 e a outra em 1615. O protagonista entrega-se à leitura de romances de cavalaria, perde o juízo, acredita que as histórias tenham sido historicamente verdadeiras e decide tornar-se um cavaleiro andante. Parte pelo mundo e vive o seu próprio romance de cavalaria. Enquanto narra os feitos do Cavaleiro da Triste Figura, Cervantes satiriza os preceitos que regiam as histórias fantasiosas daqueles heróis de infantaria.

Bergson (2007, p. 144) ainda ressalta:

Tome-se a continuidade dos efeitos cômicos, isolem-se de vez em quando os tipos dominantes: teremos que a virtude cômica dos efeitos intermediários provém da semelhança destes com esses tipos, e que os próprios tipos são modelos de impertinência para a sociedade.

A essas impertinências citadas pelo autor é que a sociedade contesta com a que é considerada a maior delas: o riso. Nada se tem de benévolo nisso: é o mal que se paga com o mal. Nesse sentido, o absurdo cômico fornece a impressão de um jogo de ideias em que a primeira atitude é a de se associar a ele, poupando-nos, assim, da labuta de pensar.

Esse jogo também está presente nas outras formas do risível já mencionadas: no fundo, temos a tendência de nos deixarmos levar pelo que é mais fácil, ou, mesmo, pela força do hábito. Dessa forma, “já não buscamos adaptar-nos e readaptar-nos incessantemente à sociedade de que fazemos parte [...]. Assemelhamo-nos mais ou menos a um distraído. Distração da vontade, admito, até mais que da inteligência” (BERGSON, 2007, p. 145). O autor salienta que por um momento, pelo menos, entramos no jogo, poupando-nos da fadiga de viver.

Em suma, o riso é simplesmente efeito de nossa natureza, decorrente de um hábito da vida social. Nas palavras do próprio autor, “não tem tempo de olhar, a cada vez, onde está batendo” (BERGSON, 2007, p. 147). O homem foi definido por muitos como “um animal que sabe rir”. Assim, abrir mão do riso – e de fazer rir – seria abrir mão de uma das características que nos materializam como mais humanos.

Apresentadas as noções acerca do humor, abordamos, a seguir, uma possível relação entre a enunciação e o humor, retomando alguns dos pressupostos já abordados no decorrer deste estudo.

2.3 Enunciação e humor

Esta seção tem o objetivo de estabelecer uma relação entre os estudos enunciativos e o humor. Parece-nos ser possível essa relação, sobretudo, por considerarmos que, “diante de qualquer fato ou caso que suscite riso, o pesquisador deve, a cada vez, colocar-se a questão de

caráter específico ou não específico do fenômeno em exame, e de suas causas” (PROPP, 1992, p. 19). Assim, propomo-nos estudar o humor linguisticamente, com base na Teoria da Enunciação, na perspectiva de Benveniste e de seus leitores.

Ao observar livros didáticos de língua portuguesa em uso nas escolas, percebemos que nos últimos anos – decorrente, principalmente, das discussões voltadas para a necessidade de se abordarem diferentes gêneros textuais e do estudo do texto – são comuns perguntas sobre o humor em tiras ou mesmo em piadas. Muitas vezes, pergunta-se em que consiste o humor da tira, o que o desencadeia, o evoca ou, até mesmo, o motivo de a tira ser engraçada. No entanto, acreditamos que os estudos da enunciação possibilitam ir além dessas questões, por acrescentarem um novo olhar, uma nova reflexão sobre a construção do humor. Por esse motivo, parece-nos ser possível e necessária a relação que dá o título desta seção.

Com o percurso realizado até o momento neste capítulo, é possível ter uma visão geral dos estudos sobre o humor. Por meio das ideias de Bérqson (2007), um dos maiores pensadores do tema, constatamos que “não há comicidade fora daquilo que é propriamente humano” (BERGSON, 2007, p. 02). Assim, Aristóteles, Bergson, Freud, Raskin, entre outros pensadores, trouxeram importantes contribuições para os estudos sobre a comicidade. Entretanto, percebemos que muitas dessas reflexões envolvem questões filosóficas, não um estudo específico da linguagem. Dessa forma, nosso objetivo é nos dedicarmos à análise do estudo da linguagem como produtora de comicidade, tomando como *corpus* as tiras do Iotti, como tem feito Possenti (1998) ao propor análises linguísticas de piadas.

Embora Benveniste não trate de questões como o humor, acreditamos que seja possível relacionar alguns aspectos por ele abordados. Consequentemente, acreditamos ser plausível entender melhor como explicar e descrever o uso e a organização da língua numa situação discursiva e como isso interfere na construção do humor. Desse modo, pensamos ser necessário responder à seguinte questão: Como explicar a construção do humor em tiras considerando a enunciação?

Com o propósito de elucidar essa questão, partimos da seguinte observação de Benveniste (2006c, p. 83-84): “antes da enunciação, a língua não é senão possibilidade da língua. Depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor”. Da mesma forma, podemos dizer que o humor antes da enunciação, na *forma* das palavras, é apenas possibilidade, pois é somente *na* e *pela* enunciação que ele se concretiza.

No capítulo anterior, tratamos das noções de “forma” e “sentido”. Segundo Normand (2009a, p. 175),

para Benveniste, é evidente que uma particularidade formal somente tem valor linguístico se estiver ligada a uma particularidade de sentido; no que ele é saussuriano e realmente vai mais longe já que parece estabelecer uma relação de necessidade entre sentido e forma.

Dessa maneira, a língua é o único sistema que combina dois níveis, dois modos de significância: o semiótico e o semântico. O semiótico descreve o modo de significação, que é pertencente ao signo linguístico e que o constitui como unidade, ao passo que o semântico corresponde ao sentido. O Quadro 1, elaborado por Valério (2005, p. 65), sintetiza essas duas noções:

SEMIÓTICO	SEMÂNTICO
É uma propriedade da língua.	É atualização linguística da atividade do locutor.
Sua unidade é o signo.	Sua unidade é a palavra (frase)
Sua função linguística é a de significar (isto é, ser distintiva).	Sua função linguística é a de comunicar.
Sentido de uma palavra é seu emprego.	Sentido de uma frase é sua ideia.
Exercem relação paradigmática (substituição).	Exercem relação sintagmática (conexão).

Quadro 1: Níveis de significação: semiótico e semântico
Fonte: Valério (2005, p. 65)

Por meio das definições apresentadas, podemos perceber que com a locução passamos da língua (semiótico) para a língua discurso (semântico). No capítulo “O aparelho formal da enunciação” (1989), Benveniste (2006c, p. 83) define a enunciação como “a conversão individual da língua em discurso”. A conversão dar-se-ia da seguinte forma: a) a língua coloca o locutor como parâmetro para a enunciação; b) o locutor apropria-se da língua e enuncia-se; c) ao enunciar-se, instaura o *outro* (alocutário) na língua; d) a referência é parte integrante da enunciação: os interlocutores referem e correferem na atribuição de sentido às palavras. Instaura-se, assim, um “centro de referência interno”, que possui formas específicas, as quais colocam o locutor em relação constante com sua enunciação. Essas formas são os índices de pessoa (eu-tu), de espaço e tempo (aqui-agora) e de ostensão de objetos (este, aquele).

Nesses aspectos, acreditamos ser possível traçar e compreender a relação entre o humor e a enunciação. Para Possenti (2010, p. 61), há humor quando se permite “a descoberta de outro sentido, de preferência inesperado, frequentemente distante daquele que é expresso em primeiro plano e que, até o desfecho da piada [em nosso caso é o desfecho da tira], parece ser o único possível”. Dessa afirmação parece-nos possível inferir que a relação de “forma” e “sentido” apresentada por Benveniste (2006c) permite-nos compreender a descoberta desse “outro sentido”, que não é aquele expresso num primeiro momento e que somente é possível na e pela enunciação.

Dessa forma, tomamos a enunciação como “o próprio ato, as situações em que ele se realiza, os instrumentos de sua realização” (BENVENISTE, 2006c, p. 83). Sendo a enunciação a conversão da língua em discurso, por um ato individual, relacionar humor e enunciação é compreender “como o sentido se forma em ‘palavras’, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação. É a semantização da língua que está no centro deste aspecto da enunciação” (BENVENISTE, 2006c, p. 83). Consequentemente, acreditamos que é nessa passagem – de língua a língua-discurso – que a construção do humor se torna possível.

Em síntese, pensamos ser possível analisar as tiras de humor considerando a relação “enunciação” e “humor”. Certamente, muitas outras questões poderiam ser abordadas, ainda mais quando se trata de um estudo complexo e profundo como o de Benveniste. Entretanto, os elementos que compõem o quadro formal da enunciação apontam para o entendimento de como o sentido e o humor se constroem num texto – em nosso caso, nas tiras – evidenciando a relação que se estabelece entre o semiótico e o semântico, mostrando como aquele possibilita a arquitetura deste no discurso.

A seguir, apresentamos algumas noções acerca de “gênero textual”, relacionando-as ao *corpus* deste trabalho e à enunciação.

2.4 Gêneros textuais e tiras de humor: a abordagem dada pela enunciação

Nesta seção caracterizamos as tiras como um gênero, no sentido desenvolvido por Bakhtin (1979). Mikhail Mikhailóvitch Bakhtin é, de acordo com o DLE (2009, p. 241), “responsável por um pensamento complexo, elaborado ao longo dos anos, que antecipa os estudos da enunciação”. A noção de enunciado é desenvolvida por Bakhtin como uma

unidade e elo do discurso. Apesar da relevância de seu pensamento para os estudos linguísticos, seus trabalhos somente começaram a ser reconhecidos na década de 1960.

O texto “Os gêneros do discurso”, publicado⁴⁷ na coletânea *Estética da criação verbal* (1979), apresenta importantes contribuições para as noções de texto, diálogo e produção de sentido. Bakhtin, ao elaborar a noção de texto, aponta para “suas regularidades relativas [que] configuram os “gêneros discursivos”, práticas sociais dinâmicas que garantem as trocas verbais de indivíduos a partir de diferentes esferas de atividade” (DLE, 2009, p. 241). Os estudos dos gêneros discursivos⁴⁸ ganharam notoriedade desde Platão e Aristóteles, mas nessa época estudavam-se apenas as formações literárias.

Atualmente, de acordo com Meurer, Bonini e Motta-Roth (2005, p. 8), “tanto no Brasil, principalmente após a publicação dos PCNs [...], quanto no estrangeiro [...] é notável o número de campos científicos e de profissionais interessados nesse tema [gêneros discursivos]”. Vinculados à vida social e cultural, os gêneros são considerados como fenômenos históricos e têm feito parte das preocupações dos cientistas da linguagem.

Com a ampliação das discussões em torno dos gêneros textuais e o fato de diversos estudos apontarem para a necessidade de serem trabalhadas a produção e a compreensão de textos variados em salas de aula, professores, pesquisadores e estudantes buscam em Bakhtin o suporte teórico necessário para a compreensão da relação existente entre a atividade humana, o uso da linguagem e as esferas de comunicação discursiva. Por meio dos estudos de Bakhtin, é possível empregar a palavra “gêneros” de forma mais ampla, não mais como era concebido na Antiguidade. Ao se referir aos gêneros do discurso, o autor os define como “tipos relativamente estáveis de enunciados” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Nessa definição, considera o fato de os enunciados circulararem – e serem produzidos – em determinadas esferas de atividade. Para Zago e Di Fanti (2008, p. 04),

os enunciados, representantes de gêneros diversos, refletem e refratam características das esferas de comunicação, como aspectos culturais e valorativos. Os gêneros são dinâmicos e híbridos, como a própria esfera, especialmente por serem perpassados por vozes (posições sociais, pontos de vista) oriundas de direções diversas, que se interpelam no enunciado.

De acordo com essa perspectiva, o sentido de uma palavra/texto somente pode ser compreendido na relação entre o enunciado (que evoca um gênero e um espaço discursivo

⁴⁷ Em nosso estudo utilizamos a edição de 2003.

⁴⁸ Utilizamos as noções de gêneros textuais e gêneros discursivos como sinônimos.

para ser produzido) e o gênero (esfera de produção e circulação dos enunciados). Segundo Bakhtin (2003, p. 261), “o emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana”. Esses enunciados presumem as condições específicas e as finalidades de cada campo, aludido pelo seu conteúdo (temático), pelo estilo da linguagem (seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua) e, sobretudo, por sua construção composicional.

O conteúdo temático é o assunto de que o enunciado trata e a possibilidade de ser concretizado (de “dizê-lo”) é efetivada por meio dos gêneros. A construção composicional diz respeito aos elementos das estruturas textuais/discursivas/semióticas que arranjam um texto pertencente a um determinado gênero. O estilo refere-se a questões individuais e genéricas – vocabulário, estruturas frasais, preferências gramaticais. Embora se percebam individualmente esses elementos, essas três dimensões não funcionam isoladamente, pois estão intrinsecamente ligadas e dependentes.

Dessa forma, “todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Nesse sentido, podemos dizer que todo enunciado particular é individual, mas cada campo de uso da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, e a isso chamamos de “gêneros do discurso” (nomenclatura empregada por Bakhtin).

Desse modo, as formas relativamente estáveis de enunciados, que se definem por aspectos relacionados ao conteúdo, à composição estrutural e aos traços linguísticos, extremamente ligados aos contextos (condições e finalidades) nos quais estão inseridos, constituem os gêneros do discurso. O fato de estarem relacionados ao contexto e de estabelecerem uma relação de dependência com esse contexto é que leva a que sejam considerados historicamente variáveis. Podemos afirmar, assim, que a língua é formada por uma variedade imensa de gêneros e que a dificuldade de classificá-los é proveniente dessa variedade.

Em relação à linguagem, para Bakhtin (2003), ela é um fato social e deve ser pensada na sua relação com as diferentes esferas de atividades humanas. Dessa forma, o falante, ao fazer uso da linguagem nas variadas atividades sociais, utiliza-se de um gênero. Por ser um fenômeno social, os gêneros do discurso não se baseiam num pretexto individual, mas, sim, estão radicados na coletividade, na época e no meio social.

Marcuschi (2003), linguista que tem se dedicado, entre outros temas, ao estudo dos gêneros textuais, salienta que esses colaboram na ordenação e estabilização das atividades de comunicação do cotidiano, sendo fenômenos históricos e entidades sociodiscursivas que se caracterizam como eventos textuais maleáveis e dinâmicos. Ao longo de seu trabalho, Marcuschi (2003) aponta algumas questões importantes, como a definição e a funcionalidade dos gêneros e a relação entre os gêneros textuais e o ensino. Ao fazer isso aborda a distinção entre gêneros textuais e tipos textuais. A respeito dessas distinções, o autor elabora o seguinte quadro sinóptico:

TIPOS TEXTUAIS	GÊNEROS TEXTUAIS
1. Constructos teóricos definidos por propriedades linguísticas intrínsecas.	1. Realizações linguísticas concretas definidas por propriedades sócio-comunicativas.
2. Constituem sequências linguísticas ou sequências de enunciados e não são textos empíricos.	2. Constituem textos empiricamente realizados cumprindo funções em situações comunicativas.
3. Sua nomeação abrange um conjunto limitado de categorias teóricas determinadas por aspectos lexicais, sintáticos, relações lógicas, tempo verbal.	3. Sua nomeação abrange um conjunto aberto e praticamente ilimitado de designações concretas determinadas pelo canal, estilo, conteúdo, composição e função.
4. Designações teóricas dos tipos narração, argumentação, descrição, injunção e exposição.	4. Exemplos de gêneros: telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, aula expositiva, reunião de condomínio, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversação espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo virtual, aulas virtuais etc.

Quadro 2: Tipos textuais e gêneros textuais
Fonte: Marcuschi (2003, p. 23)

Pensamos que no trabalho com a produção e a compreensão textual seja fundamental entender as diferenças entre gêneros e tipos textuais. Por meio do quadro elaborado por

Marcuschi (2003), evidencia-se que a expressão “tipo textual” designa algumas categorias, ao passo que a expressão “gênero textual” engloba uma infinidade de textos.

Percebemos que os crescentes estudos que envolvem a questão dos gêneros têm trazido muitas contribuições para o ensino de língua portuguesa. Assim, aos poucos essa distinção está sendo compreendida e considerada por professores, pesquisadores e estudantes. Isso representa algumas implicações, pois muitos pesquisadores defendem que o trabalho com gêneros textuais é uma forma de ensino da língua portuguesa: “as opiniões convergem para o fato de que o ensino de Português deve privilegiar o texto, e de gêneros mais diversos possíveis” (MARCUSCHI, 2003, p. 46). Dessa forma, vislumbra-se no ensino voltado à diversidade de gêneros a possibilidade de o aluno produzir seus próprios conhecimentos linguísticos. Diante do exposto, é possível perceber que noções desenvolvidas por Marcuschi (2003) e, majoritariamente, por Bakhtin (2003) tornaram-se referência para os estudos contemporâneos, tanto sobre a enunciação quanto sobre o gênero.

Feitas essas considerações gerais acerca do gênero discursivo/gênero textual, apresentamos no terceiro capítulo os procedimentos metodológicos e as análises enunciativas das tiras, especificamente, do gênero *corpus* de nosso trabalho: as tiras de Iotti (2010).

3 METODOLOGIA E ANÁLISE

Se nós colocamos que à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, é precisamente porque o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar (BENVENISTE, 2006a, p. 222).

Em algumas pesquisas desenvolvidas, a teoria abordada fornece a definição dos procedimentos a serem adotados para a realização de análises. Entretanto, em Linguística da Enunciação, mais precisamente no quadro teórico de Benveniste, não se apresenta uma metodologia própria de análise, uma vez que ela se constrói a cada uso da língua. Por esse motivo, há a necessidade de delimitar como proceder à análise enunciativa da linguagem com base em Benveniste. Assim, neste capítulo objetivamos explicitar a metodologia e os procedimentos metodológicos adotados para viabilizar o objetivo proposto na realização deste estudo.

Dessa forma, abordamos o que significa “olhar para a linguagem com os olhos da enunciação” (FLORES et al., 2008). Para isso, apresentamos a metodologia, os respectivos procedimentos metodológicos de pesquisa, a coleta de dados do *corpus* do trabalho, as explicações a respeito de como procedemos às análises realizadas nas cinco tiras selecionadas e, por fim, algumas considerações sobre as tiras – *corpus* deste estudo.

3.1 Procedimentos metodológicos

No planejamento desta pesquisa, principalmente das análises, deparamo-nos com o fato de que realizar um estudo na ótica da Teoria da Enunciação na perspectiva de Benveniste significa arquitetar uma análise que não tem uma metodologia nem um fenômeno *a priori*. Nesse sentido, reafirmamos o que apresenta o CLG (2006), de que é o ponto de vista que cria o objeto. Nessa concepção, cabe ao pesquisador selecionar os fatos linguísticos a serem analisados e, ao contrário de outras pesquisas, em que o objeto é os *dados*, em estudos enunciativos da linguagem o objeto são, de acordo com Flores (2001), os *fatos*.

Destacamos que o objetivo deste estudo é aplicar conceitos da Teoria da Enunciação desenvolvidos por Benveniste e explorados neste trabalho de forma a possibilitar a descrição

da construção do humor nas tiras analisadas. Nesse sentido, esta pesquisa é descritiva e bibliográfica, porque tem a finalidade de registrar, observar, conhecer, analisar, sem interferir nos fatos linguísticos presentes no *corpus* selecionado, partindo das principais contribuições teóricas da enunciação (BENVENISTE, 2006c), e descrever a construção do humor em tiras. Para atingir os objetivos propostos, prevaleceu a abordagem qualitativa no processo de análise, que, para Prodanov e Freitas (2009), é diferente da quantitativa, porque não utiliza dados estatísticos no processo de análise do problema; dessa forma, a prioridade não é medir unidades ou enumerar.

Em síntese, o objeto de nosso estudo é a enunciação, o que implica dizer que nosso foco está no *sentido* – sempre único e irrepetível – e que o *corpus* é um elemento material que traz uma manifestação linguística, da qual foram analisados *fatos linguísticos*. Para este estudo selecionamos cinco tiras do *site* oficial do autor (IOTTI, 2010). A escolha deu-se priorizando as tiras-piada e somente aquelas em que o humor se construía linguisticamente, ou seja, não foram utilizadas tiras em que o humor era construído somente pelo texto não verbal.

Após a seleção do *corpus*, realizamos a análise de cada tira selecionada em duas etapas: 1) descrição dos elementos textuais da tira, contextualizando-a e apresentando suas características, como as personagens, o lugar, a linguagem usada e o assunto; 2) análise enunciativa das tiras, considerando a relação *enunciação* e *humor*, com base em três elementos, que, segundo Benveniste (1970), constituem o quadro formal da enunciação: o *ato* de enunciação; a *situação* em que a enunciação se realiza e os *instrumentos* utilizados no uso da língua nas tiras analisadas. Nessa etapa, apesar de se abordar em cada análise os três elementos (*ato – situação – instrumentos*), em algumas tiras enfocamos apenas um desses, por considerarmos que essa sistematização fornece um melhor desenvolvimento e entendimento desses conceitos.

Analisadas as cinco tiras, apresentamos a discussão das análises, retomando e destacando os principais elementos observados em cada tira, a partir das relações forma e sentido, enunciação e humor.

3.2 Seleção e descrição do *corpus*

Para a realização deste estudo, foram selecionadas cinco tiras de Iotti (2010), extraídas do *site* oficial do autor. Como nosso objetivo é descrever o humor linguisticamente,

priorizamos as tiras-piada em que o texto verbal se fazia presente, ou seja, desconsideramos as tiras compostas apenas pelo texto não verbal.

Na análise e interpretação do *corpus*, resgatamos os elementos desenvolvidos no decorrer do primeiro e do segundo capítulo, centrando-nos nos conceitos abordados por Benveniste (2006c), principalmente no que diz respeito à subjetividade (*eu-tu-aqui-agora*). Ao arquitetar nossa análise enunciativa, primeiramente, identificamos locutor (*eu*) e alocutário (*tu*) e destacamos o texto verbal presente na tira analisada. Posteriormente, destacamos os elementos que colaboraram para a construção do humor, identificamos o *ele* (não-pessoa), ou seja, “de que” ou “de quem” se fala na tira, e descrevemos o quadro enunciativo presente na tira: o *ato*, a *situação* e os *instrumentos*. Por fim, apresentamos a relação que se estabelece entre a *forma* e o *sentido* das palavras no discurso e entre *enunciação* e a construção do *humor* nas tiras.

Feitas essas considerações, entendemos que seja necessário ainda explicitar algumas características do *corpus* deste estudo: as tiras. Para isso, na seção que segue apresentamos as noções de gênero e de tira, apoiando-nos nos estudos desenvolvidos por Bakhtin (1979), Marcuschi (2003) e Mendonça (2003), entre outros estudiosos.

3.4 De quadro a quadro: algumas características sobre o *corpus*

Vivemos uma época marcada pelo desenvolvimento tecnológico. A comunicação eletrônica expande-se rapidamente e novas tecnologias surgem a cada dia. Juntamente com esse desenvolvimento, surgem e desaparecem diferentes gêneros textuais. Neste estudo, privilegamos a análise do gênero textual *tiras*. Como outros gêneros, as tiras apresentam elementos que as definem e as caracterizam como atividade sociodiscursiva.

Assim, entendemos que o texto a que chamamos de “tiras” constitui um gênero, caso tomemos como apoio os estudos de Bakhtin (1979), para quem “cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso*” (2003, p. 262). Aceitando a noção de que, para ser gênero, “um enunciado deve ter uma forma composicional relativamente estável” (POSSENTI, 2010, p. 104), parece-nos que a noção de *tira*⁴⁹ (e HQs)

⁴⁹ Mendonça, no artigo “Gêneros textuais & ensino” (2003), concebe as *tiras* como “um subtipo de HQ” (p. 198). Para este estudo, adotamos a noção desenvolvida pela autora, por consideramos que esses textos - tiras e HQs - possuem seus “tipos relativamente estáveis” (BAKHTIN, 2003, p. 262). Mas seriam eles agregados a

elaborada por Mendonça (2003) seja a mais adequada para sustentarmos a noção de que a tira é um gênero. Segundo Mendonça (2003, p. 199-200),

Podemos, então, caracterizar provisoriamente as HQs [as tiras] como um gênero icônico ou icônico-verbal narrativo cuja progressão temporal se organiza quadro a quadro. Como elementos típicos, a HQ apresenta os desenhos, os quadros e os balões e/ou legendas, onde é inserido o texto verbal.

Dessa forma, a caricatura, a charge, o cartum, as HQs e as tiras são gêneros não verbais ou icônico-verbais assemelhados. Distingui-los é uma tarefa difícil; no entanto, como já apresentamos, para Mendonça (2003, p. 198), “as **tiras** são um subtipo de HQ: mais curtas (até quatro quadrinhos) e, portanto de caráter sintético, podem ser sequenciais (“capítulos” de narrativas maiores) ou fechadas (um episódio por dia)”. A autora divide as tiras fechadas em dois subtipos, das quais o primeiro é a tira-piada. Nesse texto, o humor é obtido por meio das estratégias discursivas presentes nas piadas em geral, como a possibilidade de dupla interpretação, sendo selecionada pelo autor a menos provável.

Um exemplo de tira-piada é apresentado na Figura 1:



Figura 1 – Exemplo de tira-piada
Fonte: Iotti (2010)

A tira-piada, segundo Mendonça (2003), desenvolve a mesma estratégia das piadas: o duplo sentido. Na tira do exemplo, no primeiro quadrinho Genoveva dirige-se à Radicci “sabe tua diferença di uma pilha?”, e no segundo quadrinho ela complementa “a pilha tem um lado positivo”. O humor da tira é construído por meio do duplo sentido evidenciado pela expressão “lado positivo”, que, num primeiro momento, refere-se à pilha – que possui o lado positivo e o lado negativo. Num segundo momento, “lado” positivo significa que a pessoa tem algo de

gêneros distintos, ou seja, fariam parte cada qual de um gênero? Não nos parece necessário nos determos nessas questões – e não é nosso objetivo neste momento; por isso, utilizaremos o conceito atribuído por Mendonça a HQs para conceituar as tiras.

bom, tem qualidades – que não é o caso de Radicci, pois Genoveva diz, no segundo quadrinho, que Radicci não tem o “lado positivo”.

O segundo tipo de tira é a tira-episódio, na qual o humor é baseado, especificamente, no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens. Na Figura 2 exemplifica-se a tira-episódio:



Figura 2: Exemplo de tira-episódio
Fonte: Anaicfer (2009)

Percebemos que a tira se centra no desenvolvimento da temática: a mãe de Calvin foi ao médico e Haroldo questiona o amigo sobre o motivo da consulta. Ao ser cogitada a hipótese de que a mãe “estaria esperando um bebê”, evidenciam-se as características dos personagens: Calvin, que é um garoto de seis anos, dedica parte de seu tempo a “infernizar” a vida de seus pais, sua vizinha, sua babá, sua professora e, até mesmo, seu tigre de pelúcia. Isso justifica o fato de Haroldo, que tenta ajudar Calvin a ter mais “juízo”, dizer que a mãe deve ter aprendido a lição, ou seja, que Calvin incomoda tanto que seria difícil ela querer outro filho.

Nos dois tipos de tiras há a presença do humor, mas em cada um são usadas estratégias diferentes para que se mobilize a comicidade. Em nossas análises, utilizamos como *corpus* o que Mendonça (2003) caracteriza como tiras-piada, porque trabalhamos com a “descoberta de outro sentido” (POSSENTI, 2010, p. 61), que, evidentemente, se faz presente nessas tiras.

Como podemos depreender na leitura dos exemplos, as *tiras* são organizadas pelo discurso direto: os personagens assumem a palavra com o apoio das imagens, que procuram traduzir o cenário e as circunstâncias enunciativas. Dessa forma, os enunciados reservam em sua configuração aspectos formais que os distinguem dos textos puramente verbais. A estrutura das tiras é compacta e condensada e em cada situação é dado destaque a determinada expressão dos personagens.

Quanto aos temas, variam de aspectos familiares, econômicos e políticos a traços de imigrantes, como é o caso de nosso *corpus*. Em relação aos recursos tecnológicos, possui,

assim como as HQs, relação com o cinema e os desenhos animados, com a diferença de que no cinema e nos desenhos animados as imagens são apresentadas em movimento na tela, ao passo que nas tiras se selecionam quadros a serem sequenciados, o que requer um maior esforço cognitivo do leitor, visto que este deve preencher as lacunas e reconstruir o percurso narrativo.

Dois aspectos importantes a serem destacados são a relação entre fala e escrita e a relação entre as semioses envolvidas: verbal e não-verbal. Abordando o contínuo de Marcuschi (2000), as tiras realizam-se no meio escrito, mas procuram reproduzir a fala (geralmente linguagem informal) nos balões. Quanto à relação entre a linguagem escrita e os desenhos, Mendonça (2003, p. 196) explica:

Os quadrinhos revelam-se um material riquíssimo, pois, na co-construção de sentido que caracteriza o processo de leitura[...], texto e desenhos desempenham papel central. Desvendar como funciona tal parceria é uma das atividades linguístico-cognitivas realizadas continuamente pelos leitores de HQs.

Nosso objetivo ao escolher as tiras como *corpus* deste estudo é analisar como se constrói o sentido numa situação de uso da linguagem, ou, como apresenta Marcuschi (2003), queremos analisar a língua em seu uso autêntico. Para isso, não podemos deixar de considerar as contribuições do desenho⁵⁰ para o entendimento do texto. Andrade (2008) chama de paralinguístico o gênero que é constituído por elementos verbais e não verbais. Para ele, “em relação à paralinguagem, observando-a no desenvolvimento dos estudos realizados até então, constata-se que se caracteriza por acompanhar a linguagem verbal numa conversa. Ela remete a uma série de ocorrências na linguagem” (ANDRADE, 2008, p. 67). O autor contempla o que chama de paralinguagem na oralidade: entonação de voz, intensidade de som, posturas corporais, gesticulação, ícones e imagens.

Ao denominá-las de “fenômeno cultural”, Andrade (2008) chama a atenção para o fato de as HQs – entre as quais incluímos as tiras – terem sido discriminadas durante muito tempo como literatura. Hoje, no entanto, conquistaram seu espaço tanto no que diz respeito a pesquisas quanto no ensino-aprendizagem, em todos os níveis da educação escolar e universitária. Assim, do ponto de vista estrutural, “esse gênero reflete a ideia de que as narrativas figurativas podem ter um suporte verbal e/ou icônico, possibilitando a constituição de sentidos por meio dessa estrutura particular” (ANDRADE, 2008, p. 69). No que se refere a

⁵⁰ Mendonça (2003) chama de “desenho” o texto não verbal e de “texto”, o verbal.

essa estrutura, Almeida (2001) salienta que as HQs – e as tiras – são compostas por uma ou uma série de superfícies, quadradas ou retangulares, chamadas de “vinhetas” ou “quadrinhos”.

Do ponto de vista funcional, a escolha temática sobre os assuntos abordados, em consonância com peculiaridades socioculturais dos interlocutores, determina o efeito risível. No caso do Radicci, Iotti encontrou uma forma de traduzir em traços a imagem de milhares de imigrantes italianos. A história do Radicci, contada com fino humor, é antes de tudo uma imagem de uma parte da nossa história.

Dessa forma, caracterizado o *corpus* de nosso estudo, apresentamos a seguir as análises das tiras, retomando os aspectos desenvolvidos no capítulo 1, em que nos ancoramos nos estudos de Benveniste e de seus leitores, e no capítulo 2, evidenciando o quadro formal da enunciação (*eu-tu-aqui-agora*), a relação *forma* (semiótica) e *sentido* (semântica) e *enunciação e humor*.

3.5 Análise enunciativa das tiras

Antes de qualquer coisa, a linguagem significa, tal é seu caráter primordial, sua vocação original que transcende e explica todas as funções que ela assegura no meio humano. Quais são estas funções? [...] Elas são tão diversas e numerosas que enumerá-las levaria a citar todas as atividades [...] para resumi-las em uma palavra, eu diria que, bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver (BENVENISTE, 2006a, p. 222).

Nesta seção temos por objetivo descrever e analisar a construção do humor nas tiras do Iotti (2010) com base nos objetivos propostos e considerando nossa hipótese inicial, de que o humor depende da simultânea consideração das relações de dissociação de forma (semiótica) e integração do significado (semântico), determinado pela referência única e irrepitível da palavra no discurso. Para isso, retomamos os conceitos apresentados no decorrer deste estudo, principalmente os referentes aos estudos enunciativos.

A seguir, apresentamos as cinco tiras selecionadas e analisadas. Para a realização da análise procedemos, primeiramente, a uma contextualização da tira – os personagens, o cenário e as suas principais características; em seguida, fazemos a descrição enunciativa da tira. Ressaltamos que, a fim de as análises enunciativas das tiras não ficarem exaustivas e repetitivas, desenvolvemos mais alguns elementos (as categorias (*pessoa, tempo e espaço*)), o

quadro formal da enunciação (*ato, situação, instrumentos*), em algumas tiras e, em outras, outros elementos.

Para finalizar as análises, apresentamos uma discussão com algumas considerações a respeito de todas as tiras analisadas. Para facilitar a leitura e o entendimento das análises optamos por apresentar, primeiramente, as tiras e, na sequência, as próprias análises. Como este estudo é linguístico, quando falamos em semiótica e semântica, estamos nos referindo aos termos usados por Benveniste em seus estudos.

3.5.1 Análise da tira 1



Figura 3 - Tira 829
Fonte: Iotti (2010)

3.5.1.1 Apresentação da tira 1

Descendente de imigrantes italianos que se estabeleceram na região da Serra do Rio Grande do Sul, Carlos Henrique Iotti, jornalista, repórter e cartunista, criou uma série de personagens que representam um estereótipo do imigrante italiano. Entre os mais conhecidos estão Radicci e sua família: Genoveva, a esposa; Guilhermino, o filho, e o Nono, o avô.

Inimigo do trabalho, Radicci é amante do vinho e da boemia; é machista e não tem bons hábitos de higiene, enfim, é um caipira que faz sucesso pelo mundo, como Hagar e Asterix. Espécie de *Mamma italiana*, Genoveva, esposa de Radicci, é o principal obstáculo entre ele o *garafón* de vinho. Seu filho, Guilhermino, totalmente diferente do pai, é ecologista, surfista e amante do rock; é protegido por Genoveva das grosserias do pai. O Nono, “meio

caduco”, é o elo com o passado; alega ter participado da Segunda Guerra Mundial como piloto de caça, mas não lembra ao lado de que país.

O personagem Radicci, conhecido como machista e brigão, conquistou o público já na década de 1980, pelo seu temperamento forte. Contudo, a vida de Radicci vem sofrendo modificações, provavelmente se enquadrando ao ritmo da “modernidade”. Assim, Radicci teve algumas surpresas desagradáveis, que o levaram a repensar (se é que podemos dizer isso) algumas de suas atitudes. A principal dessas surpresas foi o fato de a Genoveva ter saído de casa, certamente cansada das demências do marido.

A linguagem utilizada pelos personagens é, para Graeff (2007, p. 198), “uma espécie de vernáculo. Diferente de dialetos do português e do italiano é uma modalidade irreverente chamada sotacón”. Esse modo de falar é resultado da transposição fonética para a linguagem escrita da fala típica dos moradores de regiões da Serra gaúcha.

Na tira em análise, duas vinhetas conduzem à ação narrativa, seguindo o modelo padrão da estrutura da tira no que se refere à justaposição dos quadrinhos: encontram-se na horizontal, divididas em tamanhos iguais. As cores presentes são fortes e destoantes, ficando em destaque os balões.

No primeiro quadrinho a expressão facial de Radicci demonstra espanto e seriedade, ao passo que a de Guilhermino revela tranquilidade e firmeza. As duas vinhetas são compostas por cores fortes: na primeira, evidencia-se a fala de Guilhermino, o que pode ser percebido pela espessura do balão; na segunda, é dado espaço ao texto não verbal, que colabora para o entendimento do enunciado “aqui o chinelon”.

3.5.1.2 Descrição enunciativa da tira 1

No primeiro quadrinho temos um diálogo entre Guilhermino e Radicci. O texto verbal é o seguinte: “bah, véio... pra mãe pensar em voltar tu vai tê que deixá de sê menos chinelão...”. O que podemos compreender desse texto é que – pela fala de Guilhermino – Radicci quer que Genoveva volte para casa, volte a ser sua esposa, porém o filho aconselha que, se ele quer que isso aconteça, terá de ser menos “chinelão”. Pelo contexto, podemos depreender que o fato de

Radicci ser “chinelão” significa que ele tem de se cuidar mais, vestir-se melhor, manter em dia os hábitos de higiene e tratar bem a família, principalmente Genoveva.

No entanto, Radicci, que no primeiro quadrinho demonstra por meio de sua expressão facial atenção (e espanto!) ao que fala Guilhermino, tira o seu chinelo e expressa o seguinte: “aqui o chinelon!!”. Nesse momento torna-se possível nomear o seguinte significado para *chinelon*: um chinelo grande (já que é o chinelo de Radicci), que ele usará para “bater” no filho, por ter lhe dado o conselho de ser menos *chinelon*. Essa atitude de Radicci confirma suas características: brigão e teimoso, que não aceita os conselhos do filho e assume sua posição de pai “ameaçando-o” com seu chinelo. O conselho do filho é rejeitado pelo pai porque Radicci, pelo que se pode perceber, não se preocupa com moda, e ser “chinelão” é uma marca de seu estilo: colono, italiano, grosso..., o que é bem marcado por seu autor Iotti, que ironiza com sua própria origem italiana.

Percebemos que a unidade linguística *chinelon* exerce função central na construção do humor na tira. Mas por que chamamos de “unidade linguística”? Para Benveniste (2005d, p. 131), “uma unidade linguística só será recebida como tal se se puder identificar *em* uma unidade mais alta”. Dessa forma, *chinelon* é uma unidade linguística por ser decomponível em unidades fonemáticas (nível inferior): [c] – [h] – [i] – [n] – [e] – [l] – [o] – [n]; e em outras unidades significantes (nível superior): a *frase*. No caso da tira em análise, *chinelon* constitui e integra a frase “aqui o chinelon”.

Como constituinte da frase, a palavra efetua-lhe a significação, no entanto nem sempre aparece na frase com o sentido que tem “como unidade autônoma” (BENVENISTE, 2005d, p. 132). É o que acontece na tira: *chinelon* tem referências diferentes e é exatamente o fato de as referências serem diferentes que possibilita a construção do humor: num primeiro momento, *chinelon* significa pessoa pouco refinada; no segundo, a referência é chinelo grande.

Benveniste (2005d, p. 132) afirma que “uma frase constitui um todo que não se reduz à soma das suas partes: o sentido inerente a esse todo é repartido entre o conjunto dos constituintes”. Por conseguinte, entendemos frase aqui como uma unidade de discurso; é o que permite que o exercício da língua ultrapasse a noção de língua como sistema de signos e entre no campo da língua em uso. Nessa concepção, o sentido da frase decorre da referência que ela faz na situação espaçotemporal que a origina. Assim, o que muda entre o primeiro e o segundo quadrinho é a referência da palavra *chinelão/chinelon*.

Ao aportarmos neste estudo a noção de enunciação como “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006c, p. 83), entendemos que esse conceito traz o fato de o locutor mobilizar a língua por sua própria conta. Guilhermino

enuncia-se apropriando da língua e instaurando o *tu* (Radicci); ao se apropriar da língua e se enunciar, concretiza o *ato* de enunciação.

Ao salientar que a enunciação é irrepetível e singular, reiteramos que, quando o locutor se apropria da língua e instaura o *tu*, a referência é construída pelo discurso. Desse modo, no momento em que Guilhermino – o locutor – faz seu comentário, intima a reação de Radicci (alocutário) e, juntos, estabelecem a *situação* – outro elemento do quadro formal da enunciação.

A *situação* de enunciação “vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação” (BENVENISTE, 2006, p. 84). Primeiramente, os índices de pessoa inserem-se nessas formas. Na tira em análise, na construção “pra mãe pensar em voltar tu vai tê que deixá de sê menos chinelão...”, Guilhermino comenta a respeito da possibilidade de a mãe voltar para casa. Ao fazer isso, dirige-se ao pai dizendo “tu vai tê”, intimando-o a fazer o que ele está sugerindo. Percebemos um *eu* que “evoca” seu *tu* a uma resposta, a qual, provavelmente, o *eu* (Guilhermino) esperava que viesse a compartilhar. Entretanto, acontece o oposto: Radicci (*tu*) não concorda com o conselho do filho e demonstra reprovação dizendo: “aqui o chinelón”. Isso ocorre porque a referência construída pelo filho é uma e a do pai, outra. Nesse sentido é que se pode afirmar que a referência é construída pelo discurso, pela enunciação.

Ao dizer “aqui o chinelón”, estabelece-se outra forma específica, que faz parte da *situação*: os índices de ostensão, que, para Benveniste (2006 c, p. 85), são “as formas denominadas tradicionalmente ‘pronomes pessoais’, ‘demonstrativos’, aparecem agora como uma classe de ‘indivíduos lingüísticos’”. Esses índices podem se referir a pessoas, momentos ou lugares. Comumente, a palavra “aqui” é denominada um advérbio de lugar; no entanto, no caso da tira analisada, temos o “aqui” que se refere ao fato de Radicci irritar-se com Guilhermino por chamá-lo de “chinelão”; por isso, tira chinelo e ameaça dar umas “chineladas” no filho. Nessa situação, o “aqui” é um dêitico⁵¹, entretanto não é de lugar. Poderíamos, então, atribuir-lhe outra classificação? Não temos todas as respostas nem mesmo a certeza de que seja necessária uma classificação. Há muito a se pesquisar no que diz respeito à dêixis, mas o que se pode depreender da análise do “aqui” é que o estudo enunciativo

⁵¹No Brasil, muitas pesquisas sobre a dêixis têm sido realizadas nos últimos anos, porém ainda há muito a pesquisar sobre essa questão. Para Flores et al. (2008, p. 165), “a dêixis, na vertente enunciativa, é um fenômeno geral que não pode ser adequadamente descrito sem que os signos sejam referidos ao emprego que o sujeito dele faz”. Desse modo, os dêiticos descrevem uma relação entre enunciado e enunciação e possibilitam ao sujeito que enuncia instaurar a relação do enunciado a si próprio. Por esse motivo, a dêixis está correlacionada aos indicadores de pessoa.

permite analisar e compreender a língua em uso, além de repensar as classificações apresentadas pela gramática tradicional.

Além disso, esse índice de ostensão (“aqui”) nos remete a um elemento necessário no gênero textual *corpus* de nossa análise: o texto não verbal. Esse elemento fornece informações para que possamos situar os acontecimentos num dado espaço e num dado tempo. A fala de Radicci talvez não teria sentido se não tivéssemos a confirmação, dada pela “figura”, na tira de que *chinelon* é o chinelo do Radicci.

Assim, temos a terceira forma específica da *situação*: os índices de tempo. Há uma importante noção implicada nesses índices: o presente coincide com o momento da enunciação. Nesse sentido, “é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível” (BENVENISTE, 2006c, p. 85), porque é somente pela inserção do discurso no mundo que o homem pode viver o agora. Assim, os enunciados “Bah, véio... pra mãe pensar em voltar tu vai tê que deixá de sê menos chinelão...” e “aqui o chinelón” poderão ser repetidos infinitas vezes, mas cada vez que forem pronunciados/escritos farão parte de um “aqui” e um “agora” de um “*eu/tu*”.

Nesse processo, a língua realiza-se e atualiza-se em uma instância de discurso, instaurando o locutor (que produz o ato da enunciação) e o alocutário (que produzirá outra enunciação). São sempre novas e nunca se repetem a realização e a atualização, porque a enunciação é sempre singular e irrepitível. É a isso que se refere Benveniste (2006b, p. 68) ao afirmar que, “para aquele que o enuncia [enuncia o ato], é cada vez um ato novo, ainda que repetido mil vezes, porque ele realiza a cada vez a inserção do locutor num momento novo do tempo e numa textura diferente de circunstâncias e de discursos”. Quando abordamos a questão da “instância de discurso”, referimo-nos ao *tempo* da enunciação: presente. O *agora* é cada vez que o “eu” toma a palavra. Na tira, tanto o discurso de Guilhermino quanto o de Radicci instauram um *agora*, que é o momento da enunciação.

Diante dessas considerações, podemos afirmar que o locutor da tira (Guilhermino) se apropria da língua e, por meio dos *instrumentos* – que de acordo com Toldo (2010) são todos os recursos linguísticos que o locutor tem disponível na língua para que a relação interlocutiva entre o *eu* e o *tu* aconteça - enuncia-se. Ao fazer isso, instaura um *tu* (Radicci) e o faz de alocutário.

Primeiramente, o locutor fala de um *ele* – não-pessoa, o que para Guilhermino seria uma “forma” de a mãe voltar para casa: Radicci ser menos chinelão; no segundo quadrinho, a não pessoa é *chinelon*. Apesar de ser a mesma palavra, não podemos afirmar que nos dois casos existe o mesmo sentido, porque a palavra se repete, mas a referência é outra. É o que

Benveniste (2006c, p. 84) afirma ao dizer que “a presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno”. No primeiro quadrinho a referência de *chinelão* é desleixado, desarrumado, grosso; no segundo, *chinelon* significa chinelo [grande] com o qual se pode “bater” em alguém, no caso da tira, no filho Guilhermino.

Desse modo, a característica da língua de ser enunciativa é o que provoca a ruptura da sequência da tira e possibilita a construção do humor. Imaginemos *chinelon* com um único significado (chinelo grande). Haveria comicidade na tira caso a referência da palavra *chinelon* fosse única? Provavelmente não. Dessa forma, o humor é a “descoberta de outro sentido, de preferência inesperado” (POSSENTI, 2010, p. 61), e nós, assim como Aristóteles (1891), Raskin (1985) e Possenti (2010), compartilhamos da noção de que o efeito de humor decorre da surpresa. No entanto, vamos além: como “a palavra é constituinte da frase, efetua-lhe a significação; mas não aparece necessariamente na frase com o sentido que tem como unidade autônoma” (BENVENISTE, 2005d, p. 132), partimos da ideia de que o que garante a construção do humor em tiras, como a que analisamos, é a relação indissociável entre *forma* e *sentido*.

Por conseguinte, na tira analisada, *chinelo* tem uma forma e um sentido, que é construído em cada situação enunciativa. Nesse caso, temos alguns significados para a palavra *chinelo/chinelão*, mas em outros enunciados essa palavra poderá ter outro sentido. Imaginemos a seguinte situação: um jovem mal vestido passa por um grupo de adolescentes de classe média e um destes dirige-lhe a palavra dizendo: “Olha o chinelão”. Nesse contexto, chinelão é um xingamento, que designa um ser de classe inferior. Em outro exemplo, a respeito da marca Havaianas, encontramos um artigo intitulado “Havaianas, o chinelo que virou artigo de moda”, escrito por Bruno Mello (2006), no qual o autor aborda o sucesso da marca Havaianas e o atribui ao mix de *marketing* da marca.

Observando o uso da palavra *chinelo* nesse contexto, a referência construída corresponde a um tipo de calçado feito de borracha. Desse modo, verifica-se novamente que a referência da palavra *chinelão* é construída somente no discurso e, mesmo repetindo-se a situação descrita na tira, não teremos a mesma enunciação, porque esta é única e irrepitível, pois sempre são únicos e irrepitíveis o *eu-tu-aqui-agora*. Desse modo, a referência, o sentido construído nessa primeira tira analisada, deu-se pelo humor, ou seja, a referência construída para chinelão é, aqui, o próprio humor construído pelo uso da língua.

3.5.2 Análise da tira 2



Figura 4 - Tira 339
Fonte: Iotti (2010)

3.5.2.1 Apresentação da tira 2

Da segunda tira que compõe nossa análise fazem parte três personagens: Nôno, Radicci e Genoveva. No primeiro quadrinho, Nôno faz o seguinte comentário a Radicci: “Nestes mato os primeiros imigrantes enfrentavam até onças”. Pela expressão facial dos dois, é possível identificar que estão embriagados e que, provavelmente, tenham “passado da hora” de chegar em casa. O que corrobora essa hipótese são as informações fornecidas pelo texto não verbal: é noite, provavelmente já tarde, quem sabe até amanhecendo, o que pode ser evidenciado pela presença da lua e da cor do céu: azul-escuro. Além disso, Genoveva os espera na porta da casa, como se observa no segundo quadrinho, com o “rolo de macarrão” na mão.

Esta tira faz parte das produções mais antigas de Iotti, como se comprova pelo número da publicação no *site* do Radicci, 339, ao passo que a tira que compõe a análise 1 é a 829. Essas informações são necessárias porque na tira anterior Radicci quer que Genoveva volte para casa, o que evidencia uma outra fase – atual – vivida pelos personagens. Na tira em análise, temos uma situação familiar com a estrutura patriarcal de fachada, mas que, no fundo, é comandada pela mulher, no caso da tira, por Genoveva.

No segundo quadrinho, Genoveva espera na porta de casa o Nôno e o esposo – Radicci. Nessa vinheta temos o seguinte texto verbal: “nada mudou”, que complementa a fala do Nôno no primeiro quadrinho: “Nestes mato os primeiros imigrantes enfrentavam até

onças”. Ao falar que nada mudou, Radicci quer dizer que ainda se tem de enfrentar onças naquele lugar, neste caso a esposa Genoveva, que deve estar furiosa pela embriaguez e demora dos dois.

Por fim, outras informações colaboram para o entendimento da tira, como, por exemplo, o cenário presente no primeiro quadrinho. Quando Nôno diz que os imigrantes daquele lugar enfrentavam até onças, percebemos que o cenário evidencia um lugar interiorano, com mato e poucas casas, pois aparece somente a casa de Radicci. Provavelmente, o cenário não tenha mudado tanto desde a época em que as pessoas enfrentavam onças, no entanto sabemos que nos dias atuais não é comum encontrarmos animais silvestres, nem mesmo no interior do Rio Grande do Sul. Isso nos permite entender que não se trata de onça *animal* no segundo quadrinho, mas, sim, da Genoveva, que está uma “onça” de brava.

3.5.2.2 Descrição enunciativa da tira 2

Na tira que faz parte de nossa segunda análise podemos destacar que Nôno, no primeiro quadrinho, apropria-se da língua e enuncia-se, assim concretizando o *ato* da enunciação: ao se enunciar, Nôno instaura o tu/alocutário. No momento em que são instaurados o locutor/falante e o alocutário/ouvinte, a língua, por meio dessa realização do *ato*, atualiza-se em uma instância de discurso. Assim, o sentido de uma palavra/enunciado sempre dependerá do uso que se faz dela a cada instância de discurso.

Nesse sentido, a fala do Nôno na primeira vinheta – “Nestes mato os primeiros imigrantes enfrentavam até onças” – pode ser repetida diversas vezes, mas a cada vez o sentido é construído, porque a enunciação é singular e irrepitível. Ao se apropriar da língua, o locutor (Nôno) instaura o *tu* (Radicci) e constrói, pelo discurso, a referência de onça “animal feroz”. Desse modo, locutor e alocutário, juntos, estabelecem outro elemento do quadro da enunciação: a *situação*.

A *situação* é manifestada por formas específicas: os índices de pessoa (*eu/tu*), os índices de ostensão e os índices de tempo. Em relação aos índices de pessoa, percebemos que o personagem Nôno (*eu*) faz um comentário no primeiro quadrinho e, ao fazer isso, fala de um *ele*, a não pessoa, que nessa situação significa o fato de os dois personagens estarem no mato no qual os imigrantes tinham de enfrentar “até onças”.

Na medida em que o locutor (Nôno) se pronuncia, intima um *tu* (Radicci) a compartilhar seu pensamento, seu conhecimento; no momento em que o locutor instaura o *tu*, constrói-se a categoria de pessoa. Ao ouvir o comentário de Nôno e, evidentemente, perceber Genoveva na porta esperando-os, Radicci apropria-se da língua e enuncia-se dizendo: “Nada mudou”. Nesse momento temos um *eu* e um *tu* novos, pois eles são, de acordo com Benveniste (2005a), engendrados de novo a cada enunciação. Além desse aspecto, chamamos a atenção para uma questão essencial: o sentido da palavra “onça”. A situação enunciativa mudou de um quadro a outro e, evidentemente, a referência dessa palavra é outra: no primeiro quadrinho, *onça* refere-se ao animal, que, por ser ágil e possuir mandíbulas muito fortes, causa medo. É sentido semelhante ao que encontramos para *onça* no dicionário: “mamífero carnívoro felino” (LUFT, 2000, p. 489). Mas qual é o sentido de onça no segundo quadrinho?

Radicci, ao ver Genoveva, afirma que “nada mudou”, ou seja, naqueles matos continua-se enfrentando *onças*. Seria possível dizermos que onça no primeiro e no segundo quadrinho tem o mesmo sentido? Certamente não. E é nesse aspecto que reside o humor da tira: Radicci quer dizer que os imigrantes ainda enfrentam onça, como é o caso dele, que terá de enfrentar Genoveva, pois certamente ela está muito brava. Com base na fala de Radicci no segundo quadrinho, identificamos que *onça/Genoveva* passa a ser a não pessoa.

Portanto, podemos afirmar que a referência da palavra *onça* não é a mesma no primeiro e no segundo quadrinho, pois, “se o ‘sentido’ da frase é a ideia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar” (BENVENISTE, 2006a, p.231). Desse modo, a referência não pode ser prevista nem fixada, pois é sempre única a cada instância de discurso.

Outra questão importante a ser destacada é o uso do “até”. Encontramos na gramática tradicional a explicação de que o “até” pode ser um advérbio, uma preposição ou uma palavra denotativa de inclusão. No entanto, parece-nos que é possível, por meio da Teoria da Enunciação, ir além dessa classificação para compreendermos a contribuição do uso do termo na tira. Certamente, o “até” evidencia uma escolha linguística: neste caso, tem a finalidade de reforçar o fato de que os imigrantes enfrentaram muitas dificuldades e até onças. “Até onças” – argumento mais forte usado para convencer o leitor de que era algo muito perigoso, tão “perigoso” quanto ter de enfrentar Genoveva.

Ao se considerar que “cada enunciado, e cada termo do enunciado, tem assim um *referendum*, cujo conhecimento está implicado pelo uso nativo da língua” (BENVENISTE, 2005d, p. 137), evidencia-se que a referência da palavra “onça” não é a mesma nos dois

quadrinhos, nem se repetirá se esses mesmos enunciados forem ditos em circunstâncias diferentes ou mesmo semelhantes. Por esse motivo, “os que se comunicam têm justamente isto em comum, uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como tal se opera, sendo inteligível o ‘sentido’ mas permanecendo desconhecida a ‘referência’” (BENVENISTE, 2005d, p. 140). Assim, temos uma infinidade de conteúdos que podem ser transmitidos e com um pequeno número de elementos empregados.

No enunciado, a expressão “nestes mato” contribui para o entendimento da referência que o locutor constrói no primeiro quadrinho: os imigrantes enfrentavam até onças “nestes matos”. Tem-se, assim, outra forma específica do quadro formal da enunciação: os índices de ostensão. A expressão “nestes mato” determina o espaço geográfico, o lugar onde os imigrantes enfrentavam até onças, que é o mesmo lugar onde eles estão. Algumas informações ratificam e colaboram para o entendimento do texto, como, por exemplo, saber que, quando os imigrantes chegaram ao Rio Grande do Sul, fizeram a derrubada das matas, principalmente para construir suas casas e organizar as lavouras. Eles enfrentaram feras e animais selvagens, como tigres, pumas e onças. Dessa forma, o leitor da tira pode concluir ao ler o primeiro quadrinho que *onça*, certamente, refere-se ao animal. Por conseguinte, o índice de ostensão “nestes mato” tem o sentido que lhe é atribuído: lugar onde os imigrantes enfrentavam onças, considerando os outros elementos do texto e nesta instância de discurso.

Há na tira um eixo que norteia a *situação* de enunciação: o presente, que é “propriamente a origem do tempo” (BENVENISTE, 2006c, p. 85), ou seja, coincide com o momento da enunciação e sua noção pode ser auferida à noção de *espaço*. O tempo/espaço é “esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível” (BENVENISTE, 2006c, p. 85) e que aponta para importantes questões, que envolvem: o *aqui* (índice de ostensão) e o *agora* (índice de tempo) do *eu/tu* (índice de pessoa), que se enuncia num tempo presente, que é o *eu-tu-aqui-agora* da produção de discurso, o qual envolve os personagens da tira. Referentemente ao espaço linguístico, evidencia-se que o único espaço inerente à linguagem é aquele gerado no momento da enunciação; é esse espaço que é identificado pelos parceiros da comunicação linguística e que determina os outros.

Em suma, na enunciação, *tempo* e *espaço* integram-se na *apropriação* da língua por um *eu* (Nôno, no primeiro quadrinho, e Radicci, no segundo), em uma referência que é única e que se insere num *espaço-tempo* construído nesta tira.

3.5.3 Análise da tira 3



Figura 5 - Tira 398
Fonte: Iotti (2010)

3.5.3.1 Apresentação da tira 3

Quando os imigrantes italianos ocuparam o Rio Grande do Sul, trouxeram os legados da sua cultura, entre os quais os jogos de cartas, como a canastra, trissete, quatrilha e truco. Na terceira tira que analisamos, o cenário envolve esse espólio da cultura italiana: Radicci está sentado com dois amigos jogando cartas.

Embora não se possa saber exatamente o local em que os três participantes da tira estão, a imagem revela uma situação comum em bares: os personagens jogam cartas, conversam e um deles está fumando. No primeiro quadrinho predominam tons pastéis e evidenciam-se os personagens e a fala de um deles, que diz “mia muié é una Santa”; no segundo, o cenário é composto apenas por quatro cores: verde e amarelo (ao fundo), marrom (mesa e personagens) e branco (fala do personagem). Com essas cores, fica em destaque a fala do personagem.

Em relação à expressão facial dos personagens, no primeiro quadrinho Radicci demonstra tranquilidade e ouve com atenção o que fala o amigo. O personagem que fala tem uma expressão serena, condizente com a afirmação de que sua esposa é “uma santa”. O terceiro personagem, com o cigarro na boca, também ouve atentamente. No segundo quadrinho, as expressões alteram-se: o personagem que está com o cigarro na boca demonstra rebeldia e diz “Sorte tua! A minha ainda tá viva!”. O outro personagem demonstra indignação, enquanto Radicci demonstra espanto.

3.5.3.2 Análise enunciativa da tira 3

Na terceira tira em análise, Radicci participa somente como ouvinte, pois o diálogo estabelece-se entre outros dois personagens, amigos de Radicci. No primeiro quadrinho, o texto verbal proferido por um dos amigos é o seguinte: “mia muié é uma Santa!”. Por meio dessa realização, a linguagem é possível porque cada locutor se apresenta como *sujeito*: “eu não emprego *eu* a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um *tu*. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da *pessoa*, pois implica em reciprocidade – que eu me torne *tu* na alocação daquele que por sua vez se designa por *eu*” (BENVENISTE, 2005a, p. 286). Dessa forma, efetiva-se o *ato* enunciativo: o *eu* (primeiro personagem) intima o *tu* (Radicci e o segundo personagem), o segundo personagem toma a palavra, torna-se o *eu* e enuncia-se dizendo, no segundo quadrinho, “sorte tua! A mia ainda tá viva!”.

Locutor e alocutário estabelecem juntos a *situação* enunciativa: o *eu*, no primeiro quadrinho, faz um comentário sobre um *ele* (a não pessoa – sua esposa) – que neste caso é o fato de sua esposa ser uma santa, provavelmente porque é compreensível, companheira, fiel. Ao intimar um *tu*, constrói-se a categoria de pessoa e espera-se que esse *tu* se pronuncie a respeito do mesmo assunto: concordando, argumentando ou discordando. Ao ouvir o comentário do amigo, o segundo personagem apropria-se da língua e enuncia-se, deixando de ser alocutário e passando a locutor. Com isso, tem-se uma das características da categoria de pessoa: a *reversibilidade*. Para Flores et al. (2008, p. 52), “se *tu* toma a palavra, já não é mais *tu*, e sim *eu*. O que se propunha como *eu* agora é *tu*; a relação é refeita, é nova, já não é mais a mesma”. Nesse sentido, pode-se afirmar que o fundamento da intersubjetividade é a inversibilidade da categoria de pessoa, pois a linguagem torna-se possível por meio deste par linguístico indissociável e reversível: *eu-tu*.

Destacam-se nessa tira dois aspectos. Primeiramente, há a construção de um recurso linguístico utilizado no primeiro quadrinho da tira em análise: a metáfora. O locutor, ao dizer “mia muié é una santa!”, constrói um sentido metafórico – que só existe na cena enunciativa. Essa posição é única e assumida em cada enunciado, porém no segundo quadrinho a metáfora não é “aceita” pelo alocutário, além de ser desconstruída em sua enunciação. Essa desconstrução da metáfora e a construção de um novo sentido para *santa* é que levam a que entre em cena outro recurso linguístico: o humor. É o que Raskin (1985) chama de a passagem de um *script* a outro, em que duas hipóteses são suscitadas, mas apenas uma acaba sendo pertinente.

Em segundo lugar, temos o uso do termo *ainda* em “a mia ainda tá viva”. A gramática tradicional apresenta *ainda* como um advérbio de tempo. Para Bechara⁵² (2006, p. 288), “fundamentalmente, distribuem-se os advérbios em assinalar a posição temporal (os de tempo) ou espacial do falante (os de lugar), ou ainda de modo pelo qual se visualiza o ‘estado de coisas’ designado na oração”. Apesar de Bechara apresentar uma visão mais próxima do que se acredita ser analisar a língua, pensa-se que o que se diz do advérbio nessa concepção não seja suficiente para o entendimento do sentido do advérbio no texto, porque não é suficiente na tira em análise dizer que “ainda” é um advérbio de tempo.

Considerando a visão enunciativa da linguagem, podemos ir além. Primeiramente, observemos o sentido do enunciado caso estivesse escrito da seguinte forma: “Sorte tua! A mia tá viva”! Poder-se-ia dizer que o sentido é o mesmo encontrado no enunciado da tira? Ao ler atentamente a frase da tira e o enunciado aqui elaborado, percebemos que não divergem, mas não podemos dizer que o uso de *ainda* não altera o sentido. O advérbio intensifica o enunciado e, além disso, de “a mia [esposa] ainda tá viva” podem-se depreender alguns pressupostos: o de que a mulher (esposa do locutor) “ainda” não morreu e o de que a esposa morrer não seria ruim, pois o locutor diz que o amigo tem “sorte”.

Essa diferença que se configura entre o que a gramática tradicional conceitua e o que a enunciação possibilita compreender parece-nos evidente no texto “O aparelho formal da enunciação”, conforme Flores e Teixeira (2008, p. 35): “Benveniste concebe uma oposição entre a linguística das formas e a de enunciação”. Desse modo, *ainda* em sua forma é um advérbio de tempo, mas somente seu uso determinará seu sentido.

A leitura da tira permite perceber que o humor está centrado na construção do sentido do termo *santa*: a palavra (a forma) se repete nos dois quadrinhos, no entanto a referência é outra. No primeiro momento, para se entender o sentido de *santa* é preciso ter o conhecimento de que, quando uma mulher é chamada assim, significa que ela é uma boa pessoa/boa esposa segundo os padrões da sociedade (e os do marido!): faz bem os serviços domésticos, é fiel, é compreensiva, cuida dos filhos, não briga. No segundo momento, *santa* refere-se aos costumes religiosos: oficialmente, uma *santa* é uma mulher que, por exemplo, a Igreja Católica designa canonizada após um processo de reconhecimento. Isso acontece somente com pessoas que já tenham morrido e tenham comprovada sua santidade.

⁵² Evanildo Bechara é autor de gramáticas da língua portuguesa destinadas tanto ao público leigo quanto a profissionais da área. É membro da Academia das Ciências de Lisboa e Doutor *Honoris Causa* pela Universidade de Coimbra; professor Titular e Emérito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e da Universidade Federal Fluminense (UFF), além de titular da cadeira nº 16 da Academia Brasileira de Filologia e da cadeira 33 da Academia Brasileira de Letras.

Nesse sentido, ao se afirmar que a enunciação “é produto de um ato de apropriação da língua pelo locutor, que, a partir do aparelho formal da enunciação, tem como parâmetro um locutor e um alocutário” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 35), conjectura-se que esse quadro teórico dá conta do processo de referenciação, pois o locutor estabelece relação com o mundo por meio do discurso de um sujeito no momento em que mobiliza e se apropria da língua, ao passo que o alocutário correferre. Na tira, o *eu* (primeiro personagem) ao se enunciar constrói a referência *santa* = boa esposa; o *tu* (segundo personagem) aceita sua posição de alocutário e, posteriormente, assume a palavra e enuncia-se, tornando-se nesse momento o *eu* e constrói outra referência para *santa*: pessoa que já morreu.

Para entender essa enunciação, é necessário enfatizar a diferença dada ao tratamento da referência pelos níveis de significação: o *semiótico* e o *semântico*. Fora do contexto, *santa* tem um significado dicionarizado, no entanto sua referência é construída na e pela enunciação. É o que encontramos em Benveniste: “no semiótico, ela [a referência] está ausente; no semântico é definidora do sentido porque este se caracteriza pela relação estabelecida entre as ideias expressas sintagmaticamente na frase e a situação de discurso” (FLORES; TEIXEIRA, 2008, p. 32). Dessa forma, o humor é construído pela atribuição de sentido às palavras, ou seja, pela referência construída nessa enunciação pelos interlocutores em seus discursos.

3.5.4 Análise da tira 4



Figura 7- Tira 333
Fonte: Iotti (2010)

3.5.4.1 Apresentação da tira 4

A quarta tira analisada segue o padrão de tiras elaboradas por Iotti: duas vinhetas apresentadas em justaposição horizontal, de tamanhos iguais. Na primeira, um único personagem compõe a cena, está ao telefone e com uma espingarda nas costas. Logo se conhece seu interlocutor: trata-se de Radicci. Essa informação é evidenciada pelo texto verbal “Radicci, vômo cacá?”. No segundo quadrinho aparecem dois personagens: Radicci e Genoveva. O texto verbal é o seguinte: “Non posso, tô com pontada!”.

Numa primeira leitura, parece coerente alguém que está com “pontada”, termo que designa, popularmente, pneumonia, não poder ir caçar. No entanto, a surpresa é evidenciada pelo texto não verbal, na medida em que a imagem revela que Genoveva segura uma faca com a ponta encostada em Radicci, que está ao telefone. A expressão facial de Radicci revela desgosto e, ao mesmo tempo, ressalva em relação à esposa. Desgosto porque, provavelmente, gostaria de acompanhar o amigo na caçada, e ressalva porque a esposa o está ameaçando com uma faca. Genoveva demonstra, na sua expressão facial, brabeza e desaprovação em relação ao convite recebido por Radicci.

Em relação ao espaço interno dos quadrinhos, tanto o primeiro personagem quanto Radicci e Genoveva parecem estar em suas casas, o que é evidenciado pelo uso de telefones convencionais. Caso fossem celulares, os personagens poderiam estar em outros lugares.

O primeiro personagem apresenta-se com uma vestimenta típica de gaúcho: camisa e lenço. Não podemos desconsiderar o fato de que o lenço é branco e que isso tem significado no Rio Grande do Sul, onde em 1893 iniciou a Revolução Federalista, que tinha dois principais opositores: os maragatos e os chimangos. A identificação de cada grupo era feita pela cor do lenço: os maragatos usavam lenço vermelho, e os chimangos, que representavam o governo do estado, lenço branco. Na tira, o personagem do primeiro quadrinho apresenta-se com lenço branco, o que remete à história da Revolução Federalista. Radicci e Genoveva trajam vestimentas típicas italianas: ele com camisa e calça com listras, ela como uma típica “nona”, com lenço na cabeça, vestido e avental.

3.5.4.2 Análise enunciativa da tira 4

Na quarta tira que compõe este capítulo de análise, o personagem (*eu*) que aparece no primeiro quadrinho fala ao telefone para um *tu*, Radicci. *Eu* e *tu*, que a princípio são signos

vazios, solidificam-se plenos na instância de discurso. Dessa forma, instalam-se a categoria de pessoa e a correlação de subjetividade. Na oposição *eu-tu*, somente o *eu* é realmente a pessoa subjetiva, porque, enquanto o *eu* é interior ao enunciado, o *tu* é o exterior e o *ele* é a não-pessoa.

Para compreender essa noção analisemos cada quadrinho isoladamente. No primeiro aparece um personagem falando ao telefone, que, ao se apropriar da língua e se enunciar, assume sua posição de *eu*. Contudo, para que isso realmente aconteça, o *eu* intima um *tu* a participar desse diálogo. No segundo quadrinho aparecem Radicci e Genoveva. Radicci está ao telefone; por meio da inversibilidade (*eu torna-se tu, tu torna-se eu*), depois de ouvir o amigo, assume a posição de *eu* e se enuncia.

Em decorrência disso, tem-se a separação da tríade *eu-tu-ele*. De acordo com Flores e Teixeira (2008, p. 38), para Benveniste “os pronomes ‘eu/tu’ pertencem ao nível pragmático da linguagem, pois, definidos na própria instância de discurso, referem a uma realidade distinta a cada vez que são enunciados”, ao passo que “o ‘ele’ pertence ao nível sintático, já que tem por função combinar-se com uma referência objetiva de forma independente da instância enunciativa que a contém” (p. 38-39). Em outras palavras, poder-se-ia dizer que é uma separação de pessoa e não-pessoa, que na tira está representada assim: *eu* (primeiro personagem) – *tu* (Radicci) x *ele* (caçar).

Nessa separação de pessoa e não-pessoa parece-nos ser possível afirmar que Genoveva constitui uma não-pessoa, porque é dela – também – que Radicci “fala” quando diz que está com pontada, pois é a esposa que não o deixa ir caçar. Isso é evidenciado na tira por meio do texto não verbal: no segundo quadrinho, Genoveva está com uma faca apontada para Radicci, que está ao telefone sendo convidado para ir caçar. Destaca-se, assim, a importância da “faca” como elemento demonstrativo da vontade de Genoveva de não deixá-lo sair para caçar.

Analisada a categoria de pessoa e não-pessoa, destaca-se o texto verbal “Radicci, vômo caçá?/ Non posso, to com pontada!”, presente no primeiro quadrinho. A palavra “pontada” é o eixo central do enunciado. Pelo contexto da fala do Radicci, “pontada” seria uma doença, uma dor aguda. No entanto, esse sentido se desconstrói, dando espaço para outro, pois a linguagem não verbal permite perceber que Genoveva está com a ponta da faca apontada para ele. Assim, “pontada” significa, no segundo quadrinho, a ponta da faca que Genoveva segura na mão.

Evidencia-se, primeiramente, a forma proposicional do enunciado, que poderia ser compreendido da seguinte forma: *Radicci está doente (com pontada), então não irá caçar*. Entretanto, no segundo quadrinho temos, por meio do texto não verbal, uma explanação

inesperada que desencadeia o humor: *Genoveva está com a ponta da faca apontada para Radicci, portanto não irá caçar*. Por meio dessa mudança de sentido, comprova-se que as palavras somente têm sentido no discurso, pois, “[...] a cada vez particular, o locutor agencia palavras que neste emprego tem um ‘sentido particular’”, (BENVENISTE, 2006a, p. 231). Isso somente é possível porque o sentido da frase é a imagem/ideia que ela expressa, ao passo que a referência é o que determinada palavra ou frase reporta em cada enunciação.

Para melhor entendimento da concepção de que o locutor agencia palavras que a cada vez terão sentidos novos, mobilizam-se duas noções: *forma* e *sentido*. Para Flores et al. (2008, p. 71), “as ‘duas maneiras de ser língua’, inicialmente apresentadas como oposição – semiótico/semântico ou língua/discurso –, ao se estudar o discurso se fundem. O discurso é forma e sentido”. Desse modo, na tira analisada o humor é construído pela possibilidade do sentido novo e inesperado atribuído à palavra “pontada”, por meio da relação indissociável de *forma* e *sentido* que precisamos estabelecer, levando em consideração a referência construída nesta enunciação.

Assim, “pontada” tem uma forma e um sentido que são construídos somente no e pelo discurso. Com base na leitura dos textos verbais do primeiro e do segundo quadrinho, o leitor constrói a referência de “pontada” como uma doença. É o texto não verbal que elucida a referência de “pontada” no segundo quadrinho. Na frase, forma e sentido articulam a língua e o uso da língua, “pois os constituintes das frases são os signos – formas da língua -, agora palavras que, ao mesmo tempo em que expressam distinção, porque integrados à frase, expressam sentido” (FLORES et al., 2008, p. 71). Desse modo, evidencia-se que a característica da língua de ser enunciativa é que viabiliza em tiras como esta a construção do humor linguisticamente.

“Pontada” pode fazer parte de um nível inferior – o dos fonemas –, pois pode-se decompor a palavra em [p] – [ô] – [t] – [a] – [d] – [a]. Essas unidades nos permitem delimitar uma unidade superior. Isso pode ser observado no segundo enunciado da tira que contém a palavra “pontada”: “Non posso, to com pontada!”. Ao integrar a frase, as palavras expressam sentidos que são sempre novos a cada enunciação. De acordo com essa noção, Benveniste (2005d, p. 130) assinala que “o *sentido* é de fato a condição fundamental que todas as unidades de todos os níveis devem preencher para obter *status* lingüístico”.

Em suma, não é possível deixar o sentido “fora do jogo” (BENVENISTE, 20005d, p. 130), por ser condição indispensável para que se possa analisar linguisticamente como a referência é construída e intervém nas operações.

3.5.5 Análise da tira 5



Figura 6 - Tira 368
Fonte: Iotti (2010)

3.5.5.1 Apresentação da tira 5

Na quinta tira analisada, das duas vinhetas que a compõem somente a primeira tem texto verbal e não verbal; na segunda, tem-se apenas o texto não verbal. A tira aborda características muito típicas do personagem Radicci: o gosto por bebidas – pelo que se sabe alcoólicas – e a indisponibilidade para o trabalho. No primeiro quadrinho, Radicci demonstra felicidade em passar o verão com uma latinha na mão, ao passo que Genoveva, sua esposa, revela, por meio de sua expressão facial, descontentamento. Embora Radicci não diga de que latinha fala, o desenho da lata e o contexto permitem inferir que se trata de uma latinha de cerveja.

As cores e o foco dado nessa vinheta corroboram para a associação calor, praia e cerveja; o céu laranja e amarelado e o foco nos personagens – sem evidenciar o lugar onde eles estão – sugerem que se encontram numa praia, descansando e aproveitando o verão. No entanto, no segundo quadrinho aparecem Radicci e Genoveva no pátio de casa, provavelmente da deles, onde Radicci segurando uma “latinha” de tinta na mão e pintando uma parede. Genoveva o observa com a expressão irritada, e a latinha de cerveja está em cima de uma mesa, que comumente é encontrada em bares.

Inicialmente, Radicci aparece com uma camiseta regata, o que corrobora o enunciado “nada como passar o verão com a latinha na mão!”, pois é uma vestimenta comum no verão, usada principalmente quando as pessoas estão à vontade e em situação descontraída de

descanso e lazer. Neste primeiro quadrinho, a expressão facial de Radicci é de felicidade. No segundo quadrinho, ele está com uma camiseta com mangas – o que pode evidenciar proteção contra o sol em função do trabalho – e com uma expressão de descontentamento, certamente por ter de ficar com uma lata de tinta, não de cerveja, na mão.

3.5.5.2 Descrição enunciativa da tira 5

Na tira em análise, o enunciado presente no primeiro quadrinho é “nada como passa o verão com uma latinha na mão”, proferido por Radicci, que aparece com uma latinha [de cerveja] na mão. No segundo quadrinho, aparece somente o texto não verbal, em que Radicci pinta a parede da casa com uma “latinha de tinta” na mão.

Radicci, ao dizer “nada como passa o verão com uma latinha na mão”, descreve sua opinião sobre algo (como passar o verão). A marca de subjetividade (*eu*) não está escrita na frase, mas pode ser facilmente compreendida, ou seja, sabemos que Radicci trata dele mesmo ao dizer “nada como passa o verão com uma latinha na mão”. Pelo contexto, podemos depreender também que depois de *nada* Radicci evidencia que “nada *melhor* do que passar o verão com uma latinha na mão”. Desse modo, depreendemos dessa análise duas observações: primeiramente, que “‘o sentido’ da frase está na totalidade da idéia percebida por uma compreensão global [...] e o sentido das palavras, por seu turno, se determina em relação ao contexto de situação” (BENVENISTE, 2006a, p. 232-233); em segundo lugar, que, “mesmo que o enunciado não apresente a marca *eu*, por exemplo, *eu* subjaz ao enunciado” (FLORES et al., 2008, p. 55). Portanto, o enunciado é facilmente entendido porque o sentido depende da totalidade, e mesmo que a marca de subjetividade *eu* esteja implícita na frase, a subjetividade está presente, porque é inerente à língua.

Na construção do sentido desta tira, cabe destacar o eixo central do texto: a palavra “latinha”. No dicionário, lata possui significados variados, mas não possui todos os significados possíveis. No caso da tira analisada, “latinha”, no primeiro quadrinho, tem um significado: “de cerveja/bebida alcoólica”, ao passo que, no segundo, significa “de tinta”, significado captado graças à contribuição do texto não verbal. Pela imagem presente no primeiro quadrinho, poderíamos pensar que Genoveva está brava com Radicci, por motivos como não querer que ele beba e “aproveite” o verão. No entanto, o que ocorre no segundo

quadrinho não é previsível e, conseqüentemente, causa surpresa: Radicci está com uma latinha na mão, mas a lata não é de cerveja, e, sim, de tinta.

Como o sentido é construído no emprego da língua, “no discurso, não há propriamente signos, há *palavras* [...]”. Ao mesmo tempo em que assim se caracterizam, as palavras expressam *um* sentido, único, singular, particular, relativo ao que é expresso pela idéia” (FLORES et al., 2008, p. 70). Por isso, a construção do sentido da palavra “latinha” é efetuado no discurso, no uso da língua. “Latinha”, se retirada do enunciado, é apenas um signo, entendendo-se aqui por signo a união do conceito com a imagem acústica (SAUSSURE, 2006). Integrada à frase, “latinha” é forma e sentido, ou seja, na frase, o signo expressa “um” sentido.

Como, no dizer de Benveniste (2006a), forma e sentido são inseparáveis no uso da língua, no enunciado “Nada como passa o verão com uma latinha na mão”, “latinha” apresenta uma forma e um sentido no primeiro quadrinho (latinha de cerveja) e uma forma e um outro sentido no segundo (latinha de tinta). É nessa ambigüidade inerente à língua que consiste a construção do humor, ou, como afirma Possenti (2010), o humor consiste em possibilitar a descoberta de outro sentido, de um sentido inesperado.

Ainda a respeito da construção do sentido de “latinha”, não podemos deixar de considerar o uso do artigo indefinido “uma”. Imaginemos o seguinte enunciado: “Nada como passar o verão com a latinha na mão”. A substituição do artigo indefinido “uma” pelo definido “a” restringe o sentido da palavra latinha à lata de cerveja que Radicci tem na mão, no primeiro quadrinho. Assim, na tira o uso do artigo *uma* torna coerente a cena presente no segundo quadrinho: Radicci está com uma lata, não de cerveja – o que contraria sua vontade –, mas é uma lata.

Uma última questão a ser analisada refere-se ao tempo e ao espaço. O espaço, assim como o tempo, organiza-se a partir do que é o ponto central: o *eu*. Na tira em análise, o verbo “passa” remete à ideia do agora para o futuro. Para Benveniste (2006), o tempo [e o espaço] é construído na e pela enunciação; além disso, continuidade e temporalidade na enunciação se engendram no presente incessante. No enunciado “nada como passa o verão com uma latinha na mão!”, o locutor (*eu*) afirma não haver nada [melhor] que passar o verão tomando cerveja. “Passa” é o agora, é o presente. Porém, esse presente é pensado em relação ao futuro: passar o verão tomando cerveja. Para Radicci e Genoveva, o tempo é o mesmo. Entretanto, o modo como passá-lo é diferente: para Radicci, seria passar o verão com uma latinha de cerveja/bebida alcoólica na mão; para Genoveva, seria Radicci aproveitar o verão e pintar a casa (também com uma latinha na mão, neste caso a latinha é de tinta).

3.6 Discussão das análises

Realizadas as análises, destacamos alguns aspectos que julgamos significativos. Ao selecionar as tiras para a realização deste estudo, chamou-nos a atenção o fato de grande parte das tiras de Iotti enquadrarem-se no que Mendonça (2003) denomina “tiras-piada” – em que o humor é construído por meio do duplo sentido. Não nos cabe neste estudo pesquisar especificamente esse aspecto, mas, como nosso objetivo principal era descrever a construção do humor linguisticamente, parece-nos que Iotti parte da descoberta de outro sentido, geralmente distante daquele expresso num primeiro momento, para construir o humor em suas produções. Isso para nós é significativo na medida em que esse “duplo sentido” considerado por Mendonça (2003) nada mais é do que a referência construída no discurso pelo modo como o locutor (*eu*) se apropria da língua, instaura o alocutário (*tu*), traz o *ele* e os coloca num dado tempo e num dado lugar discursivo, que possibilita a construção do sentido/do humor enunciativo da tira.

Partindo da afirmação de Benveniste (2006, p.230) de que “a semiótica se caracteriza como uma propriedade da língua: a semântica resulta de uma atividade do locutor que coloca a língua em ação”, podemos, por meio das análises, assegurar que o sentido da palavra decorre de seu emprego e se constrói formalmente na língua pela “escolha, agenciamento de palavras, por sua organização sintática, pela ação que elas expressam umas sobre as outras” (BENVENISTE, 2006, p. 230), num “aqui e agora”. Para exemplificar, retomemos a quinta análise. O sentido da palavra “latinha” é construído no emprego da palavra, e em cada quadrinho da tira essa construção é única e irrepitível. Num primeiro momento, latinha significa de cerveja/bebida alcoólica; num segundo momento, refere-se à latinha de tinta. Assim, temos uma palavra – latinha – que a cada enunciação assume uma *forma* e um *sentido*.

Essa relação, que se denominou de *forma* e *sentido*, é o princípio que rege as unidades dos diferentes níveis. Apesar de muitos linguistas terem tentado reduzir essa relação à noção de forma, não conseguiram se libertar do sentido. Certamente, foram tentativas inúteis, principalmente se considerado que “essa cabeça de Medusa [o sentido] está sempre aí, no centro da língua” (BENVENISTE, 2005d, p. 135). Nesse contexto, que relação se estabelece entre forma e sentido nas tiras analisadas? Simplesmente é uma relação indissociável e interdependente. Não existe forma sem sentido, nem sentido sem forma. Desse modo, por meio deste estudo podemos afirmar que é pela relação indissociável entre forma e sentido que o humor é construído *na* e *pela* enunciação.

Partindo da constatação de que o sentido é construído na e pela enunciação, o que podemos perceber em cada tira analisada é que o humor é construído por meio de uma ruptura no diálogo: não há continuidade de sentido nas enunciações presentes nas tiras, ao menos não no sentido que obviamente se teria em continuidade. Podemos perceber que a referência construída num momento não é a mesma no momento seguinte. Os locutores – que se constituem em sujeitos no decorrer do discurso – constroem referências diferentes, que, em relação ao que são atribuídas (não pessoa), provocam o humor e definem o sentido do discurso trazido na tira. Decorrente disso, há, num segundo momento, a descoberta de outro sentido, inesperado, que causa surpresa e, conseqüentemente, desencadeia o humor. Na primeira tira analisada, por exemplo, o *eu* (Guilhermino) faz uma afirmação e espera do *tu* (Radicci) a seqüência de seu raciocínio. Radicci poderia aceitar o conselho e até mesmo argumentar a favor ou contra o pensamento do filho. No entanto, o que acontece é que Radicci, ao se enunciar, atribui outro sentido a *chinelão*, o que provoca uma ruptura na seqüência da fala de Guilhermino, fato que causa surpresa e evoca o humor. Essa ruptura ocorre no nível da sintagmatização, gerando uma mudança de sentido na relação estabelecida entre as palavras agenciadas pelos locutores que compõem o discurso.

Na segunda tira, o que ocorre é uma ruptura da seqüência comunicativa da fala do *eu* no primeiro quadrinho: Nôno, ao dizer que naqueles matos os primeiros imigrantes enfrentavam “até onças”, certamente esperava que o *tu* aprovasse, concordasse com isso ou até mesmo discordasse. No entanto, o *tu* assume sua posição de falante e rompe com a seqüência esperada, dizendo: “nada mudou”. Isso causa uma ruptura em relação àquilo que o primeiro personagem fala, quebrando a expectativa do leitor, por ser inesperada e evocar o riso. Essa ruptura se dá na referência construída – na frase – por um e por outro. Assim, a referência construída por *eu* em “onças” não é a mesma referência para “onças” por *tu*. Segundo Bergson (2007, p. 71), “uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes”. Na tira, “até onças” pode ser interpretado em sentidos diferentes, e o fato de um deles (onça= esposa brava) ser inesperado é que garante a construção do humor.

Na terceira tira, a ruptura ocorre porque, após a leitura do primeiro quadrinho “Mia muié é uma santa” –, cria-se a expectativa de que se terá algo na seqüência que complemente essa ideia. No entanto, o que se segue – “Sorte tua! A mia ainda tá viva!” – quebra essa expectativa ao romper com a continuidade e apresentar algo inesperado: o fato de no segundo quadrinho *santa* fazer referência a alguém que já morreu e no primeiro, *santa* referir-se à

mulher fiel, compreensiva, companheira. Assim, percebemos que a forma possibilita sentidos/referências, na medida em que os sujeitos (*eu* e *tu*) impõem um sentido a *ele* (santa), a cada vez que enunciam, e nisso está a ruptura, a enunciação, o humor e o sentido.

Na quarta tira, o que desencadeia o humor é a palavra “pontada” e, na quinta tira, o eixo central é a palavra “latinha”. Nessas duas tiras, tanto “pontada” quanto “latinha” têm uma forma e um sentido que são construídos somente no e pelo discurso. O fato de a referência das palavras ser nova e imprevisível a cada enunciação possibilita a quebra de expectativa. “Pontada” (doença no primeiro quadrinho, para ponta de faca, no segundo quadrinho) é que desencadeia o humor na quarta tira, e “latinha” (“de cerveja”, no primeiro quadrinho, para “de tinta”, no segundo quadrinho), na quinta tira. Dessa forma, em cada uma das tiras a descontinuidade da sequência dos enunciados provoca uma ruptura e surpreende o leitor.

Essas rupturas na continuidade dos enunciados, provocadas pela construção de uma referência nova e inesperada, ocorrem em diferentes níveis (léxico, sintático, discursivo), porque as palavras podem ter sentidos diferentes quando mobilizadas de forma nova e diferente, o que provoca uma mudança de sentido em todo discurso.

A noção de ruptura permitida pela enunciação converge com a teoria dos dois *scripts* proposta por Raskin (1985). Para o autor, o efeito de humor decorre da surpresa, a qual, por sua vez, decorre da passagem de um *script* a outro. Raskin explicita que o texto humorístico é composto por dois *scripts* compatíveis, embora sejam diferentes e opostos. Esses *scripts* (oposições), que se definem como um grupo de informações sobre um determinado assunto ou situação, provocam sucessivas surpresas na passagem de um *script* a outro. Neste estudo, compartilhamos dessa noção, mas vamos além: a passagem de um *script* a outro desencadeia o humor, mas o que assegura que isso aconteça é o fato de a língua, sempre que apropriada por alguém, se realizar em diferente, nova e única enunciação.

Desse modo, partindo da concepção de que “as palavras são *palavras no enunciado*, se retiradas do enunciado, são signos. Signo integrado à frase é palavra; palavra é, pois, forma e sentido” (FLORES et al., 2008, p. 71), e considerando-se que se pode “dizer que a palavra é mediadora entre língua e discurso, forma e sentido, pois ela é depositária de significação ‘dupla’: é signo que se especifica, é possibilidade de língua que se torna língua, é *língua-discurso*” (FLORES et al., 2008, p. 70, grifo dos autores), chega-se, com as análises realizadas, à conclusão de que o humor, como o abordamos neste estudo, somente é possível na e pela enunciação e é construído por meio de uma ruptura no diálogo inaugurada pelos locutores do discurso e, por isso, sujeitos da enunciação.

Entendemos aqui que “uma situação é sempre cômica quando pertence ao mesmo tempo a duas séries de acontecimentos absolutamente independentes e pode ser interpretada ao mesmo tempo em dois sentidos diferentes” (BERGSON, 2007, p. 71). Assim, é possível afirmar que a enunciação possibilita a construção do humor por meio da relação indissociável de *forma* e *sentido*. Como a referência é sempre única e imprevisível, permite a ruptura no momento em que permanece a palavra (*forma*), mas muda a referência (*sentido*).

Desse modo, se para Benveniste (2005d, p. 140) “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura”, para nós, é no discurso atualizado em frases que o humor se configura a cada enunciação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando nos propusemos desenvolver um estudo com base nos princípios da Teoria da Enunciação e apoiarmos nossa reflexão teórica nos pressupostos desenvolvidos por Émile Benveniste, tínhamos o objetivo primordial de compreender como o humor é construído nas tiras do Iotti (2010). Nas diversas leituras de Benveniste e de seus leitores, deparamo-nos com um pensamento singular, que a cada nova leitura revelou novas possibilidades de se pensar e de se analisar a língua. Inicialmente, algumas questões inquietavam-nos, entre as quais: Como se relacionam forma e sentido na linguagem? Como é construído o humor nas tiras considerando a perspectiva enunciativa? A princípio, o que tínhamos era a hipótese de que o humor depende da simultânea consideração das relações de dissociação de forma (semiótica) e integração ao significado (semântica), determinado pela referência única e irrepetível da palavra no discurso.

A fim de realizar nosso propósito, dividimos o trabalho em três capítulos. No primeiro contextualizamos os estudos da linguística da enunciação apresentando um panorama geral. Entretanto, detivemo-nos nos estudos de Émile Benveniste por dois motivos: primeiro, por ser considerado o principal representante da enunciação; segundo, por acreditarmos que a teoria de Benveniste nos forneceria elementos fundamentais para às análises das tiras, como as noções de subjetividade, intersubjetividade e de pessoa, tempo e espaço.

No segundo capítulo abordamos o humor, tomando como ponto de partida os estudos de Bergson (2007) e Possenti (1998). A escolha por esses autores deveu-se ao fato de Bergson apresentar um estudo sistematizado e aprofundado sobre o humor, e Possenti abordar em seus estudos o humor presente em piadas e analisá-lo linguisticamente. Embasados nesses estudos teóricos – tanto da enunciação quanto do humor –, podemos perceber que a relação *forma* e *sentido* tem papel fundamental na construção do humor, pois o que determina o sentido de uma palavra é seu uso. Isso justifica afirmar que, ao enunciar, o locutor mobiliza palavras que a cada uso particular terão um sentido particular. Desse modo, por meio da relação *forma* e *sentido* pareceu-nos ser possível analisar as tiras de humor, porque essa relação possibilita compreender como ocorre a construção de “outro sentido”, diferente do expresso num primeiro momento e que somente é possível na e pela enunciação.

No terceiro e último capítulo, deparamo-nos com uma limitação: foi-nos necessário definir os procedimentos metodológicos para a realização das análises, pois o quadro teórico de Benveniste não apresenta uma metodologia própria de análise. Nesse sentido, os leitores e

estudiosos de Benveniste, especialmente Valdir do Nascimento Flores e Marlene Teixeira (2008) e Claudine Normand (2009), tiveram função fundamental, por possibilitarem o esclarecimento de noções e procedimentos que não estavam evidentes nas leituras de Benveniste.

Dessa forma, para a realização da pesquisa refletimos sobre o que significa olhar para a linguagem considerando a visão enunciativa. Após a seleção das cinco tiras de Iotti (2010), procedemos à análise de elementos abordados e desenvolvidos por Benveniste (2006), sobretudo nos artigos “Os níveis da análise linguística”, de 1964, “A forma e o sentido na linguagem”, de 1967, e “Semiologia da língua”, de 1969” e “O aparelho formal da enunciação”, de 1970. Assim, este trabalho foi possível porque Benveniste, ao longo de seus estudos, apresenta meios de se discutir e analisar a enunciação. No decorrer das análises, procuramos descrever como o humor é construído em cada tira. Para isso, em cada tira e situação enunciativa evidenciamos alguns elementos, como as categorias pessoa (*eu/tu*), tempo, espaço e os elementos do quadro formal da enunciação (*ato, situação e instrumentos*).

Pudemos confirmar, por meio das análises, que as palavras somente têm sentido no discurso, pois a referência da palavra ou da frase somente é construída na e pela enunciação. Desse modo, o sentido de uma palavra no dicionário é apenas uma das imprevisíveis e infinitas possibilidades de uso de uma palavra. Exemplo disso é a análise enunciativa da tira 2, onde a palavra “onça”, que no dicionário significa “mamífero carnívoro felino” (LUFT, 2000, p. 489), tem esse sentido no primeiro quadrinho; entretanto, no segundo quadrinho, “onça” refere-se ao fato de Genoveva estar muito brava com Radicci. Vê-se imbricada nesse processo de construção do humor a relação *forma e sentido*, pois as palavras têm uma forma e um sentido que são construídos a cada enunciação.

Ao contemplarmos neste estudo *enunciação e humor*, objetivamos tratar de dois aspectos do estudo da linguagem: o *uso* e a *organização da construção do humor em tiras*. Assim, ao ser apresentada a descrição do humor da língua, comprovamos a hipótese inicial de que o sentido nas tiras é construído por meio da relação indissociável entre *forma e sentido*, pois a enunciação é irrepitível e a referência de uma palavra em seu uso não pode ser prevista nem fixada. Nas tiras, o fato de a referência das palavras ser sempre nova e imprevisível a cada enunciação possibilita o desencadeamento do humor pela ruptura na sequência da tira. Como exemplo, podemos perceber que na tira 4 o eixo central é a palavra “pontada”. Num primeiro momento, o leitor é induzido a pensar que “pontada” significa doença aguda, referência que é desfeita num segundo momento, no qual se constrói a referência de

“pontada” como ponta da faca que pressiona as costas de Radicci. Esta segunda referência causa a ruptura da sequência da tira e, por ser totalmente inesperada, evoca o humor.

Seguramente, as questões abordadas acerca da enunciação em Benveniste são muito mais abrangentes do que as reflexões levantadas neste estudo. Ao abordar a teoria enunciativa e ao realizar as análises, procedemos a “recortes” na teoria estudada e postulamos interpretações em que priorizamos alguns elementos na análise de algumas tiras e outros, em outras. Entretanto, enfatizamos em todas as análises a ideia de que a enunciação é o *ato* individual de utilização pelo qual o locutor coloca em funcionamento a língua.

Como salientamos ao iniciar este capítulo, nosso propósito era descrever e analisar o humor linguisticamente nas tiras de Iotti (2010), mas também tomamos como pano de fundo a necessidade de entender melhor a organização da língua em uso. Isso porque, observando o ensino da língua portuguesa na educação básica, percebemos que ainda prevalece o estudo da gramática e do texto como se fossem dissociáveis e possíveis de serem entendidos isoladamente. Por isso, estudam-se regras, o certo e o errado, a classificação, porém deixa-se de lado o que deveria ser o ponto de partida de todo o estudo de língua: a língua-discurso. Como resultado, parece-nos que a escola não está cumprindo seu papel de ensinar a ler e a escrever de forma competente.

Por outro lado, constatamos também que muitos professores têm procurado modificar essa realidade, desenvolvendo suas aulas num efetivo trabalho com o texto. No entanto, essa tarefa não é fácil e requer subsídios teóricos. Como professores de língua portuguesa, inquietam-nos diversas questões envolvendo o ensino da língua e acreditamos que há muitas perguntas que ainda merecem nossa atenção. Algumas dessas são: O que significa na prática um ensino enunciativo? Como seria o ensino da gramática no texto nas aulas de língua portuguesa considerando a perspectiva enunciativa de Benveniste? Poderia ser proposta uma gramática que partisse da enunciação ou pode-se continuar com a mesma classificação (substantivo, adjetivo, artigo...)? Não temos todas as respostas a tais indagações, pois ainda há muito a ser pesquisado.

Por esse motivo, consideramos de fundamental importância que se desenvolvam pesquisas que abordam conceitos e concepções que contribuam para o entendimento do funcionamento da linguagem e apontem indicações e esclarecimentos sobre a teoria de Benveniste, que instiguem a reflexão sobre o ensino da língua portuguesa em sala de aula e apontem para um modo enunciativo de ver a linguagem. Pensamos que seja necessário desenvolver um trabalho que envolva a gramática da língua-discurso e que trate dos aspectos envolvidos no uso da língua numa determinada situação. Para isso, é preciso considerar que o

centro da referência é o sujeito, a partir do qual se instauram as categorias de pessoa, espaço e tempo do discurso.

Em síntese, embora não tenhamos algumas respostas ao que diz respeito à enunciação, podemos depreender deste trabalho que estudar a língua numa perspectiva enunciativa é ir além da classificação e analisar os enunciados percebendo que a referência é construída numa situação enunciativa, e pressupõe pessoa e espaço-tempo. Isso significa um ensino que considere os aspectos da linguística da enunciação, que dirige um olhar diferente à língua, pois a vê como produtora de sentido.

REFERÊNCIAS

ANAICFER. *Tira – IV*. 29 mar. 2009. Disponível em < <http://anaicfer.bloguepessoal.com/145622/Calvin-Tira-IV/>> Acesso em: 5 dez. 2010.

ALMEIDA, Fernando Afonso de. Arquitetura das histórias em quadrinhos: vozes e linguagens. *Linguagem & Ensino*, v.4, n.1, p. 113-140, 2001.

ANDRADE, Carlos Augusto Baptista. HQs: gênero narrativo de múltiplas linguagens. In: MICHELETTI, Guaraciaba (Org.). *Enunciação e gêneros discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008.

ARISTÓTELES. *A arte poética*. São Paulo: Cultrix, 1981.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo : Hucitec, 1979.

_____. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo. Martins Fontes: 2003.

BARBISAN, Leci B. O conceito de enunciação em Benveniste e Ducrot. In: GIACOMELLI, Karina; PIRES, Vera L. (Org). *Émile Benveniste: interfaces e discursos*. Santa Maria: UFSM, n 33, p. 23-35, jul/dez. 2006.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005a. p. 277–283.

_____. Da subjetividade na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005b. p. 284–293.

_____. Natureza do signo linguístico. In : _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005c. p. 53–59.

_____. Os níveis de análise linguística. In: _____. *Problemas de linguística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005d. p. 127–140.

_____. A forma e o sentido na linguagem. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006a. p. 220–242.

_____. A linguagem e a experiência humana. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006b. p. 68-80.

_____. O aparelho formal da enunciação. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006c. p. 81-92.

_____. Semiologia da Língua. In: _____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006d. p. 43-67.

- BERGSON, Henri. *O riso: ensaio sobre a significação da comicidade*. Tradução Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. (Coleção Tópicos).
- BOUKHARAEVA, Louiza M. *Começando o diálogo com Mikhail Mikhailovitch Bakhtin*. Ijuí: Editora Unijuí, 1997.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CHIARO, Delia. *The language of jokes; analysing verbal play*. London, Routledge. 1992.
- CULIOLI, Antoine. Sur quelques contradictions en linguistique. *Communications*, Paris: Seuil, n. 20, 1973, p. 83-91.
- CUNHA, Dóris de Arruda C. da. A linguística da Enunciação e o ensino de Língua Portuguesa no Brasil. *Revista do Gelne*, ano 1, n.1, 1999. Disponível em <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no1_07.pdf> Acesso em: 19 ago. 2010.
- DI FANTI, M.G.C. A linguagem em Bakhtin: pontos e pespontos. *Veredas*, Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2003. Disponível em <<http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2009/12/artigo32.pdf>> Acesso em: 25 ago. 2010.
- DOSSE, François. *História do estruturalismo: I. O campo do Signo, 1945/1966*. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Ensaio; Campinas, SP: Editora da Universidade Federal de Campinas, 1993.
- _____. *História do estruturalismo: o canto do cisne*. Trad. de Álvaro Cabral. São Paulo: Edusc, 2007. (Coleção História).
- DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- _____. *Les mots du discours*. Paris: Minuit, 1980.
- _____. *Polifonía y argumentación*. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- FIORIN, José L. *As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática 2005.
- FLORES, Valdir do N. Princípios para a definição do objeto da linguística da enunciação: uma introdução (primeira parte). *Letras de Hoje*, Porto Alegre: Edipucrs, v. 36, n. 4, dez. 2001, p. 7-67.
- _____. Por que gosto de Benveniste? *Desenredo*, Passo Fundo: UPF Editora, v.1 n.2, jul./dez., 2005, p.127-138.
- _____ et al. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____; TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à linguística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2008.

_____; MELLO, Vera H. D. de. Enunciação, texto, gramática e ensino de língua materna. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 45, p. 193-218, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www1.fapa.com.br/cienciaseletras/pdf/revista45/artigo11.pdf>> Acesso em: 24 jan. 2011.

FREUD, Sigmund. *Os chistes e sua relação com o inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, 1969.

FREUD, S. *O humor*. ESB. Rio de Janeiro: Imago, 1974, v. XXI.

GRAEFF, Telisa F. Produção do humor: um descompasso na constituição do bloco semântico. *Desenredo*, Passo Fundo: UPF Editora, v.3, n.2, p. 193-201, jul./dez. 2007.

IOTTI. *Radici social club*. Caxias do Sul, 24 de ago. 2010. Disponível em: <www.radici.com.br> Acesso em: 24 ago. 2010.

_____. *Tiras do Iotti*. Disponível em <<http://www.google.com.br/images>> Acesso em: 28 dez. 2010.

JAKOBSON, Roman. *Essais de linguistique générale*. Paris: Minuit, 1963.

KERBRAT-ORECCHINI, Catherine. *L'énonciation: de la subjectivité dans la langage*. Paris: Armand Colin Éditeur, 1980.

LIMA, Anderson. *Os gêneros do discurso na perspectiva bakhtiniana*. Disponível em: <<http://recantodasletras.uol.com.br/artigos/1705374>> Acesso em: 14 de out. 2010.

LUFT, Celso Pedro. *Minidicionário Luft*. São Paulo: Ática, 2000.

MACHADO, Irene. *Roman Jakobson*. Disponível em: <<http://www4.pucsp.br/pos/cos/cultura/biojakob.htm>> Acesso em: 22 ago. 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio Marcuschi. Gêneros funcionais: definições e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P., MACHADO, Anna R., BEZERRA, Maria A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p.19-45.

_____. *Gêneros textuais: o que são e como se constituem*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

MELLO, Bruno. *Havaianas, o chinelo que virou artigo de moda*. 26 dez. 2006. Disponível em <<http://arnaldorabelo.blogspot.com/2006/12/havaianas-o-chinelo-que-virou-artigo.html>> Acesso em: 4 jan. 2010.

MENDONÇA, Márcia R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Ângela P., MACHADO, Anna R., BEZERRA, Maria A. (Org.). *Gêneros textuais e ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003. p. 194-207

MEURER, J. L.; BONINI, Adair; MOTTA-ROTH, Désirée (Org.). *Gêneros: teorias, métodos, debates*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

- NORMAND, Claudine. Emile Benveniste: quelle sémantique? *Linx*. Du dire et du discours. Hommage à Denise Maldidier, 1996, p. 221-238,
- _____. Saussure-Benveniste. In: GIACOMELLI, Karina; PIRES, Vera L. (Org.). *Émile Benveniste: interfaces e discursos*, Santa Maria: UFSM, n 33, p. 13-23, jul/dez. 2006.
- _____. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009a.
- _____. Leituras de Benveniste: algumas variantes sobre o itinerário demarcado. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 12-19, jan./mar. 2009b.
- ONO, Aya. *La notion d'énonciation chez Émile Benveniste*. Limoges: Lambert-Lucas, 2007.
- POSSENTI, Sírio. *O humor da língua: Análise linguística de piadas*. Campinas: ABL/Mercado de Letras, 1998.
- _____. *Humor, língua e discurso*. São Paulo: Contexto, 2010.
- PRODANOV, Cleber C.; FREITAS, Ernaci C; *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.
- PROPP, Vladimir. *Comicidade e riso*. São Paulo: Ática, 1992.
- RASKIN, Victor. *Semantic Mechanisms of humor*. Dordrecht, D. Reidel Publishing Company, 1985.
- ROSAS, Marta. Por uma teoria da tradução do humor. *Delta, Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v.19, 2003. Disponível em: C:\Users\Fernanda\Desktop\DISSERTAÇÃO\HUMOR\ESTUDOS SOBRE O HUMOR.mht Acesso em: 23 jul. 2010.
- SAUSSURE, Ferdinand. *Curso de linguística geral*. Trad. de Antônio Chelini. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SHOLZE, Nadir Terezinha. *O que se diz às mulheres nos textos publicitários?* 2008. 98 f. Dissertação (Mestrado em Letras), UPF Passo Fundo, 2008.
- SILVA, José R. C. da. *O gênero tira de humor e os recursos enunciativos que geram o efeito risível*. Disponível em: < http://www.filologia.org.br/xiicnlf/textos_completos/O%20g%C3%AAnero%20tira%20de%20humor%20e%20os%20recursos%20enunciativos%20que%20geram%20o%20efeito%20ris%C3%ADvel%20-%20JOS%C3%89.pdf. Acesso em: 19 jul. 2010.
- TEIXEIRA, Marlene. O Círculo de Bakhtin e a linguística: o abstrato e o concreto na constituição do sentido. *Desenredo*, Passo Fundo, v.1, n.1, p. 85-98, jul./dez. 2005.
- TOLDO, Claudia S. O que significa pensar o trabalho de texto em sala aula a partir de uma concepção enunciativa de língua? In: BARBISAN, Leci Borges; DI FANTI, Maria da G. C. (org.). *Cadernos de Pesquisas em Linguística*. Porto Alegre: EDIPUCRS Vol.5, n.1, nov. 2010.

VALÉRIO, Patrícia da Silva. *O adjetivo sob um olhar enunciativo no texto publicitário – a contribuição de Émile Benveniste*. 2005. 148 f. Dissertação (Mestrado em Letras) _ UPF, Passo Fundo, 2005.

ZAGO, Antonia; DI FANTI, Maria da Glória Corrêa. Fios dialógicos da navalha: teias enunciativas em esferas de atividade. *Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, E-compós*, Brasília, v.11, n.3, set./dez. 2008.